

Universidade Metodista de Piracicaba
Faculdade de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Programa de Formação Contínua em Filosofia

Álvaro Henrique Ribeiro

Piracicaba SP
2006

Programa de Formação Contínua em Filosofia

Álvaro Henrique Ribeiro
Orientador: PROF. DR.
Francisco Cock Fontanella.

Dissertação apresentada a
Banca Examinadora do
Programa de Pós-Graduação
em Educação da UNIMEP
como exigência parcial para
obtenção do título de mestre
em Educação.

Piracicaba, SP
2006

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Francisco Cock Fontanella - Orientador

Prof. Dr. Cléia Maria da Luz Rivero – 1 examinador

Prof. Dr. Márcio Danelon – 2 examinador

Prof. Dr. Sílvio Gallo – 3 examinador

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Capes-Brasil”.

“O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq-Brasil”.

RESUMO:

Com o intuito de formar professores para o trabalho com elementos da filosofia nas séries iniciais se desenvolveu o *Programa de Formação Contínua em Filosofia* junto a rede Municipal de Ensino Fundamental de Santa Bárbara d'Oeste. Este programa teve como suporte influências de pensadores e comentadores da Filosofia, da Educação e, sobretudo da experiência prática e dos diálogos travados com todos os professores envolvidos com a proposta. Este trabalho de pesquisa se propõe a demonstração dos elementos e forma como se desenvolveu o programa. Apontando possíveis caminhos para uma formação mais crítica e consciente do próprio processo de formação, tendo como principal objetivo a produção de seu próprio material didático.

Sumário

1-Introdução.....	01
Capítulo I- Apresentando a teoria de Mathew Lipman:.....	05
1- O que é o programa de filosofia para crianças.....	05
2- o que leva Mathew Lipman a pensar numa proposta de filosofia com crianças.....	07
3- Etapas do processo prático desenvolvidos pelos professores do program de Mathew Lipman.....	08
4- A comunidade de Investigação.....	09
5- Institucionalização do Programa: IAPC e ICPIC:.....	12
6- a Capacitação dos Professores.....	13
7- Os Manuais de Instrução.....	13
8- O método lipmaniano relacionado ao método socrático.....	15
9- Considerações críticas sobre a relação entre as situações problemáticas em J. Dewey com a comunidade de investigação em M. Lipman.....	17
10-Considerações Argumentativas:.....	19
Capítuloll- Pensando num Programa de Formação com Nietzsche.....	21
1- Uma pedagogia Nietzscheana?.....	21
2- O pensamento de Niezsche como suporte de uma proposta educacional	24
3- Como se aproximar da história da filosofia pensando com Nietzsche.....	25
4- Imitar criando: um passo decisivo para o desenvolvimento intelectual.....	27
5- A arte como instrumento para a educação.....	29
6- A qual educação a filosofia de Nietzsche pode nos remeter?.....	30
Capítulo III- O Programa de Formação Contínua em Filosofia com os Professores da Rede Municipal de Ensino Fundamental de Santa Bárbara do Oeste.....	35
1- Principais dificuldades e problemas na implantação do programa.....	35
2- Primeiros passos na construção da proposta.....	38
3- Pensando em atividades para a prática em sala de aula.....	47

4- A produção do Material didático.....	53
5- O programa de visitas as Unidades Escolares (U.Es).....	59
6- Avaliações da proposta pelos Professores.....	65
7-Considerações Finais do Capítulo.....	81
8- Considerações Finais.....	82
Referências Bibliográficas.....	85
Anexos: Trabalhos e material didático produzidos pelos professores da Rede Municipal de Ensino Fundamental de Santa Bárbara d'Oeste.....	89

INTRODUÇÃO

O mundo em que vivemos, a política exercida no mundo e em nosso país, o significado da família do século XXI, o consumo como representação de felicidade, o dinheiro como principal objetivo, a velocidade de informações e seu imenso volume, o acesso ao mundo digital, a comunicação on-line, o capitalismo espalhado ao mundo todo: eis questões importantes para a filosofia no século XXI. O que podemos esperar da educação neste século? E é neste momento que me proponho a pensar numa proposta de formação de professores, que faça uso do que gosto de chamar de postura filosófica na educação.

Não havia uma proposta que se dedicasse a pensar em levar elementos da filosofia para crianças nas salas de aula, e isto ainda se apresenta como algo duvidoso e questionável por muitos professores de filosofia e de outras áreas do conhecimento. Com novas possibilidades de comunicação e do avanço tecnológico a proposta do pensador norte-americano Mathew Lipman¹ se propagou pelo mundo e hoje conta com muitos adeptos no Brasil. *O programa de Filosofia para Crianças: Educação para o Pensar*, está sendo oferecido em várias cidades e estados brasileiros, principalmente em escolas particulares, e conta com uma estrutura sólida e institucionalizada, que é composta de uma matriz localizada nos Estados Unidos da América e com filiais espalhadas pelo mundo. Neste trabalho apresentaremos brevemente o histórico dessa proposta desde sua fundação, desenvolvimento, formação de professores, influências e críticas a mesma. O primeiro capítulo deste trabalho se propõe a isto.

O contato com a proposta de Lipman contribuiu muito para minhas intenções de pensar a filosofia como instrumento de estímulo à dúvida e curiosidade pelo conhecimento para crianças jovens e adultos. Foi em 1999 que tive a oportunidade de aproximar-me dessa proposta e de seus propagadores no Congresso Mundial de Filosofia para Crianças e Jovens realizado em Brasília. Já conhecia algumas obras de Lipman, porém foi

¹ Pensador norte-americano criador da proposta de Filosofia para Crianças: Educação para o Pensar.

naquele momento que decidi pensar e estudar mais profundamente a teoria deste pensador, o que originou minha monografia de graduação com a temática de filosofia e sua relação com as crianças.

O programa de filosofia para crianças: educação para o pensar tem no Brasil uma sede central e suas filiações pelos Estados e cidades brasileiras, e procurei me matricular numa dessas sedes em Campinas, interior de São Paulo, para melhor compreensão do programa, mas não houve na época, inscritos suficientes para abertura de turma de estudos. Resolvi então me aprofundar na literatura a respeito e buscar uma forma de criar minhas próprias aulas como licenciado em filosofia. Trabalhei com alunos do ensino fundamental e médio, sempre criando minhas aulas. Ao longo dos anos pude perceber que não necessitava de uma apostila ou curso preparatório para ser professor de filosofia com crianças. Não aprendi isso na graduação, apenas tivemos contribuições da Profa. Dra. Cléia M. L. Rivero nas aulas de estágio. Não houve em minha época e acredito que ainda não há, esse enfoque com devida ênfase nos cursos de licenciatura em filosofia. Mas a leitura e a prática me ensinaram muito, e muito ainda irão ensinar. O exercício de ensinar é um princípio insuperável ao processo de educação, mas exercer, e pensar no que se exerce, é o que realmente irá nos tornar o que somos. Educadores! Penso que na ação no trabalho do dia a dia se encontram a vida do aluno e do professor.

No ano de 2001 fui convidado a trabalhar na Secretaria Municipal de Educação de Santa Bárbara d'Oeste, como Coordenador de Projetos Especiais, e minha função seria levar a filosofia, que ensinava no colégio particular, para as escolas públicas municipais, capacitando professores para tanto. Em Santa Bárbara a municipalização do ensino envolve o ensino Infantil e o fundamental de primeira à quarta série. Este trabalho centrou seus esforços no desafio de apresentar a filosofia de modo que se desenvolvesse o hábito do filosofar, isto é, que os professores despertassem para o exercício filosófico da dúvida buscando uma consciência para a auto-formação.

Durante todos os momentos que estudava uma forma de pensar filosofia junto com as crianças, jovens e adultos, não conseguia imaginar uma forma melhor que na ação, na vivência de alguma coisa, que poderia ser

representada por uma expressão artística. Poesia, música, teatro, literatura, expressadas na redação, interpretação e no diálogo. Nesse sentido buscava elaborar um método. E através de influências de pensadores da filosofia, como Friedrich W. Nietzsche, e de pensadores contemporâneos mais próximos, como Rosa Maria Dias, Walter Omar Kohan, Marcos Antonio Lorieri, Sílvio Gallo entre outros. Busquei construir a partir da literatura e da experiência minha própria forma de trabalhar com elementos da filosofia na escola com crianças, jovens e adultos. Dentre estes escritores citados acima desenvolvo atenção a Nietzsche num determinado momento nesta dissertação. Penso ser este pensador a principal influência do modo como penso a filosofia e a educação, e suas obras foram fundamentais para a construção de uma metodologia, que pretende demonstrar que é possível educar-se a si mesmo. O segundo capítulo demonstra como o pensamento nietzscheano inspirou e influenciou a criação deste método de capacitação. Não pretendo nessa pesquisa um aprofundamento nas filosofias de Nietzsche e de Lipman. Estes autores são apresentados aqui para evidenciar apenas a influência que exerceram no trabalho que foi desenvolvido junto a Secretaria de Educação. Lipman, porque é o idealizador do programa de filosofia para crianças, e Nietzsche, porque contribuiu para construção do modo como trabalhamos e desenvolvemos o programa de Santa Bárbara. Esta não é uma pesquisa sobre filosofia, mas sobre educação com contribuições da filosofia.

Estudei com os professores da Rede Municipal de Ensino de Santa Bárbara d'Oeste, textos de livros de história da filosofia, de filósofos, de autores do tema filosofia e crianças, e construímos juntos a metodologia e o material didático. Esta pesquisa pretende demonstrar que isto é possível. É possível que os professores não formados em filosofia aprendam a produzir suas aulas, seus textos, fazendo uso de sua criatividade, evitando materiais já prontos e oferecidos apenas para reprodução, desde que sejam levados ao hábito filosófico. Esta experiência se deu de 2001 a 2004 e envolveu os professores do Ensino Fundamental de Primeira a Quarta série. No entanto, delimitamos para esta pesquisa a experiência com os professores de terceiras e quartas séries.

O terceiro capítulo expõe o desenvolvimento do trabalho de capacitação da área de filosofia com estes professores. Desde o modo como foi elaborado, as influências teóricas, os depoimentos e questionários.

A observação de minha própria prática foi refletida no diálogo com os autores aqui citados, entre outros, e ainda levando em conta atividades desenvolvidas pelos professores. Apresentaremos textos e propostas de aula desenvolvidos no Programa de Capacitação Contínua em Filosofia. Depoimentos foram colhidos e um vídeo foi elaborado no Programa de Visitas às Unidades Escolares de Santa Bárbara d'Oeste. Concentramos nossos esforços para a inclusão de filosofia na vida escolar e tentamos demonstrar a contribuição da filosofia para o docente primeiramente e depois para o discente. Temos o intuito de tornar pública a experiência que tivemos, a qual é dotada de elementos relevantes, tanto para a contribuição do processo de formação de professores como para o trabalho de filosofia com crianças.

Através do pensamento nietzscheano a respeito da educação de si mesmo, que busca o conhecimento amparado pelo mestre na tentativa de superação, que pesquisa acerca de suas necessidades e apresenta a filosofia como esse instrumento para se pensar a realidade, encontrei o ponto central dessa pesquisa, que se aponta à tentativa de um processo diferenciado de trabalho, onde o educador é um agente interativo na proposta, que faz o ensaio de tornar a filosofia um instrumento novo para a vida, criando seu próprio material didático apresentando "utilidade" para a educação, superação de si mesmo e de seus alunos.

Capítulo I - Apresentando a Teoria de Mathew Lipman - Uma Proposta de Filosofia Para Crianças.

1-O que é o programa de Filosofia Para Crianças.

“O programa de Filosofia para crianças” nasceu com o professor de lógica e pragmático norte-americano Mathew Lipman. Surgiu no cenário da educação em 1970. Com espanto foi recebido pela academia, e mais tarde pela mídia, principalmente por relacionar de modo inédito a filosofia e a criança; acaba adentrando em vários jornais, revistas e programas de televisão. Foi dado o primeiro passo à popularização. Nesse ideal deve-se muita atenção e respeito a esse pensador com tamanha coragem de se lançar a algo que parecia impossível de se realizar. Desde então são promovidos muitos congressos. Criou-se a perspectiva de se pensar a filosofia na escola, a partir dos primeiros anos escolares. São apresentados os moldes da metodologia desenvolvida por Lipman e se tem contato com o programa através de oficinas que, oferecidas por adeptos do programa, demonstram os trabalhos realizados pelos alunos, com o desenvolvimento da proposta em diferentes países, porém sempre na mesma direção, ou melhor, fazendo uso dos mesmos materiais didáticos. Seguindo os princípios do Programa de Lipman, é de fundamental importância essa homogeneização para a realização do programa, ser fiel aos objetivos propostos, que têm seu ponto culminante naquilo que Lipman irá chamar de Comunidade de Investigação.

O Programa de Lipman é constituído por sete novelas, produzidas para crianças a partir de cinco anos de idade. São elas *Elfie*, *Issao e Guga*, *Pimpa*, a descoberta de *Ari dos Telles* e finalmente, *Luísa*, *Suki e Mark*. *Elfie* é direcionada para crianças de cinco e seis anos. É uma tentativa de aproximação ao processo, que se deve aos pré-socráticos. Tem início com um primeiro momento de estranhamento, em que se propõe trabalhar a dificuldade com o mundo escolar. *Issao e Guga* é indicado às crianças de seis a oito anos, uma novela que supõe uma introdução à zoologia e um primeiro contato com as questões das regras da lógica. Para as de oito a dez anos é oferecida a

novela *Pimpa*, uma preparação para a lógica aristotélica formal da novela posterior. A descoberta do *Ari dos Telles* é a tradução da lógica formal, destinada aos estudantes de dez a doze anos. As três novelas seguintes são destinadas aos alunos do curso secundário. São uma retomada do processo lógico-formal e se propõem à aplicação de tais regras aos domínios da ética, da estética e do político.¹

Daniel refere-se aos personagens das novelas de Lipman, quando diz:

(...) as personagens de suas novelas são modelos concretos para os jovens leitores – modelos, à medida que servem de exemplo a seguir ou imitar. Os heróis são crianças que pensam ou, mais exatamente, que gostam de pensar e que se divertem no ato de refletir. Eles ilustram de forma concreta o que Lipman chamaria de “crianças educadas” ou ainda, “o feliz produto de uma educação significativa”. Sob essa ótica, portanto, as personagens lipmanianas representam um ideal a ser seguido – ideal que eleva a criança e que a leva a explorar mais o que ela é. (2000, p.19).

Deste modo não é difícil compreender o porquê das divisões de faixa etária proposta nas novelas e do preparo linear para a lógica formal, uma vez que estão contidas nestas os moldes daquilo que Lipman prevê como modelo de uma sociedade melhor, mais justa, com domínio de raciocínio, e consciente da realidade que a cerca. A educação do ser humano desde a infância, que pressupõe em sua teoria, deve acontecer a partir da imitação e de modelos, e não tanto pela reflexão e pela descoberta de um saber social novo para a criança, embora vivido pelo adulto.

¹ Cf. DANIEL, Marie-France. *A Filosofia e as Crianças*. Trad: Luciano Vieira Machado, São Paulo: Nova Alexandria, 2000, pp. 18/19.

2-O que leva Mathew Lipman a pensar numa proposta de filosofia para crianças?

Com o desenvolvimento de suas aulas de lógica na universidade, Lipman percebe a carência da capacidade de raciocínio de seus alunos e se põe a pensar como, de que forma a lógica formal através de silogismos poderia melhorar tal capacidade evidentemente estagnada.

Eu me perguntava espantado que benefício meus alunos poderiam tirar do estudo das regras que determinam a validade dos silogismos, ou da aprendizagem da construção de proposições inversas. Haveriam eles de raciocinar melhor em função de seus estudos de lógica? Não estariam seus hábitos lingüísticos e psicológicos tão solidamente arraigados que todo tipo de método ou de ensino relativo ao raciocínio chegava um pouco tarde? (LIPMAN,1974 apud DANIEL ,2000, p.18).

Nesta perspectiva de pensamento começa a se formar o projeto de filosofia para crianças. O que Lipman demonstra claramente é que o jovem, que ingressa na universidade, já traz como bagagem um pensamento unilateral, carregado de uma “tonelada” sobre os ombros, que lhe impede de caminhar; detém um pensamento fechado, limitado por um processo de educação, que não o leva a pensar sobre seu cotidiano vivenciado. Assim sendo, chegou à conclusão de que o pensamento autônomo e crítico deverá se formar desde as séries primárias, e o melhor instrumento para esse trabalho é sem dúvida a filosofia. O grande desafio estava lançado: Como fazer para tornar acessível o pensamento complexo e rebuscado da filosofia algo apropriado à linguagem infantil? Encontra a resposta através das novelas por ele criadas.

Descobrimos {os membros do IAPC} que os textos filosóficos para crianças são absolutamente essenciais, se bem que possam ser

escritos sob forma de novelas, mais que na forma abstrata e didática dos textos tradicionais. (LIPMAN, 1985 p. 37).

Neste sentido se dá a originalidade do programa deste autor, produzindo textos filosóficos adaptáveis à leitura das crianças. Cabe perguntar se isso realmente ocorre na prática educacional; e mais: se, na busca de um raciocínio melhor, partir da melhora da lógica formal é suficiente para essa tarefa. Lipman propõe uma educação para o pensar, o que poderia ser entendido como pensar bem, tendo como suporte para a realização desse desafio a filosofia para crianças.

3- Etapas do processo prático desenvolvido pelos professores do programa de Mathew Lipman.

O Programa é desenvolvido em algumas etapas, isto é, trabalhado dentro de uma cronologia. O primeiro passo se dá no momento de leitura das novelas; o segundo seria o levantamento de questões feitas pelas crianças, que são anotadas uma a uma pelo professor, e então chegamos ao ápice do processo, o diálogo entre os alunos, debatendo sobre as questões levantadas. Tudo isso em um ambiente onde a alteridade se torna ponto chave para que a discussão se desenvolva da melhor maneira possível. Essa etapa, em que são expostas e dialogadas as inquietações dos alunos, será o “fazer filosofia” para Lipman, pois essas discussões são denominadas discussões filosóficas, travadas naquilo que se denominará Comunidade de Investigação.

(...) Por isso, a filosofia de Mathew Lipman é uma coisa bem diferente. É antes uma atitude ou um estado de espírito que uma disciplina acadêmica. É um procedimento individual que visa à superação contínua do pensamento pelo diálogo. Com essa maiêutica filosófica, a criança aprende a diferenciar quando pensa por si mesma e quando repete o discurso do outro; ela aprende a pensar bem e a questionar (...) a criança que participa de uma troca filosófica analisa, critica e questiona os saberes transmitidos. Assim, em lugar de cair seja numa frouxidão passiva, seja numa fé ingênua face aos discursos do professor, a criança que pratica a filosofia considera todo conhecimento como uma hipótese a verificar. (DANIEL, 2000 p.23).

Cabe ressaltar que o professor tem a função de mediador das discussões, tal qual o mediador de uma mesa redonda em um debate universitário, podendo adentrar com questões provocativas aos alunos e buscando a ordenação disciplinar durante o diálogo, quando é dado a cada um o direito de se expressar e ser ouvido com respeito pelo outros integrantes na comunidade de investigação.

4- A Comunidade de Investigação

A comunidade de investigação será o ponto chave do programa de Lipman. É nesse espaço que Lipman espera tornar o ensino reformado voltado para o pensar bem, isto é, para o desenvolvimento das habilidades cognitivas, abandonando a concepção de transmissão de conhecimentos. É através da relação de diálogo entre todas as partes, isto é, professor –alunos, alunos-professor, alunos-alunos, que se dará o fazer filosófico na visão de Lipman. É preciso adentrar um pouco mais nessa questão, para compreendermos melhor a concepção da idéia de comunidade investigativa.

A comunidade de investigação é uma dinâmica, ou técnica de grupo, em que supostamente se desenvolve a potencialidade dos alunos. Nesse diálogo franco e aberto são trazidas as idéias contidas nas novelas filosóficas relacionadas com as que emergem espontaneamente dos alunos. A comunidade de investigação é o “lócus” mais apropriado para a descoberta dessas questões lógicas e pessoais. As crianças devem se sentir livres para expor suas críticas e idéias, e para isso o ambiente deve ser propício; deve imperar o respeito que partirá da relação professor-alunos. Desse modo, exigindo o respeito do grupo, se cria o ambiente favorável para superação de si mesmo, e é acentuada a motivação individual. Essa proliferação de idéias não visa uma resposta última fechada, imediata, mas, através da troca de opiniões e por trás das palavras, numerosas definições, significados e novas possibilidades. Na sua concepção, baseada na perspectiva pragmática, a comunidade de investigação funciona como o espaço mais indicado para provocação, um estimulante para o ato de espantar-se. Assim sendo, justifica-se o processo investigativo de Lipman como um aproximar-se à atividade filosófica.

É o próprio diálogo que torna a criança capaz de fazer-se pessoa, e a leitura em voz alta de uma novela, que em si mesma é um modelo de diálogo, prepara a criança para essa participação dialógica que se seguirá. Falar e escutar comportam uma reciprocidade, uma lição a dar e a receber, uma tolerância e um respeito a cada um dos participantes, assim como uma compreensão do sentido das palavras do outro. (SHARP, 1985 apud. DANIEL 2000, p.131).

Portanto, será através do processo da Comunidade de Investigação, que o fazer filosofia, diferentemente do aprender filosofia, se dará. Vale dizer que essa questão do fazer filosofia é fundamental para a compreensão da concepção de filosofia em Lipman. Trata-se, antes de tudo, de um modo de vida. Esse fazer filosofia consiste em praticar o pensar de ordem superior, em última instância significa pensar de acordo com os fundamentos da lógica formal. Acredita-se que é pela linguagem que se processa o pensamento, e o melhor caminho para aprender a filosofar é o diálogo. Ou melhor, o diálogo filosófico, que é trabalhado dentro da Comunidade de Investigação com elementos da lógica formal, se propõe ao desenvolvimento do pensamento.

Eis as palavras do próprio Mathew Lipman para a compreensão e justificativa da Comunidade de investigação.

- 1. A melhor pedagogia para apresentar a filosofia às crianças esta baseada na comunidade de investigação.*
- 2. A investigação desenvolve a inclinação natural da criança para perguntar, ser curiosa e discutir.*
- 3. Da mesma forma como os indivíduos deliberam para formar seus julgamentos, grupos de crianças deliberam juntas num processo de pensar coletivo distribuído que também leva a julgar.*
- 4. O desenvolvimento da identidade da criança pode ser assistido pela exposição da criança ao desenvolvimento da novela filosófica.*
- 5. Os personagens fictícios na novela filosófica podem servir de modelos de diversas formas racionais de conduta para as crianças na sala de aula.*
- 6. Os diferentes tipos de planos de discussão existentes nos Manuais Instrutivos proporcionam uma variedade de formas de estruturar as discussões filosóficas.*
- 7. O julgamento das crianças pode ser fortalecido possibilitando-lhes a prática freqüente de fazer julgamentos, através dos exercícios dos Manuais*

Instrutivos, e dando-lhes oportunidade de sustentar seus julgamentos em razões fortes e relevantes.

8. *O raciocínio das crianças pode ser fortalecido ensinando-lhes as regras elementares de inferência e levando-as a ser sensíveis às violações dessas regras.*
9. *O aprendizado de conceitos por parte das crianças pode ser aperfeiçoado dando-lhes freqüentes oportunidades de definir os termos que elas mesmas usam no decurso de suas discussões, e chamando-lhes a atenção para as discussões que elas mesmas introduzem.*
10. *A apreensão da classificação pelas crianças pode ser fortalecida possibilitando-lhes a prática de distinguir entre o genérico e o específico, por exemplo, nomes comuns e nomes próprios, bem como através da prática de exemplificar e generalizar.*
11. *O papel do professor de Filosofia para Crianças não é o de responder as perguntas, mas de facilitar o surgimento das perguntas dos estudantes, tanto quanto sua busca de respostas.*
12. *O professor de Filosofia para Crianças deve insistir para que os estudantes considerem as idéias que permeiam as discussões na sala de aula em termo de seus marcos referenciais ou contextos²*

Mais adiante voltarei a essa discussão de maneira mais crítica. Por hora continuemos esta caminhada na exposição das características do programa de Filosofia para Crianças.

Precede ao processo de capacitação de professores ligados ao programa, o processo de institucionalização do programa de filosofia para crianças, através da criação do Instituto para Desenvolvimento de Filosofia para Crianças (**IAPC**) e do Conselho Internacional para Investigação Filosófica com Crianças (**ICPIC**)

Destes vamos tratar a seguir:

5 - Institucionalização do programa: IAPC e ICPIC:

Com o crescimento do programa de filosofia para crianças, surgiu a necessidade de institucionalizá-lo, criar uma existência jurídica. Portanto, em 1974 Mathew Lipman e Ann Margaret Sharp fundam o IAPC, *Institute for the Advancement of Philosophy for Children* (Instituto para o Desenvolvimento de Filosofia para Crianças) cujo objetivo central era o de ordenar, difundir e

implantar o programa de filosofia para crianças nos Estados Unidos e também fora dele. Com a difusão do programa na mídia, foi-se conquistando espaço para palestras e cursos de profissionalização para execução do mesmo programa.

É com a formação desse grupo que são criadas as novelas entre 1974 a 1987, citadas no início deste trabalho. Com o crescimento e difusão da proposta lipmaniana o IAPC se consolidava e essa grande abertura ao mundo possibilitou a criação do *International Council for Philosophical Inquiry with Children* (Conselho Internacional para investigação Filosófica com Crianças), ou seja – ICPIC- fundado em 1985. É através dessa organização que se dão as reuniões para discussões sobre os principais problemas, que circundam a aplicação do programa nos vários países, onde o programa é adotado, com traduções e adaptações das novelas às culturas locais. Existem também centros fundados em outros países, que funcionam como uma espécie de franquia da matriz Norte-Americana. As evidências, que da prática se apresentam em aulas e vídeos sobre as práticas desenvolvidas, nos levam a pensar que, além da busca de uma ordenação do programa, existe uma visão mercadológica empresarial detentora de uma patente. Portanto, se um professor tem interesse em conhecer melhor a proposta através de leituras e experiências com o método de Lipman, que se dirija ao centro de habilitação mais próximo, onde será instruído e treinado por profissionais altamente qualificados para torná-lo um profissional apto à execução do trabalho com o método de Lipman. A respeito da capacitação de professores trataremos a seguir³.

6- A capacitação dos Professores

Antes de percorrer o processo de capacitação para o trabalho com a proposta de Lipman, é importante informar que para o trabalho de filosofia para crianças o candidato não tem necessidade de formação acadêmica em filosofia. Basta que se matricule no curso de capacitação em um centro de

² LIPMAN, Mathew. Alguns pressupostos educacionais de filosofia para crianças, *in* Filosofia para Crianças em debate. KOHAN, W.O. e LEAL, B. p. 19.

filosofia para crianças e curse às 40 horas exigidas para cada novela filosófica para ser um profissional capacitado para lidar com a didática do programa, uma vez que o coeficiente filosófico está restrito à produção de “novelas” - cujos enredos são pré-determinados.

7- Os manuais de instrução

Os manuais de instrução são oferecidos no curso de preparação, acompanham as novelas e trazem consigo orientações para atividades, aspectos teóricos do programa, da metodologia, planos de discussão e exercícios para serem desenvolvidos com as crianças. A função desses manuais é a de fornecer aos mediadores o planejamento das aulas de filosofia, tais como atividades e temas para discussão na sala de aula com as crianças, direcionados à educação para o pensar. É interessante pensar que para a reprodução automática do programa realmente não há necessidade de uma formação acadêmica em filosofia, mas cabe aqui indagar se esse profissional, que apenas reproduz, não encontrará pela frente situações, nas quais possa ser surpreendido pela necessidade de desenvolver uma questão levantada por um dos alunos, de cunho filosófico, que fugiria aos manuais.

SILVEIRA assim se expressa:

(...) É também no manual que os professores encontram as questões “filosóficas” (o conteúdo) que deverão ser discutidas pelos alunos (Ricart, 1987), além de sugestões de como promover a integração entre o conteúdo das aulas de Filosofia para Crianças e o das outras disciplinas (...) (...) Por essa razão, assim como as crianças e também alunos de faculdade “precisam de textos primários”, esses professores “precisam imensamente da orientação profissional” de especialistas que lhes forneçam “exercícios preparados e planos de discussão” previamente elaborados que os orientem no desenvolvimento do trabalho (1990, pp.207-208)(...) (...) É interessante notar que Lipman considera o professor não formado em filosofia inapto para conceber e planejar o trabalho com o programa, mas não para executar as orientações já prontas dos manuais(...). (2001, p. 78)

³ Cf. SILVEIRA, Renê José Trentin. A Filosofia vai a Escola? Contribuição para crítica do programa de Filosofia para Crianças de Mathew Lipman, p. 19.

Ainda nessa direção vemos aqui uma sobre qualificação do monitor em filosofia, uma vez que, para ser mediador de filosofia nesse programa, são necessárias apenas quarenta horas, enquanto que no processo de graduação em filosofia são necessários em média quatro anos. E mais. A pergunta central aqui é: esses mediadores não estão na verdade assumindo uma posição cômoda e alienada diante do processo de educação? Parece-me que nesse sentido é positivo ao programa que o mediador não questione, ou melhor, que não tenha conhecimento filosófico nenhum, afinal é mais fácil adestrar aquele que não tem elementos para questionar; ou não?

Assim como na fábrica o operário não pode pensar (esse é, pelo menos, o ideal, pois o pensamento seria uma perda de tempo e o capital não pode de modo algum perder tempo: time is money), também na escola do maternal à universidade, o professor é cada vez mais dispensado de pensar. Basta executar! Inclusive porque quem pensa questiona, duvida, discorda das determinações, quer saber o porquê das coisas e da atividade que realiza, sendo considerado um indivíduo inconveniente, perigoso (COELHO, 1989 apud, SILVEIRA, 2001, p.80).

O curioso é constatar que dentro de uma proposta, em que o objetivo é, como chama Lipman, a educação para o pensar, se demonstre tamanha importância com o pensar dos alunos e tamanha displicência com os mediadores. A meu ver esse processo limitador e que vê o mediador como alguém a ser treinado rompe claramente com a idéia de um professor reflexivo, que pensa e participa ativamente na construção daquilo que irá ensinar, colocando-o numa posição alienante, capacitado apenas à reprodução sem a compreensão de todo o processo, ou melhor, do processo de criação. Neste ponto me questiono: será que é esse professor que desejo ser? Ou, será que é esse professor que gostaria que estivesse dando aulas ao meu filho, se propondo a ensiná-lo como pensar melhor? Como alguém pode ensinar a pensar, se não exerce o seu próprio pensamento? É por esse e outros aspectos que me propus trilhar este trabalho, visando uma maneira de melhor compreender e decidir sobre a seleção de uma didática aplicada às necessidades de meus alunos, e ainda ter maior clareza de que aulas de filosofia sejam dadas por professores com capacidade de pensar

filosoficamente, e que detenham conhecimento filosófico e competência de diversificar a metodologia no processo de ensino e aprendizagem, principalmente usando de sua criatividade, para que possam emancipar-se dos materiais didáticos.

8- O método lipmaniano relacionado ao método socrático

Como expressa a teoria de Lipman em seu programa, o professor tem a função de um mediador dentro da comunidade de investigação, podendo como integrante desta também fazer suas intervenções, vez que outra levantando questões que não foram levantadas ainda pelos alunos. Porém, durante a discussão deve abster-se de colocar seu ponto de vista acima dos outros, para evitar a doutrinação, e também para que os alunos busquem por si mesmos as respostas às questões levantadas; dessa forma se rompe com a idéia do professor ser fonte de informações, o que me parece inteiramente positivo. O papel do professor está associado ao método socrático, ou seja, à Maiêutica, na qual os professores devem se espelhar. Aqui podemos nos questionar se realmente o processo é o mesmo.

Silveira assim se expressa sobre esse aspecto:

(...) Sócrates apenas “fazia de conta” que nada sabia em relação ao tema em questão, com o intuito de obter de seus interlocutores o reconhecimento da ignorância deles próprios e da necessidade de buscarem fundamentos mais sólidos para seus conhecimentos. Daí ser essa uma atitude de ironia. Com o professor de filosofia para crianças, porém, ocorre algo bem diferente. Na maioria das vezes, sua ignorância em relação ao assunto a ser debatido pela classe não é nenhum “faz de conta”, mas dura e triste realidade, da qual resulta o risco de que a discussão por ele coordenada incorra num espontaneísmo e num relativismo típico do senso comum, e que mais se assemelham à prática dos sofistas (pelo menos da imagem que deles nos projetaram seus oponentes) do que propriamente à de Sócrates ou de Platão, para quem o compromisso com a busca do conhecimento verdadeiro e bem fundamentado (epistême, em oposição à opinião – dóxa) era uma exigência fundamental (...)
(SILVEIRA, 2001, p.84)

A respeito da prática de filosofia para crianças identificam-se muitos pressupostos, colocados filosoficamente pelo autor da proposta, porém, no processo de capacitação de professores está o ponto mais polêmico. Dentro

dessa perspectiva diria que chega a parecer no mínimo questionável, uma vez que, como um médico tem a necessidade de estudar a fundo medicina para depois medicar e curar penso que o mesmo se dá no processo de educação, ou então daremos as aulas de física a um historiador, ou as de história a um matemático ou as aulas de filosofia a um recém-formado no ensino médio com um curso de quarenta horas, findo o qual será treinado para ser professor de filosofia. Não posso aceitar algo proposto dessa maneira. É necessário oferecer a possibilidade de criação do “pensar filosófico” pela ação do mesmo. E suspeito que a reprodução apenas não seja suficiente para tanto. Esta questão precisa e merece ser levantada por muitos, pois banaliza a filosofia e seus respectivos professores, não por defender a idéia de filosofia para crianças, ou que professores de outras disciplinas não possam trabalhar elementos da filosofia com seus alunos, mas pela maneira como vem sendo praticada.

9- Considerações críticas sobre a relação entre as situações problemáticas em J. Dewey com a comunidade de investigação em M. Lipman.

A metodologia de trabalho desenvolvido pelos professores adeptos do programa de filosofia para crianças de Lipman centra as ações na idéia fundamental do processo de leitura e do diálogo exercido na comunidade de investigação. Dar-se-á através do aparecimento de uma situação problemática. Esta situação, que aqui aparece como um problema para toda classe, direcionará todo o desenvolvimento da aula. É possível aparecer mais de uma. Porém, tenho a impressão de que através dos livros didáticos essa situação é simplesmente induzida pelo mediador (Professor), e que isto se dá como problema para toda sala de aula, ou melhor, para todos os alunos. Creio que nos cabe questionar, se uma situação problemática para um determinado aluno é também para o outro, e assim, como dizer de uma situação problemática para todos os alunos? E por quê definir uma situação como problemática a todos, e tentar resolvê-la, antes da percepção da existência de um problema? E, ao eleger um problema a ser debatido pelo grupo, não se correrá o risco de

que a visão da maioria impere sobre a visão da minoria? E essa visão não pode muito bem ser um pensamento genial de um só aluno? Não seria a imposição de uma tendência do pensamento em grupo um exercício pouco filosófico, uma vez que toda filosofia diz respeito ao seu pensador? O professor Samuel Scolnicov da Universidade Hebraica de Jerusalém, quando esteve aqui no Brasil, em Brasília, no congresso mundial de Filosofia para Crianças e Jovens em 1999, se expressou assim a esse aspecto:

O conceito de Dewey de uma situação problemática é ele mesmo problemático. De acordo com Dewey, uma situação é problemática porque causa desconforto, levando-nos a mudá-la por intermédio da conceitualização, pelo menos em uma certa medida, e pensando suas possíveis ramificações. A solução desenvolvida a partir dessas ramificações, é satisfatória se ela supera o desconforto ocasionado pela situação original. Assim para Dewey, o problema e, até certo ponto, a solução, são inerentes à própria situação problemática.

Peço licença para discordar. Como Sócrates nos mostrou, uma situação nunca é, em si mesma, problemática. É necessário abrir os olhos das pessoas à contradição entre as idéias que elas têm e as coisas que elas vêem. Se situações pudessem ser problemáticas em si mesmas, elas teriam de ser contraditórias, e isso não pode ser, pois, por definição, nada que existe pode ser contraditório. (Isso quer dizer que situações não podem ser dialéticas; mas isso já é outra coisa.) Ver que uma situação é problemática já implica reflexão (...) nenhuma situação é problemática sem mediação; ela não se torna tal senão quando eu distingo entre minhas expectativas e os fatos que me confrontam, e fico consciente da discrepância entre estes e aquela (...) em outras palavras, um problema (de qualquer tipo) tem de ser imposto de fora. Um problema não é uma contradição na própria situação. Nosso desconforto com a situação é nosso. Mas precisamente por isso que nem todos sentem a situação como problemática... (SCOLNICOV. A problemática da comunidade de investigação: Sócrates e Kant sobre Lipman e Dewey. In: Filosofia para crianças em debate. Walter Omar Kohan e Bernardina Leal. Orgs. p.91).

Penso que diante de um processo, em que o diálogo é o ponto central da perspectiva de um ensino filosófico escolar, não há como não se deparar com as seguintes questões: um processo como esse não pode anular a particularidade de cada aluno? Ou, dentro dessa comunidade investigativa, que

tende a incorporar situações problemáticas, não estaríamos forçando a homogeneização de um problema a todos, portanto, anulando o processo inverso, que seria a própria situação sendo proposta pelo indivíduo? Creio que na tentativa de uma proposta de filosofia devemos compreender que filosofia também se faz só, contrariando a idéia de Lipman, no meu modo de pensar. A filosofia pode partir do individual para o coletivo, sendo que o coletivo tende a passar ao individual novamente. Não quero dizer aqui que o lugar para o diálogo tem de ser tomado ou que não se deve pensar coletivamente, porém não pode ser posto como o espaço que em qualquer circunstância se faz filosofia. Faz-se filosofia acima de tudo pensando a partir de si mesmo, de sua existência e do todo. O espaço destinado ao diálogo deve ser apenas mais um espaço; não o centro, mas apenas um ambiente para se debater e trocar idéias.

Não estou dizendo ou implicando que crianças não devem ser socializadas em uma investigação conjunta. Mas grande cuidado deve ser tomado para que elas sejam também educadas para pensar por si mesmas e para ser plenamente responsáveis por seu pensamento. Ninguém pode pensar por elas. A decisão entre “sim” e “não”, como no diálogo socrático, é profundamente individual. Não porque os critérios são individuais e tudo é permitido. Muito pelo contrário: cada decisão tem de ser tomada pelo próprio indivíduo, livre de pressões e constrações externas, mas ele deve também estar disposto a defendê-la contra o grupo, em caso de necessidade. (Id., ib. p.95).

O que se espera dentro de uma comunidade de investigação é que através do diálogo se obtenha uma consciência crítica a respeito do real que a cerca, mas penso que dentro de um diálogo aberto, sem apropriações da filosofia, não podemos atingir essa meta, deixando assim as palavras ao vento, não exercendo a saída do processo de pensamento do senso-comum. Num diálogo em grupo a tendência é que um aluno queira sobrepor seu discurso ao outro, pretenda a anulação do outro, o que torna a comunidade de investigação um lugar complexo que deve ser cuidadosamente trabalhado pelo professor-

mediador e não pode ser colocado como único lugar em que a criança pratica a filosofia.

10- Considerações argumentativas

Ao longo do processo de apresentação do programa de Lipman fica evidente que por trás de uma nova proposta de ensino de filosofia se mantém um velho aspecto proposto pela Idade Moderna. Nessa perspectiva o aluno não é levado a uma conscientização da realidade, a cultura é posta de lado e se toma o mercado como única referência, adestrando os alunos a uma postura de conformidade com o sistema posto, e através de uma proposta de filosofia centrada basicamente na lógica formal, propondo silogismos, que não lhes propiciam a saída do senso comum, mas apenas uma metodologia, que pretende desenvolver o raciocínio lógico. A indicação da comunidade de investigação como ponto chave para produção filosófica torna-a uma propriedade do coletivo e esgota-se assim a possibilidade de sustentar-se na singularidade, criando situações problemáticas, que na verdade já parecem contar com respostas sugeridas, e que são inferidas pelos professores devidamente treinados através dos manuais filosóficos; o que, somente pelo fato de se pensar em treinamento de professores, já se torna algo extremamente questionável.

Cabe-nos pensar se o lugar da filosofia se limita apenas ao diálogo, ou à lógica formal, uma vez que, como espero demonstrar em relatos próximos de minha pesquisa, visio a produção textual e desenvolvimento cultural sem pontos objetivos e utilitários, mas na tentativa constante de despertar aquilo que gosto e chamar de “olhar filosófico”, sempre insistindo e caminhando com a alma inquieta e curiosa em relação à existência. Não visio a história da filosofia como centro, me prendendo à cultura passada. Mas, como uma espécie de aprendizado como com um conta-gotas histórico, que aos poucos vai propiciando aos alunos a consciência da existência dos homens da filosofia, de sua vida e suas obras, com a busca de uma maneira de adequar aos alunos uma linguagem acessível, para que estes possam escrever o que pensam,

num processo de “criação imitadora”, e assim desde cedo tendo contato com a proposta de que, para se escrever bem, é necessário ler e escrever sempre. Pois, a filosofia é sem dúvida o melhor campo para se aprender a refletir, duvidar e criticar, porém não somente no plano da fala, mas também no da escrita.

Capítulo II-Pensando num Programa de Formação com Nietzsche

Antes de percorrermos o processo de formação contínua em filosofia, desenvolvido em Santa Bárbara, acredito ser importante demonstrar que esta proposta foi pensada, partindo de minha principal inspiração teórica: o pensador alemão Friedrich W. Nietzsche.

1- Uma pedagogia nietzscheana?

Poderíamos imaginar uma pedagogia pensada com o auxílio do pensamento de Nietzsche? Em que consistiria uma proposta como essa? Como educar à luz dos escritos deste pensador? Primeiro: pensar numa proposta, em que a questão do ensino/aprendizagem passe pelas afirmações, que Nietzsche fez da educação de seu tempo, traz sem dúvida alguma o conceito de como se tornar o que se é: “(...) *filosofia, tal como até agora a entendi e vivi, é a vida voluntária no gelo e nos cumes – a busca de tudo que é estranho e questionável no existir (...)*” (Nietzsche, # 3 2000a. p.18) A cada passo o educador deve comprometer-se com a educação de si mesmo, num processo intenso, pois buscará numerosas vezes a contramão do pensamento estabelecido pela sociedade e pelo Estado. Antes de tudo colocar-se-á no plano do extemporâneo ou *Outsider*. Partirá numa jornada que trará desconforto e náuseas, mas que lhe permitirá o direito de criar, crescer e buscar se libertar. Porém, essa tarefa implica necessariamente na incessante busca da solidão, tendo em mente que não mais falará para muitos, mas para poucos, e entre esses, logo perceberá que falará a ninguém.

A filosofia tem sido exercício de poucos, e sempre traz consigo a certeza da dúvida. Nesse sentido é cabível a afirmação de que ela nos oferece a desconstrução de conceitos que parecem encapsulados sob os dogmas mais profundos de nossa relação com a vida. Pensar com Nietzsche é educar-se, mesmo sem o querer. É exercitar a liberdade de voar mais alto, para além do

bem e do mal, das representações da vida contemporânea e adentrar em um caminho, onde a existência passa a ser questão do ser.

Essa apelação à voz da consciência da qual surge o imperativo de ser sujeito acentua essa sensação de solidão, de heróica solidão, como a condição de partida de um sujeito que não pode confiar agora nem na religião, nem na sociedade, nem no Estado, para encontrar seu próprio caminho. E, ao final dessa seção introdutória, depois de formular a pergunta de “como nos reencontramos a nós mesmos, como é dado ao homem conhecer-se?” Nietzsche propõe uma série de exames da consciência que inclui um olhar reflexivo até os próprios educadores, e que servirá como transição para um deslocamento do olhar até Schopenhauer, e, através de Schopenhauer, até a filosofia como forma de vida e como disciplina de liberação e intensificação da vida, ou, se se quer, como disciplina da indisciplina. (LARROSA. 2004. p.58)

Colocar-se no plano da resistência supõe que, mesmo envolto pela situação presente, se alimenta de pensamentos, que poderão se tornar ação de resistir. O educador pode desenvolver seu senso crítico, na medida em que sua prática pedagógica tem relação com a vida, partindo da contestação de sua própria cultura atual. Nada pode ser mais custoso que se posicionar assim. Negar o que está estabelecido, tomar posição contrária ao fluxo, do que se propõe a maioria, poderá lhe custar a posição de professor. O educador nasce nesse momento. Assim que passa a caminhar por si mesmo, convicto de sua posição, como aquele que é capaz de se recriar, de tornar-se outro, por encontrar-se a si mesmo. Neste processo de busca nada encontrará além da solidão.

O educador que pretende educar-se necessariamente afirma a vida e o mundo, construindo e desconstruindo a si mesmo. Almeja o seu máximo, e supera-se constantemente na ação diante disto. Para tanto, como perseguir uma proposta de educação nestas condições? Sabendo desde sempre, que isto não é condição para todos os homens.

Sobrinho (2003, p. 37) assim se expressa a este respeito:

A nova educação defendida por ele exige, do ponto de vista do processo didático-pedagógico, valorizar as aparências nas suas diferentes intensidades e perspectivas, ou seja, ela exige antes de mais nada “ ser fiel à terra”, como única via de superação dos nihilismos e de atingimento da grandeza; esta nova educação pressupõe que a vida somente está justificada como fenômeno estético, como formação de si, como cultura, como empreitada de destruição/criação que indica novos modos de pensar inusitados até então. De fato, para Nietzsche, a educação significa auto-formação.

O conceito de auto-formação apresentado na reflexão de Sobrinho, nos é muito valioso na proposta que apresentamos para a formação de professores. Não se trata de pensar numa utilidade para a filosofia no sentido de progresso disso ou daquilo, de um objetivo pragmático ou lógico-formal. Mas antes de oferecer elementos estéticos para o exercício do pensamento através do ato da dúvida e da aproximação de questões de nossa existência. Repensar nossa posição enquanto responsáveis diretos pelo que se chama educação formal: “(...) apresentarei as três tarefas por causa das quais se precisam de educadores. Há que aprender a ver, a pensar, a falar e escrever: o objetivo de todas as três é uma cultura superior (...)” (Nietzsche. # 6 1985 p.66). De todo modo estaremos ligados às instituições de ensino, mas nossa tentativa é oferecer a oportunidade através desse programa, do professor-educador realizar sua obra, introduzindo seu caráter pessoal na criação de seus textos e suas aulas, desta maneira encontrando-se com o que pretende ensinar, ensinando-se a si mesmo e ensinando outros a se ensinar. Pelo menos esta limitação não será imposta, o que virá então devemos esperar.

2-O Pensamento de Nietzsche como inspiração para o desenvolvimento de uma proposta educacional.

A filosofia nietzscheana se apresentará como suporte para um pensamento de formação de educadores. Um processo que visa privilegiar a singularidade humana como ponto central para a produção filosófica. Estaremos voltados a uma espécie de processo educacional, que visa o indivíduo como agente central dessa proposta, capaz de direcionar a si mesmo,

com plena consciência de que é ele responsável por seus atos e pensamentos, portador do direito de questionar e se posicionar se necessário contra a vontade da maioria. Sem peso em sua consciência, sem medo de se tornar diferente, justamente porque será a diferença seu lugar, enaltecendo essa diferença como constitutiva do ser humano. Nessa perspectiva, poderemos pensar as relações, as crenças, os hábitos, a moral e tudo o que for passível de ser tratado na e a partir da filosofia. Pensando num modo de trabalho educacional filosófico, que se voltará para a superação do senso comum, afinal este projeto visa um pensamento permanente de investigação. E não é isso que aprendemos com a filosofia? Então será isso que ofereceremos, para que o interesse pela pesquisa, pela leitura e pela produção textual possa despertar-nos desse sono conformista perante a realidade do mercado de imagens que vivemos na época atual, e nesse aspecto, nada mais atual que as inquietações trazidas por Nietzsche sobre a educação em seu tempo, que ainda hoje se mantém valiosas para pontuarmos questões de fundamental importância ao nosso trajeto de reflexão, sobre o que se produz e o que ainda iremos produzir.

3-Como se aproximar da história da filosofia pensando com Nietzsche?

Primeiramente devemos nos questionar se estudar a história da filosofia nos garantirá o exercício do filosofar. Penso que, num processo de formação de professores, que já deveriam pelo menos saber algumas passagens e nomes básicos da filosofia, poderíamos nos limitar a trabalhar com temáticas que envolveriam questões de determinados filósofos, não havendo necessidade de uma cronologia. Porém, muitos dos professores, com quem trabalhamos, desconheciam até mesmo conceitos básicos da história da filosofia e desta forma optamos por conceber um programa cronológico, mas em pequenas doses, para que pudéssemos pensar juntamente com os pensadores, sem deixar de lado inquietações de nossa contemporaneidade. *“(...) aprende-se com isso que a grandeza, que existiu uma vez, foi, em todo caso, possível uma vez e, por isso, pode ser que seja possível mais uma vez (...)”* (NIETZSCHE. # 2. In Pensadores, 1978).

Assim como no desenvolvimento da filosofia e sua história na formação de professores, também pensava se haveria um papel importante para a história da filosofia na formação das crianças. Poderíamos usar da história da filosofia como instrumento de trabalho com crianças? Será que não estaríamos exigindo demais dos pequenos, ao se pensar no contexto histórico filosófico? Ou não estaríamos limitando os alunos a uma prisão no passado? Como seria possível tê-la como instrumento sem maiores danos ou sem peso demasiado? De que forma seria possível tornar a história algo que não fosse maçante aos ouvidos dos professores e muito mais as crianças? A este respeito, à luz do pensamento nietzscheano, buscamos trazer a história da filosofia ligada à biografia de cada filósofo, visando uma introdução ao processo histórico de forma que instigasse nos alunos a curiosidade pelo pensamento destes, para que mais tarde optassem por conhecer melhor suas obras, através do que representaram, e representam pelo que significaram e ainda significam seus pensamentos à humanidade. Na intenção de demonstrar desde cedo, que os filósofos também são seres humanos carregados de imperfeições, mas que suas teorias não são inúteis como grande número de pessoas tende a demonstrar nas relações de senso comum. Vejamos o que Nietzsche tem a dizer a respeito de utilização da história:

*(...) Absorvida em pequenas doses, ela não envenena a vida nem a cultura, embora em doses excessivas, mate tudo o que quer nascer
(...) O artista homem ativo por excelência, não deixa que a massa do saber histórico o submerja, porque sabe que ela retiraria de si o único poder que lhe cabe na terra: o da criação. Busca o passado, porque tem necessidade de modelos que não consegue encontrar ao seu redor. (NIETZSCHE, Da utilidade e desvantagem da história para vida. Apud DIAS: Nietzsche Educador, p. 61).*

É fundamental notar que a filosofia se faz no presente, deve ser contemporânea ao seu tempo, mas se usamos a história não como modelo de cópia, mas buscamos compreender as questões intrínsecas ao seu momento, podemos nos ocupar do pensamento produzido e das questões levantadas pelos filósofos aos quais se pretende pesquisar. Um conta-gotas seria uma metáfora interessante para esse caso, pois deste modo se daria o processo de

percepção histórica, visando que o estudante possa conhecer sem maiores problemas os nomes da filosofia. Que espécie de filosofia esconderia seus filósofos e sua história? Devemos lembrar que este é um dos maiores ensinamentos que Nietzsche nos traz "*Estimo tanto mais um filósofo quanto mais ele está em condições de servir de exemplo.*" (NIETZSCHE, # 3 in *Pensadores. 1978, p. 150*). Não separemos filosofia e filósofo, o verdadeiro filósofo vive a sua filosofia torna seu pensamento, sua própria vida, e demonstra isso no seu modo de ser, de vestir, no seu caráter, e como educador isso deve se tornar ainda mais evidente, pois é através do exemplo dado que se constitui o respeito pelo professor, e aquele que isto compreende, busca sempre o melhor ensinamento para seus alunos.

4- Imitar criando: um passo decisivo para o desenvolvimento intelectual.

Usarei agora de uma expressão colhida no livro *Nietzsche Educador* de Rosa Maria Dias, que se apresenta como "Imitação Criadora", algo extremamente interessante para se pensar, como método de trabalho de filosofia com adultos jovens e crianças. O processo deverá ser compreendido como mais um instrumento importantíssimo para constituição do pensamento filosófico com educadores e educandos, principalmente com crianças, uma vez que o modelo é muito importante para elas nessa fase de suas vidas. Imitar criando, como seria isso? Como algo imitado pode ser novo, criativo? Com essa pergunta inicial trabalharei o tópico aqui proposto.

A criação é algo que constitui o ser humano, somos criativos como revela a história. Sempre estivemos construindo, inventando, em suma criando, e nesse sentido tem toda razão Marx ao dizer que o homem é o único ser capaz de transformar a natureza, e se assim o é, creio que isto é constitutivo de sua imensa criatividade. Porém não é criador somente aquele que foi pioneiro em sua descoberta ou criação, podemos criar a partir do modelo já proposto, isto é, compreender o que levou o criador a tornar suas inquietações criações. Podemos imitar criando, imitar o ato de criar, no momento que percebemos a origem, a profundidade da questão fundamental. Portanto é importante que se entenda que não se trata de cópia do que já foi

criado, mas a partir do que já foi criado criar por entender o que tornou possível sua criação. Se pensarmos nessa direção, teremos algo novo a partir da superação de si mesmo, e construindo e criando nossa própria época. O educador consciente desse processo incentiva seus alunos nessa busca para superação de si mesmos, uma pedagogia do desafio; propõe um projeto onde se valorize o espaço de criação, mas não esconde os modelos. Acreditar que o modelo elimina a criação, é pensar de modo limitado o modelo como: “*Não poderei fazer melhor do que ele; portanto, permanecerei não fazendo nada*” (Dias. 1991 p. 75). O pensamento deve ser direcionado com a intenção de superação, e ao educador penso ser muito conveniente atentar-se as palavras de Nietzsche a esse respeito:

Como o homem é uma espécie cujas qualidades ainda não estão fixadas, para poder chegar a si mesmo, elevar-se e transformar-se numa espécie superior, ele tem necessidade de educação, do cultivo de si, embora para isso deva perguntar-se: para que vivo? Que lição devo tirar da vida? A essas perguntas, o homem comum responde apressadamente: Para Tornar-me um bom cidadão, um erudito ou um comerciante. Mas o homem que está voltado para criar uma cultura autêntica deve responder: Para elevar-me e produzir os grandes homens. (NIETZSCHE, apud Dias, p. 77).

Ao olhar nietzscheano, o que seria essa produção de grandes homens? Na mesma citação ele diz que apressadamente se pensa no bom cidadão, e autenticidade cultural é pensar em grandes homens. Penso que agora se deve compreender a diferença em se criar bons cidadãos e grandes homens, é importantíssimo situar-se naquilo que Nietzsche se refere ao criticar a educação de seu tempo. Bons cidadãos seriam seres adestrados sem uma singularidade definida, caminhando como um rebanho dócil e domesticado pela lógica do estado e do mercado, enquanto grandes homens assumiriam uma postura perante sua vida na resistência ao modelo social e aos formadores de opinião pública.

Se de fato preferirmos considerar todo grande homem como o verdadeiro filho de seu tempo e como aquele que sofre, em todo caso, com todas as mazelas deste tempo, da maneira mais intensa e com mais sensibilidade do que todos os homens mais medíocres, o combate deste grande homem contra seu tempo só aparentemente é um combate absurdo e destruidor de si mesmo. Mas isto é somente na aparência, pois, no seu tempo, ele combate o que o impede de ser grande, o que para ele só pode exatamente significar: ser livre e totalmente si mesmo.(NIETZSCHE .# 3 in Pensadores p. 162)

5- A arte como instrumento para educação

Nada melhor que a arte para despertar a criatividade e o processo de reflexão e interpretação do mundo. Nietzsche enaltece a arte, traz a arte como salvação ao “espírito” humano, como algo que transcende o real, a ciência e utilização da arte como instrumento para educar-se, somente acrescentaria mais consciência e beleza a nossas vidas.

Aqui, neste supremo perigo da vontade, aproxima-se, qual feiticeira da salvação e da cura, a arte; só ela tem o poder de transformar aqueles pensamentos enojados sobre o horror e o absurdo da existência em representações com as quais é possível viver: são elas o sublime, enquanto domesticação artística do horrível, e o cômico, enquanto descarga artística da náusea do absurdo. O coro satírico do ditirambo é o ato salvador da arte grega (...) (NIETZSCHE, # 7 1999. p.56).

É evidente a apreciação que Nietzsche defere à arte, Rosa Maria Dias assim se expressa:

Ao instinto desenfreado da ciência, que tudo quer conhecer, que revira a vida e a vasculha em seus mínimos detalhes, Nietzsche opõe a arte. Esta, ao contrário da ciência, não se interessa por tudo o que é “real”, não quer tudo ver, nem tudo reter – é anticientífica. Mais importante ainda: a arte, em lugar de dissecar a vida, é fonte de dissimulação. Numa época em que vida e cultura estão separadas, a arte tem um papel fundamental: afirmar a vida em seu conjunto. Reforça certos traços, deforma outros, tudo em

função da vida, da transfiguração da transfiguração do real. Em suma, a arte nos liberta, ao passo que a dura e cotidiana experiência do real nos submete. (1991, p.102)

A partir de uma visão que possibilita a arte como instrumento para elevação do ser humano, Nietzsche nos remete a um pensamento livre e aberto em relação à arte. Pode-se através da compreensão das palavras inspiradoras e geniais desse pensador realizar o que Nietzsche propõe segundo Rosa Maria Dias, de o “adestramento artístico” dos jovens. Isto se justifica em apenas um conceito, a vida; o contato com as artes desde cedo seria aquilo que propicia as ilusões da vida humana. Portanto a arte é um importante instrumento a ser usado no processo de educação, a arte deve ser apreciada por todos a esmo, pois é eterna nos salva e liberta em sua virtualidade embriagante que no é fundamental na existência. Eis o momento mais verdadeiro que o homem pode vivenciar. A arte nos eleva a um plano além daquilo que a razão pode nos proporcionar, é momento de consagração da genialidade humana, nos diferencia realmente dos outros seres do planeta, esse imenso apetite pela criação artística. Nesse desarranjo do “espírito” que Dionísio nos proporciona. A arte sim! Podemos educar tendo em vista a busca de uma existência estética como no passado. Oferece todo seu ser um estado artístico de viver. *“O grande meio indispensável para a formação [Bildung] dos grandes homens é a “filosofia” que liga o saber à arte”.* (NIETZSCHE, apud Sobrinho 2003 p. 37).

6-A qual educação a filosofia de Nietzsche pode nos remeter?

Chega a hora de se pensar sobre uma das questões de maior relevância acerca de uma proposta de trabalho inspirado pela visão nietzscheana. Venho demonstrar minha intenção de desenvolver um trabalho voltado para educação filosófica, que tem como discurso à condenação das práticas educacionais voltadas somente ao mercado de trabalho. Este que obtém como melhor resultado aquele ser domesticado para as necessidades mercadológicas, a constituição de homens medíocres que se fundamentam por sua ignorância através de um processo alienante, onde aquilo que tem utilidade

é aquilo que gera poder e dinheiro. Não é somente nas relações de senso comum que ouço que a filosofia não tem nenhuma utilidade para vida humana, que é dispensável como disciplina escolar, e não oferece importância relevante a formação do homem moderno. Tenho comigo a certeza de que a filosofia assustava em épocas de repressão, mas hoje nossos governantes não se importam, é apenas uma disciplina indiferente e insignificante. Porém ainda é crítica e consciente de todo processo histórico e político deste país. Marilena Chauí em seu livro *Convite à Filosofia* nos fala de modo muito interessante a respeito da utilidade da filosofia:

Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não se deixar guiar pela submissão às idéias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade for útil, então podemos dizer que a Filosofia é o mais útil de todos os saberes de os seres humanos são capazes (2001, p.18)

É evidente que esta é uma grande batalha, não espero que nada seja fácil, afinal em pleno século XXI ainda estamos lutando contra preconceitos raciais, violência contra mulheres, e a mesma concepção mercadológica de educação que Nietzsche se refere nas críticas ao seu tempo, aqui está a atualidade de seu pensamento sobre a educação, e fica evidente a importância de obras relevantes como estas de Marilena Chauí e de Rosa Maria Dias, que nos auxiliam dia a dia na compreensão sobre o papel que a filosofia deve ocupar no estabelecimentos de ensino.

A educação, como vem sendo dada, não tem por objetivo criar “personalidades harmoniosamente desenvolvidas; pelo contrário, os indivíduos, com esse tipo de educação, não chegam sequer a amadurecer. O amadurecimento seria um “luxo que os afastaria do mercado de trabalho”. Os economistas da educação e da cultura desenvolvem os jovens com as palavras da fábrica – mercado de trabalho, oferta e procura, produtividade. Concluíram entre si um contrato de trabalho e “decretaram a inutilidade do gênio”. O resultado é a vulgarização do ensino e o conseqüente enfraquecimento da cultura.(DIAS 1991, p. 78)

Pode-se perceber que um ensino voltado nessa perspectiva, e assim se apresenta o ensino atual, limita a capacidade humana apenas à concepção técnica, ou seja, temos uma quantidade enorme de técnicos profissionalizados e preparados para o mercado, e homens despreparados para a vida. Ano a ano são formados cada vez mais homens despreparados para consciência crítica em relação ao mundo que o cerca. Pessoas que são influenciadas com enorme facilidade pelos meios de comunicação, que não se percebem como marionetes, manipuladas pelo poder dominante da sociedade e do Estado. Sempre com o objetivo de explorar novos mercados, e impor a cultura de massa, que como Nietzsche nos lembra é bem diferente da concepção de cultura popular. Essa imposição sistemática tende a homogeneização de todas as culturas, pregando a sua imponência sobre todo mundo globalizado. Praticamente todo globo tem que se adequar às necessidades do mercado, e quanto menos questionamento melhor. Neste aspecto a imposição para adequação é semelhante à catequização imposta pela igreja no período de colonização do novo mundo. Ou você se converte ou morre. Uma fórmula simples, ou você se adequa ao mercado ou morre de fome, é essa a liberdade que temos no sistema em que vivemos. Atentemos às palavras de Rosa Maria Dias a respeito da distinção entre cultura de massa e cultura popular:

Nietzsche adverte: não confundam cultura de massa com cultura popular. Elas não são sinônimas (...) Os partidários da cultura de massa,, com o pretexto de levá-la a todos os recantos do planeta, destroem a cultura diferenciada de cada povo - desviando-os de seu "sono" salutar, de seu sistema poético de imagens míticas, de suas ilusões sadias, para seduzi-los com a linguagem da fábrica e submete-los às leis da oferta e da procura (...) A educação moderna é, para Nietzsche, sinônimo de domesticação. O ideal desse tipo de formação é formar o jovem para ser "erudito", comerciante ou funcionário do estado, transforma-lo em uma criatura dócil e frágil, indolente e obediente aos valores em curso (...) (1991 p.91).

Creio que, se voltamos às questões a que esta pesquisa nos remete, entenderemos que um projeto de filosofia que pretenda se posicionar para uma formação professores, de crianças e jovens, não pode se abster de determinadas posições, como atentar para o processo de educação mercadológica; e cumprir seu papel de educador servindo de exemplo para seus alunos; não se sobrepor perante os alunos; aprender a aprender; ser grande justamente por respeitar os pequenos; e acima de tudo buscar ser útil no processo de formação de grandes homens. Pode-se claro perguntar por onde se deve começar? E a essa questão segundo Rosa Maria Dias Nietzsche responde: “...na experiência que se teve no *Gymnasium*, na reflexão sobre suas próprias experiências nas instituições pedagógicas, no que agradou e desagradou.” (Dias, 1991. p.92). Parece-me que aqui fica evidente que Nietzsche já apontava para a questão do professor reflexivo, que busca a crítica e reflexão de sua própria prática educacional.

Aqui é importante se atentar a questão central de um projeto que se baseia na postura nietzscheana, que é a busca de educar-se a si mesmo, e assim educar para que os outros também se eduquem por si mesmos. Ser criativo com a vida, ser naturalmente artístico, ser forte e decidido em suas posições perante o mundo, e acima de tudo estar consciente de sua capacidade, que deverá se apresentar juntamente com sua vontade de potência, de alcançar seus objetivos e poder fugir da massificação cultural que vivemos em nosso tempo, busquemos a liberdade de nossas mentes e, portanto de nossos atos.

Como filósofo-educador e “médico da cultura”, Nietzsche repensou as questões de educação a partir das necessidades vitais (que não se resumem à sobrevivência), e não às do mercado de trabalho, criado para satisfazer as exigências do Estado e da burguesia mercantil. Adotou a vida como critério fundamental para todos os valores da educação e, com isso, destruiu as convicções que sustentavam o sistema educacional de sua época. Sua filosofia é o reflexo de sua personalidade, a história de uma lenta formação pessoal, fruto da confrontação constante de seu pensamento com o mundo exterior. Ainda que incompreendido por seus contemporâneos, sugeriu práticas pedagógicas e foi ele mesmo um exemplo de educador. (DIAS, 1991, p. 114).

É como exemplo de educador que me espelhei em suas ponderações sobre a educação de seu tempo, para pensar este projeto em nosso tempo.

Antes de mais nada, tomar Nietzsche como exemplo significa educar-se incansavelmente, adquirir uma capacidade crítica pessoal e uma capacidade de pensar por si: aprender a ver, habituando o olho no repouso e na paciência: dominar o “instinto do saber a qualquer preço”, utilizando este princípio seletivo: Só aprender aquilo que puder viver e abominar tudo aquilo instrui sem aumentar ou estimular a atividade: manter uma postura artística diante da existência, trabalhando como artista a obra cotidiana: “dar à vida valor de um instrumento e de um meio de conhecimento”, procedendo de modo que os falsos caminhos, os erros, as ilusões, as paixões, as esperanças possam conduzir a um único objetivo – a educação de si próprio (DIAS, p. 115)

Capítulo III - O Programa de Formação Contínua em Filosofia com os Professores da Rede Municipal de Ensino Fundamental de Santa Bárbara d’Oeste.

1- Principais dificuldades e problemas na implantação do programa:

Neste momento creio ser necessário o apontamento das circunstâncias dificuldades e problemas no processo de inserção da filosofia como disciplina na grade curricular da Rede Municipal de Ensino de Santa Bárbara d’ Oeste.

Quando fui contratado para o trabalho de capacitação dos professores da rede, fui questionado se poderia oferecer um modelo de formação diferente do modelo do Centro Brasileiro de Filosofia para crianças. A então secretária de educação buscava um profissional da área de filosofia, disposto a pensar num modelo de capacitação que proporcionasse aos professores autonomia de trabalho. Tentava encontrar uma proposta para os professores, orientações de

modo que estes pudessem desenvolver ao longo do curso a capacidade de caminhar por si mesmos. Como diretora de unidade escolar particular, conhecia o modelo de Lipman e desejava alternativa. Desejava que os professores da rede não se prendessem ao material didático, e que depois do período de capacitações pudessem construir e elaborar aulas a partir de sua própria capacidade. O projeto, que ofereci, fugia dos moldes do programa de Lipman. Primeiro, porque não havia a necessidade de uma vinculação entre a secretaria e o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças. Segundo, porque o material seria produzido junto com os próprios professores.

Minha proposta de trabalho estava fundamentada em meus estudos para produção de minha monografia de graduação, desenvolvida em 2000, fruto de meu contato com a proposta de filosofia para crianças mais de perto no 'Congresso internacional de filosofia para crianças e jovens' de 1999, realizado em Brasília. E, sobretudo, em minha experiência como professor; construía minhas aulas num exercício constante de elaboração de um método possível para exercitar filosofia com crianças. Posso instigar uma criança a pensar sobre o que é o mundo, por exemplo, e, partindo de suas respostas e pensamentos, instigá-la ainda mais, proporcionando um diálogo, que chamarei de filosofar com uma criança sobre a cosmologia clássica grega, sem ser necessário citar nenhum pré-socrático.

O projeto realizado me deu a convicção de que os professores podem produzir aulas, que envolvam temáticas filosóficas, caso orientados e incentivados para tanto, num movimento que lhes proporcione de fato a posição de educadores.

Não faço parte de nenhum grupo ou instituição de filosofia para ou com crianças. Apenas tenho estudado o tema de filosofia para crianças no formato de Lipman e pensado como poderia oferecer um modelo diferente de formação de professores, para trabalhar elementos filosóficos com crianças. Aquilo a que me refiro exatamente é o oferecimento de livros didáticos para pautar o trabalho do professor. O exercício demonstrou que se pode olhar filosoficamente para amplas realidades. Bastava querer olhar mais de perto, mais profundamente, radicalmente e criativamente para o mundo. E esse movimento pode começar cedo, para que nunca mais tenhamos que falar em

capacitações de professores, somente reproduzindo modelos pré-estabelecidos, sem questionar.

Muitos professores pensavam e pensam exatamente assim. Muitas vezes ouvi frases do tipo: 'onde está o modelo que devo seguir?' 'Não é possível aprender filosofia sem ler?' 'Por que você quer que façamos o seu trabalho?' 'Você é que deveria nos oferecer as aulas prontas, para levarmos as crianças!'.

Desconfio que muitos programas de capacitação, que tinham sido oferecidos a estes professores, seguiam um método, que não oferecia a eles sequer a possibilidade do diálogo de como foi construído o modelo daquilo que mais tarde trabalhariam em sala de aula. Era, pois, muito difícil aceitar um curso que lhes obrigava a pensar em como fariam para levar o que estudávamos em sala de aula para suas aulas com as crianças. Porém, esse modelo seria o que lhes proporcionariam condições de construir, a partir de sua capacidade, aulas significativas e prazerosas para seus alunos.

Penso que isso somente se tornou possível, quando aqueles professores mais interessados, numa postura diferente, se propuseram a trabalhar nessa perspectiva, e conseguiram demonstrar aos outros em que e como a filosofia poderia contribuir para sua formação e de seus alunos.

Enfrentamos também os problemas de ordem política, pois, sofriamos com a triste realidade do modelo político, que as prefeituras e Estados sofrem com as mudanças de gestão. Trabalhávamos com a perspectiva de quatro anos de gestão, pois não sabíamos o que aconteceria nas eleições seguintes. Normalmente de uma gestão à outra não há continuidade nos trabalhos, mesmo que tenham êxito. Havia uma preocupação com o tempo, afinal deveríamos demonstrar que a filosofia vinha para ficar, e que não era mais uma entre tantas outras propostas, que não se sustentariam dependendo do resultado das próximas eleições. Para tanto, lutei muito para a inclusão de disciplina de filosofia na grade curricular do ensino fundamental de Santa Bárbara d'Oeste, inicialmente nas terceiras e quartas séries no último ano da projeto em 2004. Quero aqui afirmar que não tinha esta intenção, mas não encontrei alternativa, uma vez que o ensino assim é distribuído. Acreditava que desta forma poderíamos assegurar que o empenho dos professores com a

proposta não seria em vão. E mesmo não garantindo, dificultar mudanças na gestão seguinte. Havia muita resistência da pessoa responsável pela alteração da grade, que sustentava seu discurso, afirmando o acúmulo de disciplinas já oferecidas na grade curricular. Omito essa discussão, pois o tema currículos é demasiadamente complexo, e não se enquadra nesta dissertação. No momento gostaria apenas de registrar que a filosofia não inserida como disciplina causava desconforto aos professores. Como afirmado acima, de uma gestão à outra dificilmente se mantinham os projetos e propostas, e assim a credibilidade de qualquer nova proposta sempre aparecia aos professores como algo passageiro e sem sustentação, o que dificultava muito qualquer trabalho junto a eles. A principal dúvida dos professores era a respeito da continuidade das capacitações e dos trabalhos com a filosofia em sala de aula. O fato de não conseguir a inclusão da disciplina no último ano de trabalho junto à Secretaria de Educação me trouxe enorme desconforto e decepção, pois, até então, quando fui contratado, essa era a meta a ser atingida. Essa proposta pretendia a formação de educadores, que criariam suas aulas, podendo se apropriar do método e desenvolver até mesmo sua metodologia. Isso me consolava um pouco, pois o ponto mais importante está na afirmação de uma formação que trouxesse em seu âmago a máxima de educar-se a si mesmo continuamente, para depois ter núcleos de estudos para o melhor desenvolvimento da proposta. A inclusão da filosofia no currículo não se deu por fracasso da proposta, mas por divergências internas relacionadas a questão do currículo.

Apesar dos numerosos problemas e divergências caminhávamos tendo como referência nossos próprios êxitos e fracassos. E não temo afirmar que de todas as dificuldades vividas somente uma não foi vencida: a de trazer a filosofia como disciplina permanente para as crianças de Santa Bárbara d'Oeste.

2- Primeiros passos na construção da proposta.

O programa de Filosofia com crianças junto à Rede Municipal de Ensino Fundamental de primeira à quarta série de Santa Bárbara d'Oeste

iniciou-se no ano de 2002 com a proposta de capacitação de professores da rede. Neste primeiro ano estivemos trabalhando com professores de terceiras e quartas séries do ensino fundamental. O Programa foi elaborado para três anos ininterruptos de formação contínua. Os professores vivenciaram aulas semanais com carga horária de duas horas. O projeto foi dividido em módulos específicos com duração de um semestre. Os módulos foram devidamente elaborados dentro da perspectiva histórica e prática da filosofia. Foram oferecidos no seguinte formato:

Módulo I: Filosofia Antiga.

Módulo II: Prática Educativa I.

Módulo III: Filosofia Medieval.

Módulo IV: Filosofia Moderna.

Módulo V: Prática Educativa II.

Módulo VI: Filosofia Contemporânea.

No primeiro semestre de 2002 trabalhamos com grupos de no máximo 25 professores por turno. O Curso foi oferecido nos períodos matutino e vespertino totalizando cinco grupos. Estudamos os filósofos Pré-socráticos, entre eles com mais ênfase Heráclito, Tales e Demócrito. A filosofia humanista: entre os representantes dessa corrente demos mais atenção a Sócrates, Platão e Aristóteles. Fundamentamo-nos em obras de autores da história da filosofia como Marilena Chauí, Nicola Abbagnano e nos fragmentos dos próprios pré-socráticos, edição organizada por Gerd A. Bornheim em: “Os Filósofos Pré-Socráticos” da Cultrix. Sobre os humanistas, buscamos referências em Mannuel G. Morente, Will Durant, Marilena Chauí e nas obras: “Defesa de Sócrates”, “O banquete”, “Fédon” de Platão, em trechos da “Política” e da “Ética a Nicômaco” de Aristóteles da coleção: Os pensadores.

Em cada seção buscamos sempre o diálogo com os professores após a leitura dos textos, privilegiando as impressões demonstradas em sala de aula como temática a ser debatida e aprofundada. A proposta teve como

finalidade o desenvolvimento de uma atitude crítica através de um “olhar filosófico”, isto é, a percepção de que determinadas questões e conceitos fazem parte da construção filosófica em suas áreas específicas, como estética, política, lógica, antropologia filosófica, ética e ontologia. Tivemos como necessário adquirir conhecimento filosófico, para melhor lidar com questões, que surgem com a leitura de obras filosóficas. Este exercício, que aprendemos com a filosofia, não deve ser reduzido somente a seus conteúdos históricos, mas tampouco devemos abandoná-los por completo. O movimento do pensamento pode ser expresso em muitas formas de linguagem, de métodos, de propostas. Cabe-nos perguntar se o processo educativo traz consigo questões, que podem ser pensadas com o auxílio da filosofia. O quê, praticando esse exercício dialógico com outros e consigo mesmo, posso acrescentar à minha vida, à minha profissão, à minha inteligência e em particular à educação? Todos têm a capacidade de pensar sobre questões como o que é liberdade? Ou o que é ser pessoa? Ou uma boa pessoa? O que é o mundo, o que é realidade? Somos parte dela ou não? O que é ética? Educação? O que buscamos na história da filosofia foi inspiração para podermos pensar nossa contemporaneidade, em pequenas doses, para que possamos aos poucos relacionar o que estudamos com a educação que proporcionamos.

Num programa voltado para a formação contínua de professores, que em grande número sequer tem formação superior, basicamente estivemos apresentando a filosofia como pano de fundo importante à educação, que se ocupa em discutir e propor conceitos a respeito do mundo, do ser humano da ciência, da educação, da religião; isso aparece como algo novo e até mesmo desconhecido. Mais intrigante é o fato de que mesmo professores com formação em pedagogia tenham um contato tão breve e superficial com a filosofia. Entretanto, a filosofia também tampouco buscou ocupar-se com ênfase da infância ao longo da história, e este é o desafio que, a partir da proposta de Lipman, nos propusemos desenvolver, por acreditar que a filosofia não somente pode, mas deve pensar a educação como um todo, não somente com o oferecimento da prática filosófica no ensino médio e superior, mas desde as séries iniciais, buscando sempre pensar e debater o

que significa praticar filosofia na escola em cada uma de suas etapas. A filosofia compreendemos como área de fundamental importância para o processo de formação de crianças, jovens e adultos.

Durante as aulas, gradativamente através das leituras e debates, desenvolvemos uma metodologia própria de comunicação com os pensadores, buscando sempre relacionar o pensamento do autor com a nossa contemporaneidade, na tentativa de encontrar relações possíveis com a educação, sobretudo com a realidade que vivenciamos na prática educativa, isto é: o que o pensamento filosófico nos acrescenta enquanto seres humanos e educadores? O que nos oferecem os pensamentos de Heráclito, Platão, Aristóteles, Demócrito? Enquanto educadores podemos encontrar finalidade e efetividade para a filosofia na educação de crianças? Buscamos sempre provocar e perguntar-nos sobre o que há nas relações possíveis entre a filosofia e o processo educativo de nossas crianças; desenvolvemos uma maneira dinâmica de procurar filosofar com os filósofos estudados, exercitando a capacidade que temos através do diálogo investigativo, de desenvolver idéias, encontrar perguntas, respostas que se tornam problemas e propostas num movimento contínuo, que atinge direta e indiretamente a educação como um todo. Acredito que a filosofia é lugar generoso para o pensamento crítico e reflexivo. Se realmente desejamos uma educação voltada para o exercício do pensar, para a formação de adultos autônomos, conscientes e críticos, devemos valorizar a filosofia como área fundamental na formação do ser humano.

Questões, como as apresentadas pelos pré-socráticos ou cosmológicos, se fazem imensamente interessantes para a introdução do pensamento filosófico, pois suas inquietações se tornam terreno fértil para o exercício que a filosofia nos sugere, como o 'eterno vir a ser' de Heráclito ou o 'átomo' de Leucipo e Demócrito, a 'água' como elemento primordial de todas as coisas em Tales de Mileto, e para caminhar na direção daquilo que todos nos perguntamos: De onde viemos? Qual a essência da vida? E aprendemos que já nessa época o conceito de natureza ou *physis* se ocupa da totalidade, ou seja, de tudo aquilo que existe, o que nos dias atuais muitas vezes esquecemos, por acreditar que estamos fora ou além da

natureza. As contribuições destes antigos pensadores nos dão a origem do pensamento ocidental, porém com posições que nos perturbam até os dias de hoje. O quê somos? A eterna mudança, como propõe Heráclito, ou ser em essência sempre os mesmos, como afirmava Parmênides? Acredito que estas, entre outras questões, nos remetem à insignificância humana. Basta olhar para as estrelas, para enxergarmos nossa pequenez, e mesmo depois de séculos tais questões se apresentam, e talvez por esse motivo, a filosofia seja eterna, afinal até mesmo para negá-la é necessário fazê-la.

A importância de conhecer o pensamento dos cosmólogos perpassa apenas a questão introdutória do pensamento filosófico ocidental, mas tem relação direta com as inquietações nossas e das crianças. É muito interessante como as perguntas acerca da cosmologia são apreciadas na infância. As crianças realmente se interessam por temas que envolvem a origem da vida, do mundo, e podemos perfeitamente estimular a imaginação dos pequenos com temáticas envolvendo tais questões, sempre compreendendo o seu limite.

A cada encontro com os professores, sempre foi proposto que a leitura devia ser feita, para suscitar inquietações, que os textos poderiam causar em cada um de nós. As aulas sempre buscaram privilegiar o exercício dialógico, pois desta forma o professor exercitava entre adultos o que mais tarde faria com as crianças. Concordamos com Lipman que se posicionar em círculo, cria um ambiente favorável para nos vermos como iguais, dentro do mesmo grupo, em igual relação hierárquica, favorecendo o diálogo. O professor não perde o caráter de professor, quando se coloca em igualdade com seus alunos: ganha o de Educador, até mesmo porque não poderia ser diferente, se a questão, por exemplo, diz respeito à origem da vida. Sabemos a resposta para tal questão? O que até agora oferecemos são suposições, sejam elas científicas, filosóficas ou teológicas. Quando o professor percebe-se enquanto educando e educador e compreende que, a partir do exercício reflexivo-dialógico, ensinamos e aprendemos. Podemos elevar nossos pensamentos a um enobrecimento intelectual, percebendo na simples afirmação socrática a importância em saber que se sabe muito pouco e que a busca do conhecimento não se encerra no magistério ou na

faculdade, pois a curiosidade evidente nos filósofos pode contribuir para que sejamos também educadores mais curiosos, reflexivos e críticos.

Com o exercício do diálogo em sala de aula, como metodologia para encontrar caminhos para uma educação, que privilegie o pensamento autônomo, a leitura dos diálogos de Platão se tornou fundamental. Afinal este pensador escreveu sempre em diálogos, representando assim a era humanista da filosofia, quando o homem passa a ser o tema central de ocupação do período. Como dito, os diálogos escolhidos para leitura foram: “O Mito da caverna”, “A defesa de Sócrates”, “O banquete” e “Fédon”.

Pelas leituras das obras citadas acima praticamos a maiêutica de Sócrates, por compreendermos que essa prática é um elemento importante para negarmos o saber pronto e rápido, pois, acima de tudo propõe um movimento de encontro consigo mesmo, a partir do exercício, da tentativa de encontrar respostas com o uso da razão, buscando assim através do diálogo um pensamento próprio, que pode se encontrar na nossa capacidade intuitiva e racional, contrapondo-se a um modelo de ensino encaminhado em cartilhas ou novelas filosóficas, que, oferecidas num primeiro momento, se tornariam inibidoras do sentido artístico e criativo do professor.

A ciência, ou melhor, o método, que Sócrates utilizava em sua incansável caminhada em busca da sabedoria, e sua forma de propor sempre questões àqueles que afirmavam saber sobre algo, apresentava-se como uma ferramenta para provocação daquele que expunha muitas vezes publicamente suas idéias ou propostas. E isso realmente incomodava muitos atenienses.

Mas, o quê significa a tentativa da maiêutica como ferramenta para pensarmos uma educação mais reflexiva? Significa partir sempre da idéia de que não sabemos tudo, e de que o movimento dialógico nos propicia pensar e repensar nossas posições, estarmos convictos de algo e no instante seguinte mudarmos de idéia, porque alguém simplesmente acrescentou alguma questão nova e perturbadora ao pensamento ou tema suspenso no ar. A troca de idéias é fundamental para o processo, pois idéias se suscitam naqueles que compreendem que a verdade é uma tarefa interminável.

Os pensamentos de Sócrates e Platão demonstrados no diálogo “O mito da caverna”, nos oferecem provocações no mínimo interessantes, para que pensemos nossa forma de educar e até mesmo nosso modelo educacional. Acompanhando o problema proposto no mito, podemos observar que Platão propõe que os sentidos nos enganam, que a realidade é ilusória, que estamos habituados a ver o mundo da maneira como vemos, e, se alguém propõe algo diferente daquilo que continuamente vimos ao longo de nossas vidas, certamente nos negaremos a crer. E mais: desejaremos que esse alguém se cale. Relembremos o que o mito da caverna nos diz em resumo:

Imagine que homens tenham desde sempre sido acorrentados a uma parede pelas mãos, pés e cabeça, impossibilitados de se mover em uma caverna escura; e que a sua frente existisse uma ponte, onde homens constantemente passassem com estátuas das coisas, iluminadas por uma fogueira, cujas sombras se refletiam sobre a parede observada pelos homens acorrentados. Agora suponha que um destes homens escapasse e seguisse caminho em direção à luz. Primeiramente constataria que as sombras eram somente reflexos das estátuas; depois que além da ponte a luz escondia o mundo fora da caverna. A luz ofuscaria sua visão, porém, mais tarde, encontraria as coisas tal como são. Agora que já havia descoberto a outra realidade para além das sombras, resolvesse voltar, para contar a novidade aos outros. Chegando novamente à caverna, ansioso diria aos outros o que havia descoberto, porém seria desacreditado pela maioria; alguns correriam para fora da caverna, mas o restante acabaria por silenciá-lo.

Por trás deste diálogo Platão nos oferece com muita profundidade, entre outras coisas, a idéia de que, quando algo novo ou diferente do que nos habituamos a ver ou fazer, nos é oferecido, naturalmente temos receio, e afastamos qualquer possibilidade de aproximação com o desconhecido, principalmente se o que é posto em questão é algo que habitualmente entendemos como verdade. Outras questões: poucos têm acima de seus medos a curiosidade e coragem de buscar novas possibilidades; os nossos sentidos nos enganam, não são totalmente confiáveis. Não pretendo

aprofundar na teoria da reminiscência de Platão, mas apenas demonstrar que a filosofia platônica nos eleva o pensamento, e é tão atual, que generosamente serviu ao cinema na teia de idéias do Filme Matrix. Este nos propõe uma questão fundamental quanto à inteligência artificial. O que vemos no filme é a proposta de um mundo destruído, maquiado por uma máquina, a “Matrix”, que cria a impressão de uma realidade natural, porém completamente virtual. Isso gera uma provocação muito interessante sobre nosso futuro. Agora me pergunto: existe ou não uma clara relação com o mito da caverna? Se isso é feito no cinema, transformando questões filosóficas em entretenimento, podemos claramente fazer uso da arte para educar, tornando o processo menos entediante, principalmente tratando-se de filosofia. O exercício, que é proposto na atividade dialógica permeada por perguntas filosóficas, pode ser terreno fértil para a construção de conceitos, para a formação de um pensamento mais crítico e autônomo, dentro de um espaço onde sempre se deve privilegiar a criatividade relacionada a uma multiplicidade de idéias.

Nesse sentido caminhamos ao longo do semestre, lendo e dialogando com os autores, trazendo questões relevantes à proposta de filosofar com crianças, mas, primeiramente exercitando esse movimento entre nós mesmos, o que nos proporcionou um modo diferente de pensarmos nossa prática educativa.

No início da capacitação encontramos muita resistência e o receio de mergulhar numa proposta, que não oferecia uma receita pronta, ou melhor, uma apostila do professor e outra para o aluno. O hábito de trabalhar ancorado apenas em livros didáticos tinha gradativamente engessado a criatividade do professor, que se encontra diariamente com a realidade que a sala de aula oferece; tinha habituado o professor a pensar cada vez menos no que ensina como ensina, por quê ensina e como se aprende. Não quero aqui negar a contribuição dos livros didáticos, mas também não posso imaginar uma educação fundamentada somente neles, e principalmente falando em uma filosofia, que se propõe ao desenvolvimento de uma educação para o pensar.

Ao final do primeiro módulo procuramos encontrar formas de relacionar o que havíamos estudado com a educação de nossos alunos e desenvolver um plano de aula, para trabalhar elementos da filosofia em sala de aula. O comprometimento e a criatividade dos professores foram fundamentais para a apresentação dos seus trabalhos, pois, criamos grupos e dividimos temas entre eles. A proposta foi a criação de planos de aula, formas de trabalhar o que havíamos estudado com as crianças, partindo sempre de uma expressão artística, com o intuito de fazer uso de temas de filosofia como instrumento para uma educação, que vise o desenvolvimento do pensar. Cada grupo apresentou aos companheiros de classe uma aula, com dinâmicas de grupo, fazendo uso do cinema, da música, da literatura e do teatro. Pudemos constatar a capacidade criativa dos professores da rede municipal de ensino de Santa Bárbara d'Oeste. Quando estimulados e valorizados, têm criações significativas, das quais mais tarde veremos exemplos em anexo. Nos grupos percebíamos uma importante retomada da auto-estima; cada membro se reconhecia como tal e criava formas de educar, partindo de sua própria criatividade e inteligência.

Aos poucos barreiras foram sendo ultrapassadas e os professores foram aceitando que não somente devemos, mas podemos criar juntos diversas propostas de aula, que, intercambiadas, se multiplicam. Afinal, uma rede de ensino tem a obrigação de se comunicar, trocar idéias experiências; por quê não filosofar? É importante demonstrar aos professores que eles são parte fundamental no processo educativo e que os fracassos da educação brasileira não ocorreram e ocorrem somente por sua culpa. A valorização do professor perpassa a questão econômica e atinge, penso, um ponto chave, que se encontra na formação inibidora da liberdade e do incentivo a sua criatividade. Muitos operam verdadeiras façanhas, dadas a estrutura e formação de que foram dotados. Estimulados a criar, a pensar seu dia a dia como educadores e sua condição de educadores, se revelam! Aos poucos está-se adquirindo o prazer de aprender e de ensinar.

Para tanto caminhamos buscando sempre uma forma de trabalhar mais autônoma, inseridos numa proposta, que defende acima de tudo a formação de um professor capaz de produzir seu próprio material didático e suas próprias

aulas, que aprende e compreende que deve caminhar com suas próprias pernas, ou melhor, que é capaz de pensar por si mesmo, ser sempre criativo e reflexivo, buscando sempre se aperfeiçoar como educador ativo, e não mais passivo diante dos conteúdos pré-estabelecidos.

3- Pensando em atividades para a prática em sala de aula:

Passado o primeiro semestre de 2002, voltamos à atividade, agora pensando em atividades práticas, que pudéssemos ao longo do segundo semestre experimentar em sala de aula. É extremamente importante ressaltar a postura da Secretaria de Educação de Santa Bárbara d'Oeste, que além de proporcionar o espaço para a filosofia acreditou na capacidade de seus professores para a construção de um projeto de trabalho pensado com eles próprios, absorvendo a proposta de que podem e devem desenvolver suas aulas e material didático, e que num processo de capacitação o professor acima de tudo deve aprender a caminhar por si mesmo, aperfeiçoando-se sempre na busca contínua por melhores formas de trabalho, em todos os sentidos, não somente em suas aulas, mas também em condições de trabalho, que proporcionem resultados melhores na sua rede de ensino. Os diálogos desenvolvidos nas aulas de filosofia contribuíram para aproximá-los de uma visão mais crítica de seu lugar, suas aulas, seus métodos e conteúdos.

Pensando juntos, buscando formas de trabalhar com elementos da filosofia nas terceiras e quartas séries do ensino fundamental, encontramos no Professor Dr. Marcos Antônio Lorieri um grandioso colaborador para nossa proposta. O livro "Filosofia: Fundamentos e Métodos" de 2002 nos proporcionou reflexões importantes e decisivas para formulação de nossas idéias e propostas. O Professor Lorieri é um dos pioneiros no estudo da proposta de Mathew Lipman no Brasil e seus pensamentos acrescentaram significativamente ao nosso projeto, principalmente por esta obra citada, que traz elementos para a tentativa de superação de modelos pré-estabelecidos, para a busca de uma metodologia própria, pensada a partir de fundamentos e métodos, como o título do livro sugere.

Começamos então os estudos naquele segundo semestre com a leitura deste

livro, buscando encontrar pontos de convergência com o que vínhamos pensando.

Com a constante seqüência de aulas e análise do que poderíamos trabalhar em sala de aula, se desenvolveu o segundo módulo, Prática Educativa I. Os professores estavam munidos de suas idéias. Aportei algumas indicações de minha experiência já vivenciada em sala de aula no colégio Anglo de Santa Bárbara, onde trabalhei com a disciplina de filosofia no ensino fundamental. Foram construídos planos de ensino, sempre pensando com o auxílio de alguma expressão artística como ponto de partida para o exercício dialógico. Porém, não nos limitamos apenas a esse exercício, buscamos sempre que os alunos escrevessem o que pensavam e sentiam com as provocações feitas em sala de aula: textos, que eram entregues aos professores e lidos com a classe para a integração de questões levantadas por cada aluno. As expressões artísticas atuam como possibilidade de percepção do essencial de questões, que mais tarde conversaríamos com os pequenos, não buscando um afastamento abstrativo complexo de idéias filosóficas. Não era importante no momento, mas era uma tentativa de oferecer algum espaço de estímulo à curiosidade, e de tomar a filosofia como ferramenta para perguntar e responder, a partir do pensamento e do diálogo, o que considero fundamental para o processo educacional. Mas, como despertar a curiosidade de crianças nos adultos? Será que, exercitando esse movimento de busca constante pelo conhecimento, pela leitura, pelo diálogo, nos proporcionaria uma educação que fosse capaz de formar pessoas mais críticas e autônomas? Como tornar o professor curioso o suficiente, para buscar responder suas questões por si mesmo? Como educar-se a si mesmo? Essas questões foram oferecidas aos professores. Pensando nessa direção com a idéia de que podemos encontrar sabor no saber, que devemos ter em mente sempre, que, por mais que saibamos, sempre haverá o quê saber, nos propusemos a enfrentar esse desafio. Tínhamos a esperança de que, proporcionando esse espaço reflexivo entre os professores, e experiências estéticas e dialógicas aos nossos alunos, teríamos resultados que poderiam confirmar a suspeita da importância de pensar a filosofia como parte integrante da educação de maneira mais direta e efetiva.

A tentativa de construir uma proposta de trabalho com a filosofia, servindo de suporte para uma educação que contemple o pensamento autônomo e criativo de crianças, deve passar necessariamente pela iniciação do professor pelo mesmo processo. O professor-educador deve vivenciar a experiência que a reflexão proporciona no exercício dialógico. O pensamento criativo deve ser estimulado à sua máxima potência, evitando o conhecimento por meios predeterminados em manuais. Num programa de formação em filosofia é fundamental que seja promovida a proposta de proporcionar aos professores envolvidos no programa ferramentas, de forma que em pouco tempo tais ferramentas possam ser criadas por eles mesmos. Podemos oferecer alguns relatos de experiências, textos e propostas de aula de professores que trabalham com filosofia nas séries iniciais, bibliografias, mas acima de tudo devemos oferecer o direito aos professores de criar, para que façam uso de seus talentos no desenvolvimento de textos, poesias, planos de ensino apoiados pela música, cinema, literatura, biografia de um pensador, para o trabalho em sala de aula, e que assim possam trocar experiências e idéias, que acreditem ser interessantes para o crescimento de um programa que visa acima de tudo, oferecer elementos estéticos de uma educação para vida.

O que procuramos contemplar é uma aproximação do professor com a filosofia, não somente na leitura de obras já consagradas, mas na tentativa direta de que os professores possam exercitar a capacidade humana de filosofar, de olhar filosoficamente para o mundo e se espantar.

Há muito tempo no Brasil a filosofia é negligenciada e colocada como área sem muita importância na formação humana, não somente de crianças e jovens, mas na de adultos também². Talvez a própria filosofia não tenha se dado conta de sua importância, e por tanto tenha se afastado das pessoas se colocando em torres muito altas quase impossíveis de serem alcançadas, fazendo uso de uma linguagem que nem mesmo filósofos profissionais às vezes conseguem compreender. Porém esse tempo já se foi, a filosofia tem que descer e falar a quem importa, precisamos parar de escrever para nós mesmos, e chegar aos olhos e ouvidos das pessoas, demonstrando que além

de nos tornarmos bons questionadores, podemos apresentar conceitos importantes sobre nossa existência. Vivemos em uma sociedade de extrema velocidade de informações, de conhecimentos prontos e acabados, onde a ferramenta de conhecimento mais utilizada e que dá conta de excluir o abismo entre as diferentes classes é a televisão, com capacidade de entrar na grande maioria das casas neste país. Numa sociedade de informação devemos estar atentos ao processo, que aos poucos vem se consolidando, que chamo de “hábito de não pensar”, como comer de garfo e faca, por exemplo. Estamos caminhando para o modelo do não pensar naturalmente; simplesmente assimilamos, copiamos. Uma vez que a informações e modelos de comportamento são evidenciados pela televisão e o que esta oferece basicamente é a eterna cópia de programação de uma emissora à outra, não é de se admirar que, como nos alerta a música “Televisão” do grupo Titãs, venha nos deixando burros demais. A filosofia tem que se colocar como possibilidade. E mais, como principal instrumento para pensarmos a existência humana. Com este propósito não existe área do conhecimento mais aberta. A própria televisão nos oferece em pequeníssimas doses. E isto é evidente no sucesso dos programas da rede cultura de televisão como “O café filosófico” ou “Humanidades” e até mesmo no “Ser ou não Ser”, programa exibido numa série aos domingos no Fantástico da rede Globo com a Profa. Dra. Viviane Mosé.

Buscar formas de proporcionar o exercício filosófico não pode somente se restringir a um ou dois semestres na universidade, em que na grande maioria das vezes o professor de filosofia, sequer tem a atenção dos estudantes. Mas que ao longo de sua permanência na escola que os alunos desde cedo possam exercitar a filosofia como modelo de resistência a conhecimentos prontos, que são oferecidos o tempo todo pela sociedade e pelos meios de comunicação. Uma educação proposta com o auxílio da filosofia pode ser pensada como resistência a esse modelo de sociedade passiva diante do poder público e dos meios de comunicação.

No caminho das capacitações a resistência não era ao que é dado como pronto e acabado, mas àquilo que acima de tudo faz repensar tal modelo.

² Cf. COSTA, Cruz e PRADO Bento Jr. E o Problema da Filosofia no Brasil-Uma Digressão. In Filosofia

Os professores se habituaram à falta de condições, de preparo, de reconhecimento. Embriagados pela eterna falácia de que magistério é vocação, mesmo sem boa remuneração, compreenderam-se como peça não muito importante para sociedade. É perceptível a baixa auto-estima desses profissionais que a cada instante vêm se convencendo de que não fazem diferença, de que não têm valor, mas, que apesar de tudo caminham com trabalhos significativos e muitas vezes assistenciais na sua luta diária pela educação.

Esses profissionais não podem ser culpados pelo fracasso em que se encontra a educação brasileira. Fazem muito com o que tem, lutam e muitas vezes cansados desistem dessa guerra. Digo guerra, porque, quando saímos dos bancos da universidade e adentramos na realidade em que se encontram esses profissionais, passamos a compreender melhor o que a falta de estrutura, de salário digno, de condições remete à alma dos educadores. O que mais entristece o professor é saber que, apesar de tanta luta e dedicação, através de caminhos tortuosos, seus alunos sairão da escola pública com um diploma desvalorizado, com poucas condições de continuar estudando, e que apesar de todo seu esforço terão que se contentar com outra frase de efeito, *se um entre tantos conseguir já me darei por satisfeito*. Devíamos poder dizer o contrário. Se um entre tantos não conseguir tudo bem, estarei satisfeito. O que enfrentamos com a filosofia servindo de espaço para o diálogo foram questões como essas, que me parecem fundamentais para pensar numa rede de ensino, cujo *slogan* era 'ensino de qualidade'. Não é fácil chegar até os professores com uma proposta, que vise um profissional que produza, que se aproprie de conteúdos e que os traduza para o trabalho com crianças; mas, aos poucos, através do movimento dialógico, podemos proporcionar um espaço para nossas inquietações, dificuldades, experiências e êxitos. Construindo, e acima de tudo retomando, nossa auto-estima, por fazer parte de algo, parte de um grupo. Durante todo o tempo em que estivemos juntos, sempre buscamos levar adiante nossas críticas e propostas para melhorar realmente a qualidade do ensino em Santa Bárbara d'Oeste, pedindo condições para o trabalho não somente com capacitações, o que tivemos bastante, mas em estrutura, tempo

para estudar, livros para tanto, e gradativamente conquistando algumas dessas reivindicações. Claro que na medida do possível.

Antes tínhamos dois encontros por ano denominados de Semana Pedagógica. Sempre com a presença de palestrantes importantes para a educação, oficinas e mini-cursos, que eram oferecidos durante toda a semana. Numa dessas oficinas – chamada: “Relatos de experiência” -, que muito sucesso conquistou, houve relatos, em que os próprios professores expunham experiências, que consideravam importantes e dignas de serem compartilhadas com toda a rede de ensino. Também havia oficinas de teatro, de filosofia, música, informática, arte-terapia, entre outras. Nestes anos a área pedagógica foi muito valorizada, e isto se deve à postura da então Secretária de Educação Ana Maria Padovani, que confiou numa equipe, que formava um grupo coeso. O grupo tinha a intenção de proporcionar aos professores condições não somente de formação pedagógica, mas também de melhores condições de trabalho. Pertenci a esta equipe. Durante três anos buscamos uma forma de melhorar a qualidade de trabalho, oferecendo oportunidades de crescimento intelectual e prático a todos os professores do ensino infantil e fundamental de primeira a quarta série da rede municipal de ensino de Santa Bárbara d’Oeste.

Ao final desse primeiro ano de capacitação os professores encontravam-se ansiosos para levar à sala de aula aquilo que produzimos durante o segundo semestre todo. Já experimentávamos algumas aulas, mas agregadas à outra disciplina: a Língua Portuguesa. Não tínhamos ainda uma seqüência satisfatória para análise do efeito, que a proposta exercia sobre as crianças. Começamos a terceira etapa dessa jornada: o programa de visitas e acompanhamento da proposta nas Unidades Escolares (U. Es). Mas, antes dos relatos deste programa de visitas, parece ser importante relatar a produção do material, que produzimos para o trabalho em sala de aula.

4- A produção do material didático.

Todo o material que usamos em sala de aula, foi fruto do esforço e criatividade de nossos professores. Não fizemos uso de nenhum material do programa de Filosofia para Crianças do programa de Lipman.

Ao chegarmos à metade do segundo semestre de 2002, já havíamos lido uma importante gama de textos e obras sobre a proposta de filosofia nas séries iniciais. Era chegada à hora de pensarmos por nós mesmos, afinal se é isso que propomos aos pequenos, por que agir diferente conosco? Não negamos a importância das leituras. Pelo contrário. Chegou um momento em que era fundamental se afastar um pouco delas, para que fôssemos menos influenciados. O processo de criação deve se manter acima da cópia, talvez como uma “imitação criadora”, que não exclui as influências, mas, que detém em seu âmago sua originalidade e criação para quem sabe ir além das próprias influências. Acredito que a singularidade nesse processo é fundamental para a criação de textos, propostas de aula e relações possíveis com o ensino de filosofia.

Trabalhamos com grupos de professores, que pensavam com temas e perguntas próprias da filosofia. Estes grupos produziam seus textos, planos de ensino e intercambiavam seus trabalhos entre os outros grupos. Estes textos se encontram em anexo nesta pesquisa. O importante no momento é saber que os professores, mesmo sem uma formação específica em filosofia, com algum suporte são capazes de trabalhar seus elementos com as crianças, e por serem profissionais com formação para o trabalho com estas, surpreendem com idéias que muitos professores de filosofia poderiam não ter. Com a experiência prática desses professores, juntamente com uma melhor formação filosófica potencializamos ainda mais sua criatividade e capacidade de produção. Durante um curto espaço de tempo foram escritos numerosos textos de qualidade, que surpreenderam até mesmo a equipe pedagógica. Tivemos uma boa produção, que foi além dos textos; encontrou relações oportunas com o cinema, com a música, com o teatro, trazendo aos alunos o prazer de participar das aulas de filosofia. Ao todo foram dezoito unidades escolares, vivenciando nas terceiras e quartas séries o programa de filosofia, oferecido como experiência, uma vez por semana, sem a necessidade de um horário de início e término, ficando para a percepção do professor o melhor momento para tal.

O material produzido foi organizado e distribuído entres as U.Es, para que todos tivessem acesso à totalidade das produções dos grupos. Desta forma proporcionávamos aos professores a participação ativa na construção do

programa, e aproximávamos as escolas da rede, incentivando a comunicação mútua da atuação de cada U.E.

Muitos professores resistiram de início à idéia de construir em conjunto uma proposta, que os colocava como agentes diretos, não somente na transmissão, mas na construção de algo. Estavam habituados a capacitações, que lhes proporcionavam um modelo pronto, os livros a usar, ou apostilas, e não se consideravam capazes para tanto. Muitos estavam mesmo acomodados. Não se comprometiam, pois não acreditavam, não somente na idéia, mas em si mesmos. Busquei aos poucos demonstrar que uma proposta pensada com eles poderia ser imensamente rica e propensa a êxitos, e que acima de tudo valorizaria muito sua postura como educadores. Tive também a sorte de trabalhar com professoras e professores entusiastas, e a partir de sua colaboração pudemos demonstrar a esses menos interessados o que podíamos fazer. Com a apresentação e relatos de experiências, que indicavam que não era impossível construir algo pensado assim, conseguimos agregar a maior parte dos professores nessa caminhada. Um vídeo com depoimentos de alguns desses professores está à disposição na Secretaria de Educação de Santa Bárbara d'Oeste, e encontra-se anexado a esta dissertação em DVD.

A apostila de textos elaborados pelos professores foi somente o início desse projeto. Ao longo dos encontros com os alunos questões, que ali surgiam, alimentavam novas criações, assim estes textos não se tornavam o único instrumento para as aulas, pois do contrário cairíamos em contradição com a proposta de um professor criativo e produtivo, que caminhasse por si mesmo. Exerci a função de coordenador dessa proposta, mas jamais teria conseguido ir adiante sem a dedicação destes professores, que demonstraram talento e amor na construção do programa de filosofia com crianças, por acreditar que a filosofia é importante para existência humana, e por vivenciar na prática os efeitos de pensar uma proposta como essa.

O terceiro capítulo do livro *Filosofia: Fundamentos e Métodos (2002)* sugere que certas temáticas ou conceitos são próprios da filosofia. Partindo dessa premissa, elencamos temas do livro para pensarmos uma forma de trabalhar no âmbito da capacidade das crianças.

O autor lista e divide em áreas os temas e conceitos, que podem ser trabalhados no ensino fundamental. Lorieri assim elabora essa listagem:

Temas de antropologia filosófica

O que é ser pessoa? O que significa ser considerado como pessoa?

A quem consideramos de verdade como pessoa?

Quais as conseqüências prático-sociais de nossa forma de compreender, considerar e tratar os seres humanos de uma forma ou de outra?

Como entender o ser humano no mundo e com o mundo? Como entendê-lo comparando-o aos outros seres do mundo? Como entender suas relações com a natureza e com os demais seres da natureza?

Como devem ser as relações das pessoas entre si?

O que significa dizer que o ser humano é um animal racional?

O que significa dizer que o ser humano é um ser social?

As produções humanas são chamadas de cultura: o que é cultura? Exemplos de produções sociais

Conceitos básicos do âmbito das da Antropologia Filosófica

Pessoa, gente, humano, animal, racional, irracional, dignidade, respeito, o outro, igualdade, discriminação, exclusão/inclusão social, afetividade, emoções/emocional, crescimento/desenvolvimento, realização pessoal, comunicação, relação com outras pessoas, gênero, o que é “levar o outro em conta”, o que é “ser eu mesmo”, identidade, natureza, trabalho, transformação, cultural, social, sociedade.

Temas de Ontologia

O que é o mundo? O que é tudo que existe? Tudo o que existe é mundo? Ou melhor, dizer universo?

Há alguma razão para existir tudo o que existe? O que faz parte de tudo o que existe?

Pode-se dizer que tudo o que existe é a realidade? O que é a realidade na qual estamos, da qual fazemos parte e com a qual nos relacionamos?

Do que é feita a realidade? Do que são feitos os seres da realidade? Quais são os seres da realidade?

As famílias são coisas da realidade? De que são feitas as famílias?

As escolas são coisas da realidade? De que são feitas as escolas?

As sociedades são coisas da realidade? De que são feitas as sociedades?

Famílias, escolas e sociedades são feitas, também, de relações? Que tipos de relações constituem as famílias, escolas e sociedades?

As relações existem? elas são coisas ou seres? Como assim?

Podemos afirmar que a realidade é construída de seres, situações, fatos e de relações?

Conceitos básicos no âmbito da Ontologia

mundo; universo; realidade; real; aparência; concreto; abstrato; virtual; mundo natural; mundo social; mundo cultural; mundo “sobre-natural”; transcendental; relação com o mundo; relações; relações no mundo; permanência/mudança; etc.

Temas de Teoria do Conhecimento

O ser humano é um ser que pensa: o que é pensar? O que pensar traz às pessoas? É possível pensar de uma forma não adequada? Como seria pensar de uma forma não adequada? O que isso significa?

Ser animal racional é ser um animal que pensa? Só o ser humano é um animal que pensa? Se outros animais podem pensar, há alguma diferença entre a forma de pensar dos outros animais e a forma de pensar dos seres humanos?

Os seres humanos podem aprender a pensar melhor? O que é um pensamento melhor e um pensamento pior? Refletir é uma forma de pensamento? A escola é um lugar onde as pessoas, quando crianças e jovens, aprendem a pensar melhor? ou é um lugar onde as crianças e jovens, aprendem pensamentos já pensados por pessoas que já pensaram melhor? Essas pessoas são cientistas? São sábios? Quem é sábio?

Para agir de maneira correta e justa, é preciso pensar bem?

Pó que as pessoas querem saber tanto a respeito de tudo? O que é saber? Conhecimento e saber são a mesma coisa? O que tem a ver entre si pensar, saber e conhecer?

O que é conhecimento? O conhecimento nos possibilita a verdade sobre a realidade? Como saber se um conhecimento é verdadeiro ou falso?

Conceitos básicos no campo da teoria do conhecimento

Pensar, ter idéias, formar uma idéia, conceito, entender, compreender, pensar até entender, afirmar algo, negar algo de algo, ajuizar, raciocinar, relação pensar/agir, pensar e repensar o já pensado, reflexão, conhecimento, saber, verdade, erro, mentira, entender, escola como lugar de conhecimento, escola e pensamento, perguntar e pensar respostas, etc.

Temas de Ética

O agir humano é diferente do agir dos outros animais? Em que? O saber o que se faz e as intenções tornam o agir humano diferente do agir dos outros animais? Por quê?

Os seres humanos conduzem seu modo de agir? É por isso que podemos chamar nossas ações de condutas? Os outros animais tem condutas?

Há condutas preferíveis e condutas que não devem ser preferidas? Como saber as que são preferíveis e as que não são? Como saber quais condutas valem e quais não valem? Há critérios para saber isso? Como saber desses critérios?

As regras para determinadas condutas são bons critérios para saber quais valem e quais não valem? O que são regras? Quem faz as regras de condutas? Quem deve fazê-las? São necessárias? Por quê? Seria possível viver em sociedade sem regras de conduta?

Há regras de conduta que são impostas por algumas pessoas a outras pessoas? Por que isso acontece? É justo que isso aconteça? Por quê? O que seria justo, nesse caso da elaboração de regras de conduta?

A justiça é sempre necessária? Por quê? O que é justiça?

O bem deve ser buscado sempre? Por quê? O que é o bem, e o mal?

O que é ser uma pessoa boa?

Conceitos básicos do campo da Ética

Agir, ação, conduta, intenção, valer e não valer, preferir e não preferir, importante e não importante, valor, regras, regras de conduta, critérios, motivos, razões para conduta boa/má, conduta certa/errada, conduta justa/injusta, justiça, bem, mal, exploração, dominação, autoritarismo, liberdade de escolha, etc.

Temas de Filosofia Social e Política

Por que as pessoas vivem juntas, umas com as outras? Elas não poderiam viver cada uma separada da outra? Viver junto é viver em sociedade?

O que é sociedade? Uma família é o mesmo que a sociedade? E uma escola e um país?

Como pensar as relações possíveis entre um indivíduo, uma família, escola, empresas, cidades, estados, países, governo, leis?

As leis, em uma sociedade, são necessárias? Por quê? Como e por quem são feitas?

As leis devem indicar direitos e deveres? O que são direitos e deveres?

O fato de existirem deveres não vai contra a liberdade? O que é liberdade?

Por que existe governo? Governo está ligado a poder: por que há poder?

Como está organizado o governo? Sempre foi assim? Sempre houve governos?

O que significa eleger governantes? Quem são os governantes? Para quem eles devem governar?

Por que há poder e autoridade na família, na escola e em outras instituições sociais?

Quando uma sociedade pode ser chamada de democrática? O que é democracia? Democracia e poder combinam?

Ser cidadão é o mesmo que fazer parte de uma sociedade? Como assim? O que isso significa?

Conceitos básicos do campo da Filosofia Social e Política

Sociedade; indivíduo; o outro; relações sociais; relações de poder; poder; liberdade; política; governo; estado; cidadania; democracia; leis; deveres; direitos; justiça social; convivência; participação; compromisso social; cultura; etc.

Temas de Estética

Por que dizemos que algo é belo ou feio? Ou que algo é maravilhoso ou horrível?

Por que os seres humanos produzem arte: pintura, escultura, literatura (poesia, prosa da mais diversa), música, dança, teatro, e outras?

Para que arte?

As pessoas precisam ser não apenas “consumidoras” de arte, mas produtoras: por quê?

O que é arte?

Conceitos básicos do campo da Estética

Belo/feio; preferência/ não-preferência pelo belo/feio; como se define o que é belo; critérios; sensibilidade; arte; várias formas de arte; necessidade da arte na vida das pessoas; pessoas e arte; arte e nossa forma de pensar o mundo; criatividade; pensamento crítico e arte; emoção e arte; fazer arte; etc. (p. 60 a 68).

O compromisso de estudar, de vivenciar estas temáticas com os professores nos trouxe uma melhor relação com o nosso próprio modo de pensar e repensar nossas aulas. Estes temas foram extremamente importantes no auxílio à elaboração de nossa proposta, enriquecendo ainda mais os trabalhos e criações do material, que elaboramos, juntamente com a postura de trabalho que adotamos com a filosofia nas terceiras e quartas séries.

O projeto filosofia com crianças não se propôs a uma formação sólida em filosofia, mas em oferecer questões de cunho filosófico aos professores da rede municipal, na tentativa de despertar sua curiosidade e criatividade para pensarmos juntos. O projeto foi elaborado, a partir da premissa de que se pode filosofar com crianças, e que, ao fazer isso, potencializamos sua capacidade de pensar. Porém, deveríamos proporcionar este movimento de maneira prazerosa, envolvendo elementos artísticos na vivência escolar de nossas

crianças, oferecendo temas filosóficos como pano de fundo. Este movimento de agregar expressões artísticas a disciplinas escolares não é nada assim tão original, mas ao oferecer questões de cunho filosófico não temo afirmar que elevamos nosso pensamento singular, nossa capacidade de pensar por nós mesmos e, dialogando, agregar a nossa vida elementos fundamentais para nossa convivência e existência.

5- Programa de visitas as Unidades Escolares (U.Es)

O programa de visitas nas unidades escolares tinha como objetivo o acompanhamento do trabalho de inclusão da filosofia nas escolas de ensino fundamental do município de Santa Bárbara d'Oeste. Foram percorridas todas as escolas com o compromisso de conhecer todas as salas de aula, onde os professores aplicavam a proposta de filosofia. Este movimento foi extremamente importante na implantação do programa, uma vez que nos proporcionou uma visão prática e realista de cada sala de aula e de cada professor envolvido no processo. Estas visitas foram uma forma de apoio a este primeiro momento, onde a insegurança ainda era muito grande, pois, os professores estavam experimentando a filosofia na sala de aula pela primeira vez. Fez-se necessário um acompanhamento como estratégia fundamental, para que com o tempo eles tivessem total confiança. No total trabalhamos com dezoito unidades e oitenta e quatro classes. As unidades são:

UNIDADES	salas 3^a. e 4^a.	manhã	Tarde
ADI Angélica Sêga Tremocoldi	08	04	04
ADI Geraldo Rocha Campos	03	03	
EMEFEI Anália de Luca Furlan	04	04	
EMEFEI Prof. Augusto Scomparin	02		02
EMEFEI Prof. Maria Augusta Bilia	04	04	
EMEFEI Prof. Maria Regina B. Carpim	14	07	07
EMEFEI Prof. Mariana Fracassi Schmidt	03	03	
EMEFEI Prof. Purificacion S. Fonseca D Pura	01	01	
EMEFEI Prof Terezinha Quinalha	03		03
EMEF Prof. Gessi Terezinha B. Carneiro	06		06
EMEF. Prof. Antônia Dagmar	00	-	-
EMEF. Maria de Lourdes Rodrigues	02	02	

EMEF Prof. Maria M.G. Valente D. Bininha	10	05	05
EMEF Prof. Ruth Garrido Roque	06	06	
EMEF Padre Victorio Freguglia	12	06	06
EMEFEI ® Antônia Fagnol Furlan	02	02	
EMEFEI ® Antônio Prezotto	02	02	
EMEF ® DA Fazenda Fonte Nova	02	02	
Total:	84	51	33

Cada unidade era visitada pelo menos uma vez ao mês, totalizando (84) oitenta e quatro salas visitadas. As visitas foram realizadas em cada um dos diversos setores da cidade. Cada setor possuía um número de escolas, escolhidas conforme o trajeto mais conveniente. Esses setores foram:

Manhã

SETOR I (Área Central)	SETOR II (Rural)	SETOR III (Zona Leste)
ADI Geraldo	Fonte Nova	D. Pura
D. Bininha	Prezotto	Maria de Lourdes
Ruth Garrido	Furlan	Padre Victorio
	EMEFEI Anália	Maria Regina
		Maria Augusta
		ADI Angélica
		Mariana Fracassi

Tarde

SETOR I
Maria Regina
Padre Victório
ADI Angélica
Gessi
D. Bininha
Augusto Scomparin
Terezinha Quinalha

O Programa teve início em março de 2003 conforme tinha sido previsto. As visitas eram agendadas previamente e o grupo de professores de cada unidade definia em comum acordo o dia em que estariam trabalhando a disciplina de filosofia. Durante todo o ano de 2003 estive visitando as salas de aula, conversando com os alunos, participando das aulas elaboradas pelos professores e acompanhando suas dificuldades. É importante ressaltar que cada professor tinha liberdade de preparar suas aulas a seu modo, cabendo à coordenação apenas sugestões e orientações. Em certas unidades os professores se reuniam, para pensar as aulas de filosofia, construindo um plano de ensino, que agregasse elementos para intercâmbio. Uma sala se reunia com outra para algumas aulas, envolvendo um grupo grande de alunos na formação de uma peça teatral, por exemplo. Assim foi construída a peça: “Meu Amigo Rio”, que envolveu crianças de terceiras e quartas séries, relacionando, a partir das aulas de filosofia, a preservação do meio ambiente, partindo de questões relacionadas à ética. Esta peça repercutiu muito bem entre todos na escola, inclusive trazendo os pais dos alunos mais próximos da escola, proporcionando um debate à comunidade sobre o processo de poluição, que acontecia no córrego que passa próximo a escola. A iniciativa foi publicada pelo jornal Diário de Santa Bárbara (V. anexo), proporcionando orgulho aos pais, professores e alunos do colégio.

Com a divulgação desta atividade, demonstrando que era possível trabalhar partindo de sua própria criatividade, outros professores menos entusiasmados com a proposta perceberam que poderiam alimentar esperanças de que este trabalho pudesse render bons frutos. Assim, tivemos na semana pedagógica do mês de julho de 2003 relatos de experiências de

professores, que, partindo das aulas de filosofia, desenvolviam aulas envolvendo expressões artísticas como parte integrante do seu plano de ensino, e de maneira prazerosa seus alunos e a si mesmos, construindo um ambiente agradável na escola, sem o abandono dos conteúdos. Tivemos o relato de uma professora, que através das aulas de informática, nas quais os alunos trabalhavam com um software chamado *logo*, trabalhou a história da vida de Sócrates com seus alunos. Eles reproduziram no computador as animações, que representavam Atenas, o modo de vida da época, o próprio Sócrates e sua condenação. Este relato foi exibido a muitos professores da rede na oficina “Relatos de Experiências”. Seu resumo se encontra nos anais da semana pedagógica de julho de 2003 (V. anexo)

Cada unidade escolar montava seu cronograma. Os diretores e coordenadores das unidades assumiram o compromisso de efetivamente trabalhar a disciplina pelo menos uma vez por semana. Como os professores experimentavam pela primeira vez formalmente a disciplina de filosofia com as crianças, foi necessário estabelecer algumas regras para análise do andamento do projeto. Essas regras se resumiam em:

1-Construção do plano de ensino

2- Entrega prévia do plano a coordenação do projeto

3-Comprometimento de trabalhar as propostas estudadas pelo menos uma vez por semana sem necessidade de horário pré-estabelecido para início e término.

Tais regras nos proporcionaram uma melhor visão de como cada professor construía suas aulas, possibilitando tempo hábil para análise e suporte das dificuldades, que naturalmente surgiam.

Tínhamos reuniões sempre uma semana antes do início de cada semestre. Essas reuniões eram marcadas, dividindo as unidades pela mesma lógica adotada no programa de visitas. Reuníamos-nos no máximo com 25 professores por vez. Tivemos a oportunidade de observar o desenvolvimento das aulas pensadas nos planos de ensino na prática com as crianças e lições importantíssimas foram tiradas no processo, mesmo sendo apenas uma proposta. Os planos são importantes para a construção da aula, servem de guia, porém o que estamos propondo e que privilegiamos nas capacitações são a criatividade e consistência na formação de professores, que podem navegar com seus alunos para além do plano de aula e retomá-lo, se necessário fôr. Como as aulas eram oferecidas para as crianças semanalmente, podíamos acompanhar os trabalhos dentro de um cronograma, que envolvia também um encontro com os professores a cada mês, sempre no horário destinado ao Horário de trabalho pedagógico coletivo (HTPC), que nos foi fornecido em acordo com a secretaria e os professores. Esses encontros aconteciam nos períodos matutino e vespertino em quatro horários de duas horas sempre na primeira semana de cada mês.

Estes encontros mensais eram propostos para o diálogo entre os professores das escolas da rede de ensino. Tínhamos duas horas para o diálogo aberto sobre as dificuldades e a exposição de idéias e experiências interessantes, que aconteciam no contato direto da proposta com as crianças. Nestes diálogos conseguíamos agregar elementos novos, relatos de fatos, que aconteciam nas aulas, falas das crianças, o que somava positivamente na proposta. Com a regularidade destes encontros podíamos analisar melhor o que efetivamente os professores sentiam. Quais as principais dificuldades no trabalho? O que

acrescentava a filosofia à sala de aula? Como as crianças se comportavam, experimentando aulas construídas a partir da proposta? Gostavam das aulas, havia interesse? Participavam dos círculos de diálogo? Havia melhora ou não na participação das crianças nas aulas? Os textos produzidos pelas crianças eram satisfatórios? Houve melhora na escrita? O material didático produzido atendia às necessidades da proposta? Como era recebido pelos alunos? E quanto aos professores, conseguiam intervir devidamente nos diálogos com eles? Todas estas questões eram debatidas com os professores nas visitas e nos encontros mensais, o que nos permitia uma visão mais apurada das atividades desenvolvidas.

Seguíamos construindo o programa, promovendo sempre o diálogo aberto e democrático com os professores, sempre acrescentando questões de cunho filosófico e educacional, partindo para o campo da reflexão acerca daquilo que estudávamos nos livros a respeito do tema de filosofia para crianças e na prática direta da proposta em sala de aula.

As visitas nos proporcionaram o contato direto com o professor em sala de aula, mas, nos permitiram também o contato com as crianças, que traziam relatos importantes a respeito da relação com os professores e a disciplina. Traziam-nos perguntas relevantes, para que pudéssemos pensar na maneira mais sábia de promover as respostas. Todos os professores foram orientados a fazer uso daquilo que as crianças traziam para a aula, assim promovendo um movimento constante de idéias para novas aulas e perspectivas para o trabalho.

6- Avaliações da proposta pelos professores

Alguns relatos de professores serão aqui descritos neste momento, em que penso ser oportuno demonstrar as primeiras impressões do trabalho em sala de aula depois de alguns meses de experiência com a proposta, tal como as respostas ao questionário de pesquisa oferecido aos professores.

1- Questionário de Pesquisa Acadêmica

Este é um pequeno questionário de pesquisa sobre o Programa de Capacitação Contínua em Filosofia oferecido de 2001 a 2004 pela Rede Municipal de Ensino de Santa Bárbara d'Oeste. Foi respondido por um número significativo de professores escolhidos aleatoriamente para análise do desenvolvimento da proposta ainda em sua execução.

1) Você considera que o Programa de Capacitação em Filosofia contribuiu em sua formação? De que maneira?

2) A filosofia acrescentou algo que você considerou relevante em sua postura como educador e no seu modo e método de trabalho na sala de aula?

3) Quais as principais dificuldades encontradas para o trabalho com a proposta na sua sala de aula?

4) O que você considerou positivo e negativo no desenvolvimento do programa?

5) Houve alguma mudança no seu comportamento como educador e no de seus alunos durante o período em que trabalhou com a proposta?

6) Durante o período em que foi oferecido o curso de filosofia, havia uma máxima muito presente: “Educar-se a si mesmo.” Essa é uma máxima do pensador Alemão Friedrich Nietzsche. Como você relacionaria essa afirmação com o método das aulas oferecidas pelo programa?

Respostas dos Professores:

Profa. I

1) Sim. A prática da reflexão auxilia o professor na detecção de problemas e na procura de soluções.

2) Sim. A filosofia traz ao professor uma nova postura. Uma posição de orientador que reflete e analisa em conjunto com seus alunos encontrando a resolução de comum acordo.

3) Esse trabalho só terá uma avaliação conclusiva depois de certo tempo de aplicação, pois tem que se implementar gradativamente com as crianças, a leitura crítica, a reflexão e a discussão das idéias em questão. A pratica se convertera em hábito.

4) Pontos positivos: tivemos a oportunidade de preparar material para trabalharmos com as crianças, após uma orientação segura do capacitador.

Pontos Negativos: A falta da continuidade da capacitação.

5) Sim, mudança de postura, um maior entrosamento com o aluno uma proximidade e uma cumplicidade maior com o aluno.

6) Essa máxima tem muito a ver com o método utilizado na capacitação. Educar-se a si mesmo diz respeito a construção do próprio conhecimento

movido pela vontade de aprender. Dessa maneira a ênfase do curso estava na motivação do participante para que ele mesmo buscasse o seu conhecimento.

Profa. II

1) Sim. Comecei a perceber que eu poderia ampliar a visão de mundo de meus alunos e a minha também, através de leituras reflexões questionamentos.

2) Minha postura mudou bastante, pois passei a aceitar as idéias que meus alunos tinham sobre os temas questionados, dando mais importância às questões reflexivas nas atividades de interpretação. A opinião e idéias dos autores são importantes, mais as idéias dos meus educandos também.

3) Colocar os alunos a pensar. Eles não estão acostumados com essa situação.

4) Positivo: Tive a oportunidade de parar para refletir sobre vários temas que ainda não tinha parado para pensar.

Negativo: os estudos sobre cada filósofo eram muito extensos.

5) Sim. Aprendemos juntos a buscar em textos de diversos gêneros, temas para serem abordados respeitando as idéias uns dos outros e, também as crianças podiam expressar suas idéias mais “livremente”, pois não precisavam pensar sobre ortografia, pontuação e gramática. Os textos serviam de ponte para eu buscar o que trabalhar em língua portuguesa.

6) Através dos textos lidos nós aprendemos a buscar o tema para as reflexões: os temas não eram impostos (Tratavam-se de nosso interesse, conhecimentos prévios e visão das coisas.)

Profa. III

1) Sim o programa de capacitação em filosofia muito contribuiu, pois me ajudou a solucionar os problemas encontrados em sala de aula.

2) Sim, a filosofia me ajudou a entender e refletir melhor com meus alunos as dificuldades encontradas no dia a dia.

3) É um trabalho cujo resultado se dá paulatinamente, pois os alunos vão construindo o conhecimento de forma reflexiva e questionadora.

4) Pontos positivos: através das aulas apresentadas, das idéias e reflexões feitas entre professor/aluno, houve grande mudança de postura tanto nos alunos como no professor, nos tornamos mais críticos e coerentes.

5) Pontos negativos: A durabilidade da proposta foi curta.

6) O curso foi oferecido de maneira que o educador se sentisse motivado e para que o mesmo buscasse constantemente o conhecimento. Educar-se a si mesmo, diz respeito a construção do próprio conhecimento.

Profa. IV

1) Sim. De forma a ter uma postura mais crítica sobre algumas questões que não tinha parado para refletir.

2) Sim, a utilização do diálogo como método de educação.

3) A falta de trabalho coletivo entre os professores, pois alguns trabalhavam e consideravam importante, outros, porém não acreditavam no resultado do trabalho.

4) Positivo: Conteúdo teórico, as reflexões e as atividades propostas, como a criação de histórias sobre determinados temas. Crítica aos filmes assistidos.

Negativo: A capacitação não ter tido continuidade.

5) Reflexões sobre os objetivos da filosofia levando os alunos à troca de idéias, argumentações, dando-lhes liberdade de pensamento e expressão.

6) Autoconhecimento, sabedoria e prática do bem. Ao trabalhar com estes itens percebi que os alunos desenvolveram em si a posição de que podem falar o que pensam, sem serem criticados por isso e que todos nós somos eternos aprendizes.

Profa. V

1) Sim. Esse programa de capacitação me fez ver a filosofia não como algo complicado, impossível de ser trabalhada com as crianças, mas sim encarar a filosofia como um momento de reflexão e que as crianças podem muito bem aprender a fazê-la.

2) Embora eu tenha sempre procurado ouvir os alunos para saber o que pensam de determinado assunto, eu não fazia disso um momento específico de reflexão(com dia e horário determinados) nem me preocupava com a maneira de dispor os alunos em círculo como sugerido no programa. Agindo dessa forma percebi que as aulas de filosofia se tornavam mais proveitosas.

3) Algumas dificuldades que encontrei ao trabalhar com essa proposta era colocar os alunos em círculo e fazer com que não desviassem a atenção do tema que estava sendo discutido, com conversas paralelas. Também em muitos momentos eu precisava enfatizar a importância de ouvir o que o colega tinha a dizer, bem como lembrá-los que era necessário erguer a mão e esperar sua vez para falar.

4) Foram positivas algumas sugestões dadas de como trabalhar filosofia com a s crianças. No entanto, acho que deveria ter tido mais sugestões e um maior acompanhamento da aplicação das mesmas e ou de seus resultados.

5) Da minha parte acho que a questão 2 responde. Quanto aos alunos percebi que muitos aprenderam postura, como fazer perguntas e refletir sobre as respostas, conhecimentos necessários também em outras disciplinas.

6) Acredito que para trabalharmos filosofia com as crianças, era necessário antes de tudo apurar nosso olhar, para enxergarmos filosofia em tudo, nos textos lidos, nas ações das pessoas... E assim saber como questionar as crianças de forma que pudessem tirar proveito desse momento. E foi exatamente isso que aconteceu nessas aulas de capacitação, realmente tivemos que nos educar primeiro nesse sentido.

Profa. VI

1) Sim, me levou a questionar minha prática.

2) Sim, pois comecei a por em prática aquilo que aprendi no curso.

3) A resistência dos alunos, pois a maioria quer tudo pronto se recusando a pensar.

4) O programa em si foi positivo e negativo foi a interrupção do programa de formação.

5) Sim, alguns alunos começaram a se soltar mais, ou melhor a se expressar a questionar.

6) O curso veio para causar uma inquietação em nós educadores, pois a grande maioria foi educada a reproduzir aquilo que os professores ensinavam sem muitas vezes poder questionar, dar nossas opiniões. E nós professores precisamos buscar o saber e pensar sobre o mesmo.

Profa. VII

1) Sim. Ele veio como fonte de recursos para não apenas nortear mas também dar embasamento teórico para o trabalho com temas voltados à filosofia.

2) Sim, a partir do momento em que associei a teoria com a prática. Eu passei a ter condições de trabalhar aspectos comportamentais e sociais em sala de aula.

3) A falta de credibilidade por parte dos pares que muitas vezes consideravam este trabalho como sendo “Perda de tempo” e muito trabalhoso.

4) Positivo: o despertar para a necessidade do ensino de filosofia no ensino fundamental desde as séries iniciais.

5) Sim, As brigas e questões relativas as diferenças foram sanadas de maneira agradável e as discussões fluíam naturalmente.

6) As aulas eram norteadas, porém de uma maneira que nos deixavam livres para pensarmos, produzir nosso próprio conhecimento, aplicando na prática de acordo com as nossas necessidades e competências.

Profa. VIII

1) Sim. Fazendo com que eu viesse a refletir mais em situações do cotidiano e conseqüentemente, me tornando mais crítica e podendo ampliar a visão dos meus alunos.

2) Com certeza, pois passei a refletir e aceitar com mais facilidade as idéias dos outros. Sendo que, os textos utilizados em sala passaram a ser mais pensados analisados.

3) De início, fazer com que os alunos participem das aulas colocando suas idéias e opiniões e também que aceitassem as opiniões dos outros, foi complicado.

4) Positivo: a finalidade do curso.

Negativo: pouco contato do professor com nossas aulas/alunos.

5) Sim. Nós nos tornamos mais “abertos” no que diz respeito ao ouvir e aceitar idéias contrárias, assim como expor com mais confiança o que sentíamos. Os textos trabalhados passaram a se mais selecionados.

6) O pensar diante de uma frase ou citação e após “criar” foi um aprendizado significativo.

Profa. IX

1) Sim através do programa de capacitação em filosofia comecei a ampliar meus conhecimentos e passei a trabalhar de maneira diferente com meus alunos, fazendo com que os mesmos ampliassem a visão de mundo, tornando-se mais críticos, reflexivos e questionadores.

2) Sim. Passei a aceitar as idéias de meus alunos, o que eles pensavam no que acreditavam a maneira que viam as coisas. Meus textos passaram a ser mais reflexivos com questionamentos que fazem com que os alunos exponham suas idéias, sentimentos e dúvidas.

3) Os alunos abandonaram as respostas prontas e a dificuldade de se expressarem livremente.

4) Positivo: O curso em si.

Negativo: O pouco acompanhamento da proposta nas nossas salas de aula.

5) Sim aprendemos juntos a buscar a essência dos textos, respeitar as idéias dos outros.

6) No curso nada era entregue pronto. Os textos que nos eram oferecidos serviam como instrumentos para uma nova construção, através de reflexões, questionamentos, dúvidas, despertando assim nossa criatividade e interesse.

Profa. X

1) quantas vezes você já ouviu falar na necessidade de valorizar a capacidade de pensar dos alunos? De prepará-los para questionar a realidade? Acredito que contribuiu para colocarmos nossas atividades em prática com democracia como importante ingrediente da educação.

2) Ela nos faz levar mais em consideração que o professor/educador deve despertar o entusiasmo, suscitar e desenvolver com as crianças uma postura de desconfiança aos estados físicos e morais que são requeridos pela sociedade política no seu conjunto.

3) A princípio a dificuldade dos alunos se expressarem oralmente, pois nas aulas de filosofia fazíamos muito isso.

4) O programa de capacitação contínua em filosofia deveria ter tido continuidade.

5) os alunos tornaram-se participativos e aprenderam a se expressar com mais dinamismo.

6) Aulas interagidas, reflexivas onde tínhamos a oportunidade de “educar-se a si mesmo”.

Profa. XI

1) Contribuiu bastante em minha formação me tornando uma professora mais crítica e pesquisadora.

2) Acrescentou uma maior habilidade para trabalhar em grupo com as crianças, utilizando textos que lhes chamavam a atenção.

3) A timidez de algumas crianças em expressar suas idéias.

4) As leituras dos textos e depois os debates feitos com o professor foram pontos bem positivos. Negativos não tiveram nenhum.

5) Os meus alunos amavam a aula, ouviam as opiniões dos amigos, expunham as suas. Era uma dinâmica legal.

6) as aulas oferecidas pelo programa foram exatamente momentos onde os professores que cursaram tinham chances de educar-se, pois muitas atividades que instigavam a curiosidade foram desenvolvidas.

Profa. XII

1) sim. Possibilitando refletir sobre questões cotidianas.

2) Ampliando momentos de diálogo e expressão de idéias dos alunos.

3)-----

4) Positivo: Fundamentação teórica.

Negativo: Falta de um maior acompanhamento na prática em sala de aula.

5) Sim, o grupo tornou-se mais expressivo e participativo.

6) Que a mudança e o renovar dependem primeiramente de nós.

Prof. XIII

1) Considero que a capacitação em filosofia foi importante para minha formação profissional, apesar de já ter participado dessa disciplina em minha formação superior, porque tomamos a questão filosófica não como algo inacessível, mas que podia ser colocado em prática no dia a dia com nossos alunos.

2) Sim. Me deu maior liberdade ao pensamento em um momento muito importante.

3) Não encontrava grandes dificuldades porque criava uma aula contextualizada com o tema que iria trabalhar ou buscava um tema na problemática que os alunos traziam.

4) considerei positivo o envolvimento dos alunos com os temas e o retorno dos trabalhos, tanto por parte dos alunos quanto por parte dos professores nas capacitações. Como aspecto negativo considero que se não tivéssemos tantos cursos ao mesmo tempo o aproveitamento teria sido melhor.

5) Sem dúvida houve um ganho significativo pois os alunos começaram a refletir criticamente sobre vários temas e situações. E os professores tiveram mais facilidade de abordar questões filosóficas nas aulas ao contextualizar a partir de problemáticas filosóficas.

6) Nas aulas havia a preocupação de produzir, a partir do embasamento teórico material para que pudéssemos trabalhar em sala de aula, com nossos

alunos, questões pertinentes ao nosso cotidiano. Sem dúvida muito melhor do que textos e “receitas” prontas.

2- Depoimento gravado em vídeo produzido pela TV cultura de Santa bárbara d´ Oeste.

Profa. I

Normalmente os alunos recebem um texto mimeografado, se ele for curto pode ser copiado. Nós fazemos uma roda. A roda da conversa. Nessa roda eles colocam as suas opiniões e também obedecem com isso a dos colegas. Por que não tem nessa roda de conversa o que é certo e o que é errado. Tem a sua própria opinião. Então isso é que é mais difícil passar para os alunos, fazer com que eles aceitem outras respostas. E isto esta sendo acrescentado no dia a dia. Estou vendo que esta surtindo um efeito consideravelmente bom com relação não só entre eles na classe, mas também na escola em geral, no intervalo com outros colegas de outras séries.

Profa. II

Eu trabalho esse ano com uma terceira série. Eu tenho trabalhado filosofia nos moldes do curso que eu fiz o ano passado. E eu tenho sentido um resultado muito bom na minha sala. Tenho trabalhado temas que fazem parte do cotidiano de meus alunos, principalmente referente a solidariedade, amizade, amor, a família, que são os temas que eu sinto que eu preciso trabalhar melhor com eles. A gente percebe que há uma mudança comportamental muito grande. Crianças que tinham uma dificuldade tremenda de relacionamento, a partir do momento que a gente trabalha filosofia não diariamente porque é uma aula por semana eu as quintas- feiras, meus alunos gostam bastante, cobram quando uma semana por acaso não dá pra fazer porque a gente tem um projeto eles cobram porque eles gostam bastante. O mais importante eu acho na aula de filosofia é a gente estar estimulando o aluno a falar aquilo que ele pensa. Procuro sempre ou com um texto, ou com um filme, que entre dentro

daquilo que eu quero que seja discutido naquele momento. E procuro também ver coisas que aconteceram durante a semana dentro da escola ou fora dela para trazer como tema nas aulas de filosofia. Eu acho que o trabalho tem sido muito bom gostaria que ainda que pela rede: Há... não é pra continuar mais, eu gostaria de continuar trabalhando com meus alunos.

Profa. III

Eu acredito ser importante porque os alunos têm nesses momentos, nesse espaço de tempo um momento em que eles colocam o que eles pensam, eles se expressam melhor. Então esses momentos são muito importantes. As crianças tem gostado muito de trabalhar, eles tem se interessado, nós temos trabalhado temas da atualidade, sobre os filósofos, sobre alguns conceitos. E eles se preocupam em colocar no papel o que eles pensam. A gente tem trabalhado muito em grupo nesses momentos. A gente abre assim na sala uma roda, pra estar conversando, discutindo muitas coisas. E esta enriquecendo muito o trabalho com os alunos. E eu tenho percebido que eles estão mais participativos, alunos que não se colocavam, não colocavam suas opiniões, estão se colocando. Alunos muito tímidos estão se expressando mais. E isso tem sido muito bom nesse trabalho.

Profa. IV

A gente coloca os alunos em círculo um olhando para o outro. Cada um contando de sua vida, sempre associando aos ensinamentos que a gente oferece nas músicas, poesias, leitura informativa. Então... A filosofia está surtindo um efeito maravilhoso entre os alunos. Quando eu ponho na agenda na quarta-feira que tem filosofia eles ficam muito felizes, porque eles se soltam, falam das emoções, das ansiedades deles. Eu acho que a filosofia veio assim; demorou um pouco, mas chegou, e chegou para mais uma área da escola ser útil para vida dos alunos.

Profa.V

Eu acredito que a filosofia veio ao encontro das nossas necessidades. Principalmente aqui, na nossa escola, no nosso bairro que a gente sabe que tem tantos problemas. E é um momento mesmo de reflexão e é um momento agradável em que os alunos participam intensamente. A gente trás temas do dia a dia, como família, e isto tem se tornado um momento de relação direta entre professor e aluno, onde todos passam a ser amigos. E isso veio desenvolver a questão da solidariedade.

7- Considerações finais do capítulo:

Todo o trabalho desenvolvido nos trouxe novas possibilidades de pensar o oferecimento da filosofia num programa de formação. Não oferecemos uma metodologia fundamentada em “novelas filosóficas”, e encontramos nas expressões artísticas refúgio para a construção de nossa metodologia. Buscamos evidenciar que a nossa tentativa fugia apenas aos moldes do programa oferecido pelo Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, principalmente na alternativa para um modelo fundamentado na lógica formal e no processo de capacitação de professores. Todo nosso trabalho se desenvolveu pela ativa participação dos professores envolvidos no processo de criação, e não apenas na mera reprodução de conteúdos pré-definidos e oferecidos como único caminho para fazer filosofia com crianças. O conceito de auto-formação tornou-se de fundamental importância no processo de formação de nossos professores e do desenvolvimento desta proposta, através da curiosidade e criatividade que fomos desenvolvendo o que pretendíamos. Havia uma nova postura perante o processo de educação, que perpassava apenas a reprodução e atingia a criação pela busca incessante da reflexão.

O capítulo apresentou a narração do processo de capacitação e temos a intenção de publicar os textos produzidos em nossa experiência tornando este material de conhecimento público, visando compartilhar com aqueles que se interessam pelo tema de filosofia e crianças.

8- Considerações Finais:

Ao longo de toda a exposição deste trabalho encontramos questões de cunho educacional e filosófico: a tentativa de uma aproximação à filosofia como instrumento de percepção de antigos e novos problemas na relação entre filosofia e educação. Desde a atenção dedicada ao precursor da proposta de filosofia para crianças, Mathew Lipman e seus colaboradores, como Marie F. Daniel e Marco A. Lorieri, e de críticos a seu programa, como René J. Trentin e Samuel Scolnicov. A apresentação da proposta de Lipman tem sua relevância para esta pesquisa por seu conteúdo histórico. Não há como negar a importância do trabalho de Lipman como idealizador de uma proposta, que aproxima as crianças do exercício filosófico. Tentamos, porém, demonstrar através de considerações de críticos e nossa própria, que existem outras possibilidades de propor a filosofia nas séries iniciais, sem necessariamente estar vinculado ao programa deste autor. Este foi o objetivo traçado pelo Programa de Formação Contínua em Filosofia oferecido em Santa Bárbara d'Oeste, que foi objeto de estudo desta dissertação de mestrado. Apresentamos o que é o programa de Lipman, para demonstrarmos onde e como ele nos influenciou na nossa proposta de filosofia, e encontramos no pensamento de Nietzsche uma forte influência, para pensarmos num programa de formação de professores, que privilegiasse a criatividade e a ação, com o intuito de oferecer um modelo de formação, onde o educador tem a função de elevar seus educandos a um processo de superação de si mesmos, não apenas como mediador, mas como exemplo de superação. Aqui se encontra a principal diferença no programa que oferecemos. O primeiro capítulo procura evidenciar que, através daquilo que conhecemos do programa de Lipman e nas reflexões que tivemos com a filosofia de Nietzsche, encontramos uma forma de criar nosso próprio programa de capacitação. Não nos preocupamos em aprofundar a pesquisa nestes autores, pois neste trabalho nos ativemos ao processo de capacitação de professores do ensino fundamental de terceiras e quartas séries. Procuramos expor no nosso método de trabalho, onde estas influências são evidentes. Não negamos o que Lipman propõe como filosofia, mas procuramos principalmente no processo de formação de professores oferecer uma alternativa.

Todo o material didático, como planos de ensino e de aulas, foi elaborado pelos próprios professores envolvidos no programa e é parte importante dessa pesquisa. Por opção encontram-se anexados no final. Apenas alguns depoimentos e um questionário fazem parte do corpo do texto. É através destes relatos e anexos que podemos visualizar o fruto de uma capacitação oferecida sem o pré-determinismo de materiais oferecidos apenas para reprodução. A superação foi marco constante durante todo o processo de criação de cada um dos textos; os professores se propuseram a colaborar para que uma proposta como esta fosse realizada. Cada professor, empenhado em contribuir, se superava, retomando sua auto-estima e reavivando em seu ser o princípio de educar, não mais como reproduzidor, mas como agente interativo e constitutivo de uma proposta em sua totalidade.

Percebemos ao longo do tempo que trabalhamos junto com os professores, a carência de conhecimento sobre conceitos e autores da filosofia. Oferecemos a oportunidade de aproximação com a filosofia inicialmente pela leitura de obras de historiadores e dos próprios filósofos, entrelaçando com as temáticas que consideramos próprias da filosofia. Não tivemos a felicidade de conclusão no processo de capacitação, o que nos limitou a exposição do trabalho que tivemos principalmente no período clássico da filosofia grega, e dos trabalhos elaborados na disciplina de prática educativa. Faltou-nos chegar até a filosofia moderna e contemporânea. Apesar de não concluída por problemas de ordem política o que oferecemos com essa pesquisa é relevante para que pudéssemos defender a tese de que não necessitamos de um material pré-determinado para formação de professores, mas que devemos oferecer a eles a oportunidade de participar ativamente do processo de construção deste, inicialmente apreendendo uma postura filosófica onde retoma a capacidade de se espantar para depois encontrar-se pronto para filosofar. Numa posição onde não oferecerá gradativamente a inibição a este ato ao longo do processo de formação de seus alunos.

Propusemo-nos trazer a público esta experiência, por considerarmos que a filosofia deve ocupar seu espaço na educação desde as séries

iniciais. Compartilhamos desse ideal com Lipman, embora não partilhemos da sua metodologia de trabalho. Encontramos no processo de capacitação de professores nossa maior discordância e procuramos demonstrar, oferecendo uma metodologia de capacitação não reprodutivista, que podemos formar educadores com maior autonomia, criatividade e criticidade para o trabalho em sala de aula. Todo nosso esforço consiste na busca de um educador consciente de seu trabalho e de seu lugar, oferecendo a oportunidade de filosofar com temas que consideramos próprios da filosofia; e que encontramos relacionados com nossa existência, compreendendo a filosofia como atividade importante para construção e desconstrução de conceitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia, Tradução de Alfredo Bossi, 4^a. Ed. Martins Fontes SP 2000.

ARANTES, Paulo. SILVA, Franklin Leopoldo. FAVORETTO, Celso. FABRINI, Ricardo e MUCHAIL, Salma. A Filosofia e seu Ensino. Ed. Vozes SP 1996.

CHAUÍ, Marilena. Convite a Filosofia. Ed. Ática SP 2001.

DANIEL, Marie- France. A Filosofia e as crianças Ed. Nova Alexandria SP. 2000.

DELORS, Jaques. Educação um tesouro a descobrir – Relatório UNESCO, 2ª. Ed. Cortez SP. 1999

DIAS, Rosa Maria. Nietzsche Educador. Ed. Scipione SP. 1991.

DURANT, Will. A História da Filosofia. Tradução: Luiz Carlos do Nascimento Silva: Nova Cultural, São Paulo, edição 2000.

KOHAN, Walter Omar. Filosofia para crianças, Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

_____, Walter (organizador) Ensino de Filosofia Perspectivas ed. Autêntica Belo Horizonte 2002.

_____ e WUENSCH, Ana Miriam (orgs.), Filosofia para crianças: A tentativa Pioneira de Matthew Lipman, 2ª. ed., Vozes, Petrópolis, 1998.

_____ e WASKMAN, Vera (orgs.), Filosofia para crianças na prática escolar, Petrópolis, Vozes, 1999.

_____ e KENNEDY, David (orgs.), Filosofia e infância: Possibilidades de um encontro. Ed. Vozes Petrópolis. 1998.

_____ e LEAL, Bernardina (orgs.), Filosofia para crianças em debate, tradução de Álvaro S.T. Ribeiro, Ed. Vozes. Petrópolis, , 2000.

_____ e LEAL, Bernardina e Ribeiro, Álvaro (orgs.), Filosofia na Escola pública. Ed. Vozes. Petrópolis 2000.

LARROSA, Jorge. Nietzsche e a Educação. Tradução Semíramis Gorini da Veiga. Ed. Autêntica BH. 2004.

LIPMAN, Mathew. Philosophy and the cultivation of reason. Thinking, 5(4), 33, 41. 1985

_____, O Pensar na educação. Ed. Vozes RJ 1995

_____, Filosofia na Sala de Aula. Nova Alexandria. SP. 1994

_____, Filosofia na Escola.. Summus. SP 1989

LORIERI, Marcos Antonio. FILOSOFIA: Fundamentos e Métodos ed. Cortez SP 2002

MATTHEWS, Gareth B. A filosofia e a criança Martins Fontes. SP 2001.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento. Bertrand, RJ. 2000

_____, Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro, Cortez, SP 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. Obras Incompletas. Pensadores. Trad. Rubens R. T. Filho. Abril Cultural. 1978.

_____, Crepúsculo dos Ídolos. Tradução de Artur Morão. Ed. Edições 70 Lisboa 1985.

_____, O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo. Tradução, Notas e Posfácio J. Guinsburg. Ed. Companhia das Letras, SP. 1999

_____. Genealogia da Moral. Tradução Notas e Posfácio Paulo César de Souza. Ed. Companhia das Letras SP. 1998.

_____, Ecce Homo. Como alguém se torna o que se é. Tradução Notas e Posfácio Paulo César de Souza. Ed. Companhia das Letras SP 2000 a.

_____, Breviário de Citações ou para conhecer Nietzsche. Seleção e Tradução Duda Machado Ed. Landy SP 2001

_____, Escritos Sobre Educação. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Ed. Puc Rio edições Loyola SP 2003.

SILVEIRA, Renê José Trentin. A Filosofia Vai à Escola? Contribuição para a crítica do programa de Filosofia para Crianças de Mathew Lipman: Autores Associados Campinas-SP. 2001.

SOBRINHO, Noéli Correia de Melo, Apresentação in Escritos Sobre Educação Ed. Puc Rio edições Loyola SP 2003

SPLITER, Laurence J. e SHARP, Ann Margaret. Uma Nova Educação: a comunidade de investigação na sala de aula, tradução de Laura Pinto Rebessi, SP Nova Alexandria, 1999.

TELES, Maria Luiza Silveira. Filosofia para crianças e adolescentes Ed. Vozes, Petrópolis. 1999.

TISHMAN, Shari e outros. A cultura do pensamento em sala de aula, tradução de Cláudia Buchweitz. Artemed. Porto Alegre 1999.

Anexos: Textos Produzidos Pelos Professores.

O Sr. João e o Caracol.

O Sr. João era um homem solitário, pensativo e voltado para seus próprios sentimentos e lembranças. Era já de idade avançada, e sempre viveu para a sua família. Trabalhou todos os dias de sol a sol, dia a dia...

Mas agora sua família não existia mais... Já não fazia parte da realidade, habitava o mundo das emoções, do pensamento e das lembranças. Por essa razão vivia o Sr. João tão só, envolvido com suas lembranças e cheio de saudades. Vivia pensando em sua própria vida, caminhando por tantos lugares, mas sem perceber onde pisava ou o que se passava à sua volta.

Foi num desses dias que a própria vida lhe preparou uma surpresa. Ele estava cabisbaixo, olhando para o chão, quando pela primeira vez em sua vida notou que um caracol vinha em seu caminho. O Sr. João parou para observá-lo, e percebeu que o caracol fazia um grande esforço para carregar sua casa.

De início pensou que o caracol estava atrapalhando o seu caminho, e ficou irritado. Mas se deu a oportunidade de pensar um pouquinho no seu caracol. Este vinha em direção aos pés do Sr. João e notou que precisava transpor aquele obstáculo, e pensou: “Já estou cansado de carregar minha casa, e agora me parece essa montanha no caminho!”.

Olhou para cima e percebeu que se tratava de um homem que o observava, e arriscou um pedido: “Será que o Sr. poderia colaborar comigo, levantando um de seus pés para que eu possa continuar meu caminho?”

“O Sr. João não foi muito amável, e respondeu rispidamente:” Quem você pensa que é para me tirar dos meus pensamentos e me pedir um favor?

“Bem, eu faço parte do mesmo mundo que você, respiro o mesmo ar e divido o mesmo espaço. Este mundo é nosso.”

“Nunca pensei que dividisse o meu espaço com um minúsculo e asqueroso bicho”.

“Pois é dividimos o mesmo espaço, sim. E acho tudo tão bonito! Depende do olhar de cada um. Para mim é um prazer dividir este mundo com tantas pessoas e bichos diferentes. E, por falar nisso, que bom conhecê-lo! Qual é o seu nome?”

“Sr. João é o meu nome, e essa nossa conversa não muda o que acabei de dizer. Continuo pensando que você é um atrevido e minúsculo caracol.”

“Bem, Sr. João, volto a dizer que isso também depende do olhar de cada um. Daqui de onde me encontro, olhando para cima, posso ver que além de sua cabeça há uma imensa árvore; vejo que acima da árvore existe um grande sol brilhante e nuvens gigantescas, vejo também que diante de tudo isso o Sr. também me parece muito pequeno. Pare para ver, com outros olhos, o mundo que o cerca, e verá quanta beleza e alegria há em toda a natureza.”

O Sr. João ficou pensativo e resolveu sair do caminho do caracol, dando-lhe passagem. O caracol agradeceu e seguiu seu caminho. O Sr. João resolveu, então, olhar para cima, e ficou ali, por muito tempo parado, refletindo sobre tudo que o caracol acabara de lhe dizer...

De quando em quando...

- De quando em quando, é importante que fales contigo mesmo.

Que te contemples, a sós, na face espelhada da consciência.

Que te perguntes quanto aos teus propósitos na vida.

Que não representes para ti mesmo.

Que te veja como não ousa mostrar-te aos outros.

Que conheças as tuas inclinações boas ou ruins.

Assim me disse aquele Animal horrendo: A cobra outro dia no Horto Florestal.

-Se você buscar conhecer-te melhor nunca falará das fraquezas alheias.

Nem se promoverá à custa da infelicidade dos seus semelhantes.

Liberdade excessiva é sinônimo de vida fora da realidade.

O "Homem" perde muito tempo sobre a Terra.

Prepara-se, a vida inteira quase, para o que nunca fará.

Portanto de quando em quando, fale contigo mesmo e se pergunte:

-Por que não fez no exato momento em que tomou consciência da necessidade de fazer?!

E finalmente me disse ela bem alto:

-Não despreze a crítica de todo.

Da peçonha da cobra é que se faz o soro contra a sua picada.

Saí bem diferente daquele que seria um simples passeio pelo Horto Florestal.

Provavelmente, com mais ânimo e coragem para refletir sobre o que é a vida?

O que é se sentir feliz? O que é ter paz?

E principalmente o que é o tempo?

Como eu estou aplicando e gastando o meu tempo?

Será que ainda dá tempo?

Foi sonho ou realidade?

De repente acordei e dei com aqueles dois olhos grandes e assustadores a me olhar intensamente e tão próximos.

Me sentei na cama e dei um grito porém a voz não saiu e os dois olhos enormes continuavam a me fitar.

Permaneci imóvel não sei por quanto tempo até que um pouco mais calma percebi que não eram dois olhos grandes.

Meu medo era tanto que não conseguia me mover, nem um dedo sequer.

Se um deles, ou melhor, de dois daqueles olhos grandes decidissem pular para cima eu nada faria, não me moveria.

E sabia perfeitamente que ainda restariam dois, ou melhor, quatro olhos enormes a me olhar.

Ou será que a resposta certa é: restariam seis olhos enormes. Porque os dois olhos grandes apenas decidiram pular em cima de mim, mas eles não fizeram isso.

Até agora não sei se acordei mesmo ou se foi um sonho. Só sei que me pareceu muito real, real demais para ser mentira, ou para ser verdade.

O que sei que senti sendo sonho ou realidade foi medo, muito medo.

E esse medo foi real ou sonho?

Eu me pergunto: Porque o medo?

De quem? Seriam bichos? Seriam pessoas?

Seriam extraterrestres?

Ou seriam...

E por que comigo? Naquele momento?

Daquele jeito?

Em meu quarto de madrugada, ou de manhãzinha não sei, só sei que estava escuro.

Mas aqueles olhos grandes enormes ali estavam redis pareciam falar, pareciam tão vivos e eu perdi essa “ocasião especial” de descobrir algo novo talvez, não sei.

Às vezes me pego pensando:

O sonho é real ou não?

Se tudo foi um sonho porque eu vi e tive a grande sensação de sentir até um certo calor vindo dos olhos tão grandes...

O que é sonho?

O que é medo?

O que são e de quem são aqueles seis olhos enormes?

Eu não descobri porque tive medo; medo de arriscar...

Só sei que na verdade eram oito olhos contando com os meus com muito medo; mas medo de que?

O prêmio

Joãzinho era um menino muito triste, humilde e tinha muito amor e compaixão em seu coraçãozinho.

Certo dia enquanto caminhava pelas ruas, e pensava na situação de seu pai desempregado, e de sua irmãzinha que tanto amava sofria de uma enfermidade e vivia acamada. Assim pensando olhou a sua volta observou aquelas mansões luxuosas e ficou imaginando como seriam felizes as pessoas que lá moravam. Quanta fartura, comidas, agasalhos haveria de ter lá... Seus olhinhos encheram-se de lágrimas e o seu coraçãozinho pontiagudo adentrava-o sem dó e piedade.

Cada vez que via nas vitrines os brinquedos lembrava de sua irmã doente e de cama e sabia o quanto ficaria feliz se pudesse ter um, foi nesse momento que sua vidinha de menino pobre pareceu tomar um outro rumo. De repente alguém que saiu sabe-se lá de onde, tocou em seu braço perguntando se o seu nome era João Silveira.

- Sim respondeu Joãozinho desconfiado.

- Faço parte de uma entidade beneficente da qual você foi premiado para passar um dia de recreação em nossa área de lazer, onde terá comidas deliciosas, brincadeiras e surpresas muito agradáveis. Está aqui o seu ingresso não o perca disse a senhora e afastou-se.

Joãozinho olhava para aquele papelzinho em sua mão e para a mulher que já sumia de sua vista, foi quando ainda correndo pode alcançá-la e indagou-a:

-Desculpe-me senhora, posso levar minha irmãzinha? Pois ela está muito doente e tenho certeza que esse passeio seria um santo remédio para curar a sua doença.

A mulher sensibilizada não pode atender ao pedido do pequeno João.

Joãozinho nem conseguiu dormir aquela noite de tão alegre e triste por não poder levar sua irmãzinha consigo. E preferiu não contar nada a ela, pois tinha certeza que isso a deixaria ainda mais triste e infeliz.

A manhã chegou, Joãozinho se viu num lugar encantador que até então só conhecia através de livros, filmes e imaginações.

Comidas das mais deliciosas e variadas, brinquedos dos mais legais e divertidos, que até o fez esquecer momentaneamente de seus problemas.

Joãozinho achou que já havia aproveitado de tudo, foi quando um simpático velhinho anunciou que chegara a hora da escolha dos presentes.

Joãozinho não se continha de felicidade, e lembrou aquelas inúmeras vezes que se viu diante daquelas vitrines cheias de brinquedos luxuosos, porém a situação naquele momento era diferente, ele poderia ter o brinquedo que quisesse.

Cada criança escolheu o seu, ele por sua vez ficou encantado por um robô que fazia tudo, ao chegar a sua vez de escolher disse:

-Eu quero aquela boneca ali que chora, anda e até faz “xixi”. Todas as crianças caíram na gargalhada e em coro gritaram: - Mariquinha, Mariquinha...

Com os olhinhos cheios de lágrimas, manteve a cabeça erguida e saiu com a boneca embaixo do braço.

Algum tempo depois se viu sentado ao lado da irmã e sentindo-se o próprio Papai Noel pode entregar-lhe aquele lindo presente.

Lili não se continha de felicidade e não sabia se abraça a boneca ou seu irmão.

Nesse momento bateram à porta era novamente aquela senhora que foi logo dizendo:

- Querido, ficamos todos sensibilizados com sua história e sua atitude está tarde, por esse motivo todas as crianças pediram para primeiro pedir-lhe desculpas e segundo premiá-lo com um presente também.

Joãozinho abriu o pacote e dando pulos de alegria dizia:

- Deus é grande, mas vê os pequeninos!

- Viva, viva, viva; obrigado Senhor.

-Agora sou o menino mais feliz do mundo todo! Pois pude proporcionar felicidade para minha maninha e estou feliz por não ter sido esquecido.

Amor e Desilusão

Beto Ferreira, um jovem cantor ansioso pelo sucesso, tocava todas as noites num pequeno bar na grande São Paulo.

Como ele, vários músicos faziam fila na esperança de encontrar um empresário que os levasse ao caminho da fama e do sucesso, mas Beto tinha um grande talento: suas mãos, ao chegarem ao piano, ganhavam vida própria! Beto cantava e tocava músicas de sua autoria que falavam de amor e esperança de uma vida melhor.

Beto tinha uma musa inspiradora, sua namorada Milene, uma grande garota, linda por fora e por dentro. Milene dava-lhe todo o apoio, sustentando-o e incentivando-o a persistir e acreditar no seu sonho e talento.

Todas as noites, quando Beto chegava, já tarde da noite, Milene o recebia de braços abertos, com um sorriso no rosto levantando-lhe o astral era isso que não o deixava desistir. Haviam até um “pacto solene” de nunca deixar nada e nem ninguém separá-los, pois o amor deles era grande demais, puro e inocente neste mundo falso.

Um dia, ou melhor, numa noite, representando uma grande gravadora, Beto fica conhecendo Benê Ferreto, um dos mais destacados empresários do mundo artístico, que se empolga com as criações musicais de Beto e resolve transformá-lo num popstar.

Começam os preparativos para o lançamento do grande astro: horas de ensaio, entrevistas com a imprensa, coquetéis, jantares em grupos. Os preparativos acabaram tomando todo o tempo de Beto, que acabou deixando o amor de Milene e a companhia dos amigos em segundo plano. Raramente ligava para ela e, quando o fazia, não se prolongava nos comentários.

Beto conseguiu a tão sonhada fama e o sucesso subiu à cabeça. Em todos os shows que fazia, milhares de fãs gritavam seu nome. Isso o fazia esquecer da vida simples que tivera até então. Era como se toda essa simplicidade fizesse parte de um passado que parecia muito distante.

Não tinha mais sossego. Em sua agenda não cabia nem mais um minuto de descanso, tamanha era a quantidade de compromissos já agendados. Acabou envolvendo-se com drogas para poder suportar o excesso de shows, entrevistas de rádio e programas de televisão.

Transformou-se num astro internacional e suas viagens eram constantes. Mas sua fama tão repentina teve um fim trágico: um acidente de avião tirou a vida de Beto.

Em seu enterro, as pessoas com quem Beto tinha convivido nos últimos meses, não compareceram. No lugar delas, apenas Milene, sua fiel companheira chorou por sua morte.

Agora me pergunto: Será que a fama muda o caráter do ser humano? O dinheiro é tão importante na nossa vida a ponto de jogarmos tudo fora?

Música: **PAIS E FILHOS.**

Estátuas e cofres
E paredes pintadas
Ninguém sabe o que aconteceu
Ela se jogou da janela do quinto andar
Nada é fácil de entender
Dorme agora
É só o vento lá fora
Quero colo
Vou fugir de casa
Posso dormir aqui com vocês?
Estou com medo
Tive um pesadelo
Só vou voltar depois das três
Meu filho vai ter nome de santo
Quero o nome mais bonito
É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade não há
Me diz: porque que o céu é azul?
Me explica a grande fúria do mundo
São meus filhos que tomam conta de mim
Eu moro com a minha mãe mas meu pai vem me visitar
Eu moro na rua não tenho ninguém
Eu moro em qualquer lugar
Já morei em tanta casa que nem lembro mais
Eu moro com meus pais

È preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã

Porque se você parar pra pensar

Na verdade não há

Sou uma gota d'água, sou um grão de areia

Você diz que seus pais não entendem

Mas você não entende seus pais

Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo

São crianças como você

O que você vai ser quando crescer?

Atividades para reflexão:

1- Releia os seis primeiros versos. Baseado no fato comente:

- O que leva uma pessoa a tomar este tipo de atitude?

2- Observe as frases e responda:

“É preciso amar as pessoas como se não houvesse o amanhã.”

- Como você acha que deve ser as relações das pessoas entre si?

“Sou uma gota d' água, sou um grão de areia.”

-Você concorda com a visão, do compositor da música, dada para definir-se como pessoa? Por quê?

SOFRIDOS

No mundo atual
Onde tudo é desigual
Cada um busca o seu ideal
Formando a pessoa, ser individual.
Nas ruas, maltrapilhos
Tristes, pobres, andarilhos
Discriminados e sofridos
Pessoas do mundo oprimido.

Não têm mais esperança.
No meio de tanta ganância
São filhos da Pátria esquecidos
E por todos desassistidos.

Que seres são esses
Que perambulam à toa?
Diga você agora
O que é ser pessoa?

Debate:

Pedir para que os alunos reflitam sobre a poesia e discutam a questão que ela levanta.

A MISTERIOSA CONVACAÇÃO

Era o despertar de um novo dia na floresta. O sol já manifestava seu intenso fulgor, pronto para cumprir sua missão como mantenedor da vida. Porém, algo misterioso ocorria...

Todos os seres da floresta encontravam-se reunidos em uma grande clareira, ansiosos para saberem o motivo de tal convocação. Enquanto aguardavam a presença daquele que iria presidir a reunião, arriscavam seus palpites.

De repente, um estrondoso rugido silenciou a todos. Por trás das enormes árvores surge então, a figura imponente e majestosa do Rei Leão acompanhado do velho sábio Babuíno.

-Saudações, meus caros amigos - disse o Leão. - Estamos aqui reunidos para anunciarmos a chegada de um novo ser em nossa floresta.

-E que ser é este, tão importante, para nos fazer acordar tão cedo, Majestade?

questiona o Bicho Preguiça!

-Trata-se de um ser diferente de qualquer outro já conhecido por nós. Seu nome é "Ser Humano".

Curiosa e risonha, a Dona Hiena perguntou:

-Mas que diferença possui esse ser?

-Ora, Dona Hiena!- interrompeu a Onça.

-Você nunca ouviu dizer que esse tal "Ser Humano" é um animal racional?!

Dona Hiena, após uma breve reflexão, concluiu:

-Ah, sim!!! Ele é racional como os cachorros, não é mesmo?! E, afinal, de que raça ele é?

-Não, Dona Hiena!- respondeu o sábio Babuíno. -Ele é racional porque utiliza a razão.

Confuso, o Tigre interferiu:

-Mas, o que é razão velho sábio?

-Razão é a capacidade que o ser humano possui de racionar, de pensar, de formar idéias e através delas interagir com o mundo.

Querendo entender melhor, a esperta Raposa perguntou:

-Mas o que significa, então, dizer que o ser humano é um animal racional?

-E o velho sábio Babuíno respondeu:

-Significa que...

Questionar os alunos:

Em sua opinião o que significa dizer que o ser humano é um animal racional?

Em seguida pedir para que eles continuem a história.

Música: CIDADÃO

(Zé Geraldo)

Ta vendo aquele edifício, moço,
Ajudei a levantar.
Foi um tempo de aflição
Eram quatro condução,
Duas pra ir e duas pra voltar.
Hoje depois dele pronto,
Olho pra cima e fico tonto,
Mas me chega um cidadão,
E me diz desconfiado:
Tu ta aí admirando,
Ou ta querendo roubar.
Meu domingo ta perdido,
Vou pra casa entristecido,
Da vontade de beber.
E pra aumentar o meu tédio,
Eu nem posso olhar pro prédio,
Que eu ajudei a fazer.
Ta vendo aquele colégio, moço,
Eu também trabalhei lá.
Lá eu quase me arrebento,
Pua a massa, fiz cimento,
Ajudei a rebocar.
Milha filha inocente,
Vem pra mim toda contente,
Pai,vou me matricular.
Mas me chega um cidadão:

Criança de pé no chão,
Aqui não pode estudar.
Esta dor doeu mais forte.
Por que eu deixei o norte,
E me pus a dizer.
Lá a seca castigava,
Mas o pouco que plantava,
Tinha direito a comer.
Ta vendo aquela igreja, moço,
Onde o padre diz, amém,
Pus o sino e o balado,
Enchi minha mão de calo,
Lá eu trabalhei também,
Lá sim valeu a pena,
Tem quermesse, tem novena,
E o padre me deixa entrar.
Foi lá que Cristo me disse:
Rapaz, deixe de tolice,
Não se deixe amedrontar,
Fui eu que criei a terra,
Enchi os rios, fiz a serra,
Não deixei nada faltar.
Hoje o homem criou asas,
E na maioria das casas,
Eu também não posso entrar.

Dinâmica:

Objetivo: Identificar qualidades, habilidades das pessoas.

Desenvolvimento

-Formar grupos em círculos sentados, distribuir folha e lápis para cada participante.

Pedir que escrevam características do cidadão que a música relata;

-Pedir aos alunos que façam a leitura das características encontradas e fazer a relação das quais mais foram citadas;

-Levantar as questões para debate:

*A quem consideramos de verdade como pessoa?

*Como é a relação entre as pessoas hoje?

*Em sua opinião, como deveria ser?

Esperteza, Honestidade, Justiça.

Agir de Maneira Correta e Justa.

Maurício é uma criança dedicada, inteligente tanto em casa, como na escola.

No catecismo sempre foi o primeiro, bastava ouvir uma pergunta e em frações de segundos a resposta era lançada de sua boca.

Mas toda essa informação e inteligência foram adquiridas através da educação formadora e informadora que recebeu de seus pais do diálogo e compreensão, não foi nada caído do céu, como algo nato, tudo fez parte de seus interesses e dedicação, mas a sua sabedoria estava dentro de um só contexto casa - escola - catequese, e num belo dia sua empregada pediu a Maurício, que pegasse um ônibus e fosse até a feira para ela.

Lá, Mauricinho conheceu outra realidade, pois embora já se sentia o dono do saber e ficasse indignado quando errasse alguma coisa, Maurício precisou da ajuda de uma senhora semi-analfabeta para pegar o ônibus.

Nas compras Maurício foi enganado por Ricardo, um menino que aparentemente tinha a mesma idade que ele, mas em nada se ligava na escola e todo o seu aprendizado vinha do seu dia-a-dia na feira, das brincadeiras e piadas com seus amigos, para Ricardo ninguém era dono do saber e para ele aprender é viver.

Ricardo ficou com pena de ver o menino tão engomadinho ser enganado tão facilmente, e não saber utilizar o conteúdo adquirido na escola para a vida, então lhe devolveu o dinheiro a mais e trocou-lhe a mercadoria; explicando que deveria ficar mais esperto e ser mais questionador fora da escola.

Maurício voltou para a casa, com uma lição que nunca tinha tido antes, pois embora possua bastante conhecimento às vezes não sabe agir como deveria

.Elisângela Renata de Jesus

Vera Lúcia Fernandes Camacho

O Safári

Em uma imensa floresta no Sul da África, João e sua esposa Simoni, faziam um safári com seu filho Lucas, de sete anos. Para quem não sabe

safári é um passeio ecológico dentro da floresta, é um zoológico sem gaiolas ou grades, onde os bichos ficam todos soltos.

Mas, as pessoas devem ficar dentro do carro e observar, ou seja, quem fica preso é o homem. Simoni, sendo uma mãe muito paciente e atenciosa respondia todas as perguntas do seu filhinho, que estava muito curioso e impressionado com tudo ao seu redor.

- "Mamãe, pode abrir o vidro do carro"?

Simoni, mais que depressa explicou que isso não poderia acontecer, pois os bichos são selvagens e poderiam por instinto de caça, pensar em atacá-lo.

- "Mas, mamãe! Eles parecem ser tão bonzinhos, olha a cara do macaco, que engraçado e o hipopótamo, parece o tio João de tão gordo! Há mãe, deixa, deixa...?"

Eu já disse que não, retrucou a mãe mostrando sinais de impaciência.

Mas a curiosidade de Lucas foi tanta que por um instante ele abriu o vidro do carro, e em segundos foi puxado para fora por uma girafa.

Ao olhar de outro ângulo referencial o menino viu a grande diferença, a sua mãe estava até babando de tanto gritar e bater no vidro, enquanto o seu pai arrancava os cabelos e batia na buzina irracional de desgosto. Em frações de segundo a história mudou parecia que eram animais, que estavam dentro do carro e a paz e o sossego estava ali fora. A girafa agarrou-o pela blusa e cuidava dele como se fosse um de seus filhotes.

Ouvindo a gritaria o guarda florestal corre até o local e percebendo o que acontecia logo caiu na gargalhada, o menino retribui o carinho da girafa e correu até o carro, falando eufórico ao pai:

- "Papai os animais podem até não pensar e agir por instinto, mas são muito mais carinhosos e agem melhor que muita gente".

Nesse instante o guarda se intromete e fala à família:

- "Realmente este menino é muito sábio e inteligente, olhe a sujeira que está aqui, em relação aos animais até concordo que não pensam, mas,

porém sei que não atirariam papel de bala, pipoca e sorvete pelo chão se somos melhores que eles porque fazemos isso?

Amizade, União, Amor, Desavenças.

Katsuana e Katsuko Montoya.

Era uma vez, em uma pequena comunidade do Japão um grupo de amigos, onde havia meninos e meninas. Lá as crianças se divertiam muito como toda criança, elas corriam pulavam, cantavam, gritavam, e também às vezes se desentendiam, mas, porém logo todo o grupo colaborava, e faziam os perceberem que brigar não é uma boa atitude.

Dentre as meninas se destacava Katsuana, que era filha do tataraneto do grande imperador, e, portanto sempre tinha as melhores atitudes, posturas e sabia perfeitamente dançar a grande dança da filha do tataraneto do imperador.

Foi em um desses dias, que o líder dos meninos Katsuko Montoya, bisneto de um grande filósofo, desafiou Katsuana, sobre quem é melhor que o outro. Katsuana não quis aceitar, pois achava que aquela atitude iria dividir os meninos das meninas, e, portanto, pessoas poderiam sair machucadas. Mas Katsuko Montoya persistiu, irritou. Ameaçou até que Katsuana não podia mais convencer as amigas de não enfrentarem Katsuko Montoya.

O grupo se separou amizade que antes era pura, tornou-se um jogo de trocas.

Katsuana, mesmo se sentindo muito triste com toda aquela situação era obrigada a se defender. Certo dia, ao cumprir com um dever escolar debaixo de uma frondosa árvore, percebeu que uma sombra, sutilmente cobria-lhe a face. Ao olhar o que a incomodava percebeu a presença de Katsuko Montoya, que olhou firmemente em seu lindo rosto e dizendo que o mais importante é a amizade, independente de sermos meninos ou meninas. Katsuko Montoya percebeu que a união que havia entre eles era muito grande, e com isso não poderia haver alguém melhor que ninguém.

Katsuana emocionada com a declaração de Katsuko Montoya, e decidida a reatar a amizade com seu querido amigo, deu-lhe um beijo no rosto e correu chamando-o para a brincadeira.

A partir deste dia, nunca mais houve discussão entre as meninas e os meninos, Katsuana e Katsuko, ao perceberem a diferença que há entre

eles, não somente de sexo como também de pensamento, fez com que eles se aproximassem cada vez mais, brotando assim uma grande paixão!

Brigar, Por quê?

Luís aluno da 1ª série do ciclo II, na última aula de 6ª feira, discutia intensamente com seu amigo Renato, e como se não o conhece-se há muito tempo, começou a agredi-lo.

No final de semana, embora tivesse sido obrigado a pedir desculpas ao amigo, ainda se sentia magoado e procurava não só se distrair, como também arrumar explicações para tudo o que havia ocorrido. Ele não se conformava, que mesmo depois de tantas aulas e exemplos de cidadania, dados pelo professor, ele e seu amigo ainda agiam dessa forma.

Resolveu então, dar uma volta pela cidade e começou a observar a violência que havia na noite. Passou em frente a um bar e logo a gritaria chamou-lhe a atenção. Viu vários homens bem mais velhos que ele, brigando e perguntou a si mesmo. Será que na escola ninguém lhes ensinou como ser pessoas de bem, seres sociáveis? Enfim, comparou a sua briga da escola, com as do bar, e concluiu que eles brigam porque não tem conhecimento, mas eu brigo, em sala de aula por quê?

Foi mais à frente, andou seis quarteirões e presenciou um casal brigando e comparou aquela cena, com sua antiga discussão, ambos por falta de dinheiro e eu por quê?

Ao sair dali, inesperadamente presenciou um assalto, outra forma de violência, que só praticada por criminosos, mas eu e meu amigo, não somos!

Passando por uma rua deserta, viu alguns jovens da nossa grande sociedade colocar fogo em um carro e tentarem queimar uma pessoa que estava alcoolizada, então pensou: Espera aí! Esses estudam como eu, então por que, estão fazendo isto?

Resolveu então, voltar para a casa o mais rápido possível, abriu o seu dicionário e procurou algumas palavras, que a diretora havia lhe falado: violência, cidadania, e achou apenas palavras e definições teóricas, as quais não justificavam, nem o seu comportamento e nem o de todos que havia visto naquele dia, então pensou: Se todos somos seres racionais como explicar a minha atitude e a do meu amigo?

Mariana e suas Dúvidas

Certo dia Mariana perguntou a sua mãe?

- Mamãe, nós somos pessoas ou animais?

Sua mãe espantada com a pergunta, responde:

- Nós, Mariana, somos seres Humanos, “gente”, o seu cachorro e a sua gatinha, são animais, seres irracionais.

Agora, menina pare de me fazer perguntas bobas!

Mariana sem entender a explicação de sua mãe, tranca-se no quarto e põe-se a pensar...

Ser humano..., pessoa..., animais, ser irracional..., como pode haver tanta diferença!

Meu cachorro parece gente, de tão esperto que ele é, meu amiguinho da escola parece um animal, pois não sabe falar e só sabe brigar.

Hii..., acho que fiquei mais confusa!!!

Por quê o homem é gente e o animal não é ?

Alguém Saberá...!

Um homem levou seus dois filhos, Daniel e Gabriel ao cinema.

Chegando lá, o homem pergunta ao bilheteiro o preço do ingresso, imediatamente lhe responde que crianças de até cinco anos só pagavam a metade. O homem então pagou metade para o filho de três anos e inteira para o menino que acabara de completar seis anos.

O funcionário recebeu o dinheiro meio intrigado e chamou o homem a um canto dizendo:

-Escute, você poderia muito bem ter enganado. Eu nunca saberia que seu filho já passou da idade.

O homem, sereno e calmo abriu-lhe um sorriso e respondeu olhando para o filho: - Alguém saberia a diferença!

Depois de todos os ingressos pagos foram finalmente assistir ao tão esperado filme.

Porém algo estranho estava acontecendo com o Gabriel, o filho de seis anos de idade. O que acontecia era que ele não conseguia tirar da cabeça o que havia acontecido ainda a pouco com seu pai. Não tinha compreendido a atitude de seu pai, mas sentia algo de bom.

Começou o filme e Daniel pediu pipoca, então o pai disse aos dois:

O dinheiro que me restou só vai dar para comprar um pacote. Vocês terão que dividir. Daniel e Gabriel concordaram e foi aí que Gabriel começou a pensar:

Se papai tivesse ficado quieto, e tivesse pagado apenas metade do meu ingresso, ele teria dinheiro para comprar dois pacotes de pipoca. Mas se ele tivesse feito isso seria justo ou injusto? E se alguém descobrisse? E mesmo que ninguém descobrisse, seria desonesto?

Gabriel começou a pensar em como ele poderia estar se sentindo se tivesse enganado o bilheteiro. E cada vez que essas idéias vinham em sua memória ele sentia uma angústia sem fim, pois não gostaria que ninguém lhe fizesse a mesma coisa.

Começou a refletir:

-Ora se ninguém descobrisse, ninguém saberia. Mas espera aí! Eu saberia, meu pai saberia e meu irmão também! Então alguém saberia! E começou a ficar novamente angustiado.

-Não, isso não está certo! A gente tem que respeitar e ser honesto com as pessoas assim como queremos que as pessoas sejam com a gente! E repartir um pacote de pipoca não é tão ruim assim, pois nós dois vamos comer à vontade e assim nos divertir assistindo filme!

Sem ter conseguido compreender a situação, Gabriel assistiu o filme e se divertiu muito.

Na saída do cinema ele só tinha uma certeza que acabou falando ao seu pai:

-Pai, quando eu crescer quero ser uma pessoa admirável igual ao senhor, para sempre conseguir tomar as decisões corretas em qualquer momento da minha vida!

Pensamento ou Realidade?

Hoje acordei contente
Pois tive um sonho maravilhoso
Sonhei que as pessoas se ajudavam
Ninguém discutia e todos se amavam

Depois comecei a pensar
Que tudo aquilo não era realidade
Mas mesmo sendo sonho
A alegria senti de verdade

Fiquei muito confuso
Pois na minha cabeça começou a passar
Tudo o que tinha vivido
E novamente vi todos os sentimentos voltar

Lembrei do beijo de minha mãe
Da atenção e do carinho
E nesse momento escutei meu coração
Com muito amor bater devagarzinho.

Mas logo em seguida lembrei da briga
Que tive ontem com meu irmão
E senti coisa ruim
O coração disparou feito um vulcão.

E me lembrei com rapidez
De todas as tardes
Que juntos eu e meu irmão
Brincamos felizes de verdade.

E com muita mágoa no coração
Por causa da briga eu me perguntei
Se amo tanto meu irmão
Por que brigamos então?

Fiquei ainda mais confuso
Dentro de mim sentimentos
E percebi que depois das brigas
Me batia o arrependimento.

Sabia que faltava algo
Faltava o diálogo entrar
Antes das brigas e mágoas
E, então pensei: será que essa é a solução?
E se não for qual será?

“O Bem e o Mal”

Alguém se lembra de escutar
Histórias, lendas e contos,
com fadas e bruxas
antes de se deitar?

São histórias bonitas
Que sempre tem algo a nos ensinar.
Nos mostram o que é o bem e o mal
Para um dia nos ajudar.

Pois no mundo em que vivemos
com o bem e o mal vamos nos deparar.
Só vai depender da gente
decidir para que lado vamos caminhar.

Tendo dois caminhos, terá que decidir:
entre flores e espinhos, qual você irá seguir?
Você já pensou sobre o bem e o mal?
O que você acha disso?

“O Troco”

Certo dia, de manhãzinha, Danilo, um menino de nove anos de idade, chegou à escola e presenciou uma briga que estava acontecendo na sua sala de aula. Um de seus amiguinhos estava sendo injustiçado. Um aluno desagradável e temido, tido como “o valentão”, obrigou seu amiguinho a lhe entregar seu dinheiro do lanche. O menino, incapaz de colocar para fora o grito de liberdade e de poder colocar um fim naquela situação, entregou todo seu dinheiro para o aluno que o desafiava.

Naquele dia Danilo dividiu seu lanche com seu amiguinho, mas isso não apagou as imagens de injustiça que ele havia presenciado de sua memória nem lhe tirou o sentimento de impotência diante daquela situação.

Danilo saiu da escola e correu para a casa com uma dúvida enorme. Chegando em casa perguntou para seu pai, um trabalhador honesto, prestativo e simples:

-Pai, o que significa Justiça?

Então seu pai respondeu:

-Justiça significa dar o devido valor às coisas e a tudo que se merece.

O menino ouviu atenciosamente as palavras de seu pai e, em seguida, indagou:

-Para que serve a justiça?

-Serve para que permaneçamos dignos de Deus, respondeu o pai.

Na semana seguinte apareceu um aluno novo na escola. Ele era alto, forte e gostava de atormentar e desafiar a todos. O “valentão” sentiu-se ameaçado pela primeira vez e isolou-se agora, este novo aluno era o grande temido na escola.

Dias depois, no recreio, o novo aluno obrigou “o valentão” a entregar-lhe seu dinheiro e este o fez imediatamente e foi sentar-se distante e sozinho.

Danilo e seu amiguinho assistiram à cena, calados, e, alguns minutos depois, sentaram-se ao lado do “valentão” e dividiram seus lanches com ele.

Naquele dia Danilo chegou à casa feliz e sorridente. Seu pai, então, perguntou-lhe:

-Posso saber o motivo de sua alegria e do sorriso em seu rosto?

-Pode sim papai. È que hoje entendi realmente o que é justiça, respondeu o menino.

-E você pode me explicar o que è? Perguntou o pai.

Então o menino falou:

-Justiça é quando as pessoas reconhecem os valores das coisas e das pessoas. Quem viver com honestidade e justiça será sempre premiado por Deus.

Valores e Contra Valores

Justiça: solidariedade, sinceridade, colaboração, implacação, respeito, crítica construtiva.

DÚVIDA

Todos final de tarde dois amigos se encontram para trocarem desafios.

Hoje é sobre política. Vamos ver o que surgiu:

Meu compadre conte agora

Em que vosmecê vai votá.

Digo não meu compade

Ainda to a pensá.

Então escute com atenção

Que agora vou te ajudá

Ocê alembra do Zé Solidariedade?

Ajudava todo mundo

De todos tinha piedade!

Ah! Se me alembro bem

È aquele agiota, que só contava lorota

Levou todo mundo pro buraco

Pegando dinheiro dos fraco!

Então cumpadre, de outro vô lhe falá

Se se alembra do João Sincero Faria?

Não guardava nenhum, segredo

E a todos entendia!

Se me alembro. Ai como se alembro bem

Foi aquele que sincero se dizia

Empregou sua família

E só a sua fortuna crescia.

É cumpade ta difícil de achá

Eu penso que ajudo ocê

Mas em nenhum dá pra confia

Precisamos de alguém

Pra pode com nós colaborá!

Cumpadre ocê tem razão

O que queremos é respeito

Alguém que olhe por nós

E nossos irmão

Ah! Meu amigo

Só quando nós dois marrê

Só lá no céu é que vamo

Um homem desse conhecê!

O que são relações? Que tipo de relações constituem as famílias, escola e sociedade?

As relações existem? Elas são coisas ou seres? Como assim?

FILOSOFAR

Ricardo chegou à sala de aula e foi logo perguntando ao professor, o que são relações.

Seu professor, surpreso com a dúvida do garoto, respondeu-lhe:

-Penso que o que você quer saber tem a ver com ligações. Acho que... com ligações entre pessoas e seres. Mas, acho melhor perguntarmos aos outros o que são relações.

Márcia disse: “existem relações familiares; isso é o que liga as pessoas a outras pessoas, por exemplo, os irmãos que estão ligados uma aos outros pela familiaridade”.

Beto disse à classe que os números também têm relações. Um número pode ser maior que o outro ou menor.

As palavras estão ligadas a outras palavras. Quero dizer: para se formar um frase precisamos ligar uma palavra à outra. Sujeito com o verbo, com predicado, com adjetivos... - disse Cidinha.

As coisas parecem mesmo ter relação disse: Marcos. Por exemplo: a roda está ligada ao carro, os dedos e as mãos, uma porta e uma casa, um rio a um mar...

-Legal!-disse Luís-agora até eu já sei o que uma relação e posso dar um exemplo. Você quer saber Ricardo?

-Fala Luís! Exclamou o garoto.

-Pensa comigo. “Palavras e coisas têm relação”. Por exemplo, a palavra “montanha” tem relação com todas as montanhas que existem! E a palavra “Japão” tem relação com o país Japão!

O professor de Ricardo esperou, mas ninguém disse mais nada. Então ele elogiou os alunos:

-Muito bom pessoal! Vocês ajudaram o Ricardo a descobrir muitas coisas, não é Ricardo?

O garoto olhou para o professor com a expressão mais triste do que a tinha quando chegou e, balançando a cabeça, num suspiro fundo, murmurou:

-Ninguém me diz nada. Tenho que entender as coisas por mim mesmo...

Por que as pessoas querem saber tanto a respeito de tudo?

Conhecimento e saber são a mesma coisa?

Curiosidade

Juquinha é um menino muito curioso. Tudo o que vê logo quer saber o que é.

No caminho para a escola, sua mãe precisa de muita paciência para satisfazer a curiosidade do menino.

-Mãe, por que tem tantas placas na rua?

-Bem meu filho é por que...

-Mãe por que os carros andam tão depressa?

-Acho que é por que...

-Manhê, por que eu tenho de ir à escola todos os dias?

-Isso não é verdade! Você não vai todos os dias. De sábado e domingo...

-Mas por que não é verdade?

-Ora, por que...

-Oh! Mãe... Por que você me traz todos os dias à escola?

-Filho, você é pequeno ainda e...

-Oh manhê! Sabe o que eu penso?

-Não, não sei.

-Eu penso que você pensa que eu não sei de nada, não é?

-Bem filho. Não é bem assim. Eu penso que...

-Ah mãe! Não me enrola...

Borbocó “A princesinha”

Em um reino distante havia uma linda princesa. Seus cabelos encaracolados brilhavam com a luz do sol!

Era uma criança muito especial, porém sempre agia impulsivamente, nunca parava para pensar.

Dizia que sua ama parecia “vacata”, pois tinha grandes seios e andava como uma pata.

A cozinheira, “panela de pressão”, pois vivia chiando e a qualquer momento explodiria como um vulcão.

O jardineiro “anão de jardim”, pois vivia abaixado cuidando do jasmim.

Os guardas “sardinha em lata”, pois viviam presos em suas armaduras, esperando alguém que os combata.

E assim vivia a princesinha, sem pensar no que fazia e a todos magoava enquanto se divertia.

Certo dia, todos resolveram a história reverter, para mostrar à princesinha que suas brincadeiras os faziam sofrer.

Chamaram-na num coro só de: “Maria Borbocó”, pois vivia como uma borboleta tonta solitária de dar dó.

Muito magoada, com o rei foi falar e esse de imediato já sabendo do fato, pôs-lhe a perguntar:

-Tu pensastes no que fizeste, ou fizestes sem pensar?

A princesinha pôs-se a indagar:

-“ Para agir “de maneira correta e justa é preciso bem pensar?”

Escola

Lápis, borracha, cadernos

Pequenos sonhos

Homens de terno

Grande ostentação

Vida sofrida

A luta pelo pão

Entre grifes,

Pé no chão

Grandes marcas,

Roupas do irmão

Muito alimento

Único suprimento

Vida

Sonho

Alegria

Desanimo

Obrigação

Agonia.

Realidade

O que podemos dizer que a realidade é?

É o homem vivendo da razão, é a beata com sua fé.

É o animal agindo pelo instinto.

É o homem perdido em um labirinto?

Não sabe me explicar?

São os pássaros vivendo livres

É o homem a se aprisionar?

Que é a realidade? Não sabe não?

É a delicadeza de uma flor?

Ou a força de um leão?

Viver a realidade e ter os pés no chão?

Ou viver viajando nos pensamentos ouvindo só o coração?

Corra me explicar agora.

Abra sue coração

Coloque tudo para fora.

Se te perguntares um dia o que é Realidade?

Saberás responder de verdade?

Realidade se explica?

É a velocidade de um Leopardo

Ou a calma do bicho preguiça?

A dúvida:

Lá estava ele, parado diante daquela imagem. Tão pequeno e já tendo que conviver com os percalços que a vida lhe apresentava.

Via e não entendia. A discussão entre seus pais entrava em sua mente como flechas a atingir seu peito.

Ouviu de seu pai que sua mãe não era uma grande pessoa, e então se perguntava: "O que é ser uma grande pessoa? O que significa ser considerado como pessoa? A quem consideramos de verdade como pessoa?"

Aquelas perguntas inquietavam o seu ser, queria as respostas, mas onde encontrá-las?

Saiu a andar pelas ruas, a procurar de alguém que lhe pudesse ajudar. No caminho entrou no mercado para comprar um doce e olhando dentro dos olhos do dono do mercado, perguntou:

-O que é ser uma grande pessoa?

-Ser uma grande pessoa é pagar as contas em dia, nunca ficar devendo. Comprar bastante, encher a carrinho e pagar direitinho – respondeu assim o homem.

Saindo do mercado, deparou com um mendigo a pedir ajuda. Aproximou-se e com um pouco de receio lhe deu as moedinhas que lhe restavam e aproveitou o ensejo, sentou-se a seu lado e perguntou;

-O que é ser uma grande pessoa?

O mendigo respondeu:

-Ser uma grande pessoa é agir como você, ser puro, caridoso, humilde e não ter preconceitos.

Despediu-se do menino que ainda confuso ficou a pensar, sem notar que o mendigo se afastava e seguiu seu caminho.

Olhou para os lados e lá o pedreiro a trabalhar. Por que não para ele perguntar?

Levantou-se e foi até aquele trabalhador e já sem graça perguntou:

-O que é ser uma grande pessoa?

O pedreiro secou o suor de seu rosto e com o semblante cansado falou-lhe:

-É acordar cedo, trabalhar de sol a sol, sustentar a família, dar carinho e não deixar nada faltar.

Conversaram mais um pouco e tendo o pedreiro que voltar ao trabalho, despediu-se do menino dizendo que esperava tê-lo ajudado.

Pensando nas respostas obtidas e ainda confusas em sua mente resolveu pedir ajuda ao padre.

-Padre, o que é ser uma grande pessoa? Ajude-me, pois acho que não encontrei ainda a resposta correta.

O padre com sua bondade e paciência respondeu:

Ser uma grande pessoa é ser religioso, vir à missa sempre, doar-se e amar o próximo como uma mãe ama teu filho.

O menino pensando em tudo que ouviu, abriu um sorriso e correu de volta para casa.

Ao encontrar seus pais disse:

-Eu descobri o que é ser uma grande pessoa. E os pais sem entenderem o que estava acontecendo perguntaram:

-E o que é?

E o menino disse...

Propor que os alunos continuem o conto. E mais tarde reuni-los em círculo para que leiam cada qual sua continuação gerando o diálogo sobre a temática.

A fazenda diferente:

João da Roça era um pacato e modesto morador da Fazenda Interessante. Esse nome dado à fazenda não era por acaso, lá realmente é muito diferente.

Podemos começar com o galo, que logo ao amanhecer, descia acordava a galinha, cantava bem alto e conduzia os pintinhos até o celeiro.

Lá estava Dona Coruja, que diferente de outras de sua espécie, adorava acordar cedo e lecionar para seus alunos. Entre eles o cavalo, que nunca prestava atenção nas aulas e vivia dando coice em seus amigos, o porco Chiquinho que na aula de Ciências sempre fugia (pois higiene nem pensar), a tartaruga que sempre chegava atrasada, a preguiça que nunca terminava a sua lição...

O mais “esperto” de todos os alunos era a raposa, pois com sua agilidade, mal chegava e já ia embora carregando o lanche da turma. Ah! E o papagaio esse nem te conto, se achava inteligente e o resto todos tontos.

A vaca sempre trazia confusão, pois seu sino era sempre confundido, e todos corriam pensando ter chegado à hora do recreio. E a vaca sonsa, sempre dizia não saber o que acontecia, pois sempre que chegava todos desapareciam.

Mas a festa não durava muito não. Logo aparecia o cachorro Simão, que já acostumado com a confusão fazia todos voltarem.

E assim se passava os dias naquela fazenda, até que um dia a Dona Coruja ouve uma conversa entre Seu João e sua esposa, onde João não concordava com sua amada que dizia que os animais daquela fazenda agiam diferente.

E dona Coruja ficou a pensar: “Mas que idéia, ele não aprendeu essa matéria?”

Será que ele acha que o agir humano é diferente do agir dos animais? Em quê? Isso só porque eles acham que tem o saber?”

Que pena do seu João, precisa ir até o celeiro e aprenderá mais essa lição!

Questão: “O agir humano é diferente do agir dos outros animais”? Em quê?

O saber, o que se faz e as intenções tornam o agir humano diferente do agir dos outros animais? Por quê?

Confiar ou não confiar? Eis a questão

No final do ano passado, nossa escola resolveu participar de um concurso sobre a energia elétrica

A professora Édina dividiu a sala em grupos. Foi super legal!

A Aninha aquela que eu paquero desde a 1ª série, ficou no meu grupo. Mas, em compensação o Nicolas, aquele aluno irresponsável e mal educado, também estava no nosso grupo.

Desde o primeiro dia que nos reunimos, o tal do Nicolas sentou-se quieto, ouviu-nos, balançou a cabeça, suspirou... Na hora do voto, para sabermos qual idéia seria a ideal para a realização do trabalho, ele não participou.

Também, só de raiva, não conversamos com ele. Dividimos as tarefas e assim, eu e a Aninha (minha paixão) ficamos responsáveis em trazer algumas tintas e papéis machê; o Peruca deveria trazer a placa de isopor; a Luiza, algumas caixinhas de leite; o Catapora varetas de linhas; a Marcinha cartolinas coloridas e o Nicolas...ah! Para ele deixamos o mais fácil! Palitos de sorvete. É isso aí!

Pensamos: “Se ele trouxer palitos para a torre de alta tensão, já estará participando e, além do mais, duvido que ele seja capaz de construir tal torre sozinho...”

O próximo encontro era na sexta-feira. Estávamos todos eufóricos, pois nesse concurso, o melhor trabalho ganharia medalha de honra ao mérito e seria exposto no saguão da prefeitura de nossa cidade.

Logo chegou o dia da construção de nossa maquete. Todos presentes, materiais apostos, alunos dispostos. Começamos o trabalho distribuindo as tarefas: “Nicolas, você gosta de pintar?” – ele responde que sim. Então, resolvemos que pintaria os palitos com tinta cinza, mas logo descobrimos que ele não tinha trazido os palitos.

Foi super chato. Ficamos muito bravos com o Nicolas, que jurou trazer os palitos na próxima reunião. E assim foi nas duas reuniões seguintes: na

primeira, não deu pra comprar, desculpamos, na segunda, esqueceu em casa, isolamos ele.

A maquete estava quase terminada. Faltavam alguns detalhes pequenos e o mais importante! A nossa torre de alta tensão.

Apertamos o colega: “E aí cara, você vai trazer os palitos ou não vai?” e ele respondeu com desdenho:

-Já trago pronta, tá! Não precisa ficar nervosinho!

Eu, o Catapora e o Peruca quase pulamos no pescoço daquele chato. Ele foi salvo pela doce voz da minha Aninha: ‘Não liga, meninos... Eu sei que vocês não são meninas, não é Luiza e Marcinha?’ “As meninas concordam e nós ficamos vermelhinhos”.

Confiantes que o tal do Nicolas traria a torre pronta, ninguém se propôs a confeccioná-la. Afinal, a “menininha” responsável parecia ter se “apossado” dele.

Chegou o grande dia! É hoje que nós vamos ganhar esse concurso. Nossa maquete tá no capricho! As casas, ruas, postes de alta tensão, carrinhos e tudo esta lindo! Tudo...tudo..quer dizer, menos a torre de alta tensão. Onde está aquele Nicolas com a nossa torre?

Do outro lado de cidade, Nicolas está diante da torre enorme e toda prateada – pois era de ferro e fora pintada com spray prata. Pensa o garoto: “Eles não merecem essa surpresa”. Desprezaram-me. Não confiaram em mim... Pôxa vida! Esta é a única vez que me interesse por algo. Por que será que não confiaram em mim? Será que eu não lhes dei chance disso? Está certo, sempre fui um pouco irresponsável... Mas dessa vez seria diferente. O que devo fazer? Vou até lá? Fico aqui em casa, deixando-os frustrados? Aquela maquete está linda! Uma torre de palitos de sorvete?! É pouco! Esta é melhor!... O que eu faço?

Lá na escola, o grupo entra em desespero...

-Nós fomos idiotas! Confiamos naquele chato e irresponsável do Nicolas!

E agora? O que vamos fazer? Será que o nosso desprezo não foi o suficiente para ele perceber que deveria se mexer? Que deveria fazer algo para ser aceito no grupo? Pessoal, e agora?”

Todos se entreolharam, aflitos!

-Turma – disse Aninha – nós sabíamos que o Nicolas era irresponsável.

Por que não fizemos a torre? Por que deixamos pra ele essa responsabilidade?

-Por que deixamos pra ele? Deixamos porque esse seu namoradinho nos convenceu a dar um voto de confiança pra aquele... Aquele...

-Cuidado com o que fala! – disse o Catapora – Afinal, todos nós concordamos com isso!

Pessoal, silêncio! Vai começar a análise dos professores! – alertou Marcinha.

-Grande coisa!-retrucou Peruca.

Estávamos super apreensivos. Os professores vindo em nossa direção. Eu pensava: “Meus Deus, que falta de responsabilidade a nossa!” E agora?

De repente, quando os professores estavam chegando à nossa mesa, o Nicolas surge à nossa frente. Fuzilamos ele com o nosso olhar. E quando o Peruca se preparava para socar-lhe o queixo...ele mostrou-nos aquela obra-prima!

Era a torre mais perfeita que eu já tinha visto. Aliás, foi a torre mais perfeita que compôs a maquete mais criativa e caprichada daquela escola. E adivinha?!

Graças ao super Nicolas – que é lógico, foi desculpado pelo grupo, depois de também pedirmos desculpas, pela nossa “quase” confiança total nele.

– Estou indo ao saguão da prefeitura visitar a maquete que o meu grupo construiu. Ah! E a medalha, está no meu pescoço!

O Mundo

Às vezes nos deparamos com situações que nos deixam intrigados e confusos.

Muitas vezes achamos que já sabemos tudo ou quase tudo.

Num dia desses, ao cruzar uma praça, no centro da cidade, local onde alguns idosos se reúnem para conversar, principalmente sobre política, ouvi uma frase que me fez parar um pouco para refletir. Sabe dessas coisas que entram em nossa cabeça e ficam martelando com se fosse sempre o som de uma tecla do piano?

Ouvi um senhor dizendo: “o mundo está perdido” Depois de ter ouvido isso, caminhei mais um pouco, sentei-me num banco e comecei a questionar, mas o que é o mundo? Tudo o que existe faz parte do mundo? Por que alguns chamam de universo? Qual é o meu papel no mundo? O mundo está perdido, ou são as pessoas se perdendo?

Intrigada, fui para a casa pensando nesse assunto. Após o jantar, sentei-me na soleira da porta que dá de frente para a rua, onde as crianças nas noites de calor costumam brincar. Como ainda estava confusa sobre o que seria o mundo, resolvi chamar algumas crianças que brincavam com inocência, que só elas costumam ter, e perguntei-lhes o que seria o mundo para elas.

Quando perguntei ao Carlinhos de sete anos, ele me respondeu:

-O mundo é a minha casa, a minha rua, a minha escola, a minha mãe e o meu pai. Já Aninha, de nove anos, disse-me:

-O mundo é grande, sei que vai além do horizonte. Onde meus olhos alcançam.

Fiquei surpresa com a resposta de Rafael, de apenas oito anos.

-O mundo é uma grande bola que flutua pelo espaço e faz parte do universo.

Quando perguntei para o Flávio, o menorzinho dos garotos, de apenas seis anos, ele me respondeu bem assim: .

-Ah! O mundo... é o chão que piso.

Depois de ouvir todas essas crianças, entrei e como minha irmã estava sentada no sofá da sala lendo, e é uma pessoa adulta como eu, fiz a ela a seguinte pergunta:

-Sofia, o que é o mundo para você?

Ela não me deu uma resposta imediata, pensou um pouquinho e arriscou mesmo na incerteza:

-Bem, eu acho que o mundo é tudo aquilo que existe, pois tudo o que existe faz parte do mundo.

Mesmo depois dessa resposta ainda não me convenci, e continuo fazendo esse questionamento: O que seria o mundo?

A Família

Hoje acordei pensando sobre minha família. Fiquei horas olhando para o teto do meu quarto, ouvindo o tic-tac do relógio e pensei:

-Puxa! Como gosto dos meus pais, dos meus irmãos, dos meus avós.

É muito bom quando estamos todos juntos.

Semana passada, meu irmão Pedro sofreu um acidente de bicicleta, bateu a cabeça e teve que ficar internado em observação.

Lá em casa, ficamos todos nervosos e preocupados, sentindo a falta de Pedro entre nós.

Comecei a pensar o que seria da minha família, e já não podia mais ouvir o tic-tac do relógio. Meu pensamento vagou e passei a ver meus amigos e suas famílias, como se fosse um filme; algum deles não tem uma família como a minha, que dão beijos, abraços, que transmitem amor.

Percebi que as famílias não são todas iguais.

Curioso, não consegui mais ficar na cama, divagando em meus pensamentos. Rapidamente me arrumei e fui para a escola.

Lá. Comecei a questionar meus amigos sobre o que é a família para eles e ouvi várias respostas.

Para Bruno é ter alguém que não deixe faltar nenhum brinquedo, Everton respondeu que família era sua avó e seu cachorro, porque a mãe foi embora e o pai nunca está presente, Jéssica não concordou com os meninos e disse que para ela, família é ter muitos irmãos e alguém para olhar por eles.

Na hora do recreio, perguntei também para a merendeira e ela disse que família é amor, respeito e responsabilidade.

Voltando do recreio, fui perguntar para a professora, mas ela não me deu a resposta, e pediu para que eu pensasse sobre o assunto.

Senti meus neurônios funcionando como uma engrenagem e as idéias começaram a se encaixar.

Percebi que existem vários tipos de famílias: umas tristes outras alegres, algumas sentem falta de pessoas, outras sentem falta de carinho e amor, existem ainda, as que passam necessidades e aquelas que têm muito dinheiro.

E para você, o que é a família?

Tudo o que existe

Acordei com muita sede, então fui à cozinha e peguei um copo d'água. Antes, porém de levá-lo a boca, derrubei-o no chão. Espatifou-se, foi quando notei que era feito de minúsculas partículas, partículas de areia (mais tarde vim, a saber).

O episódio com o copo fez-me pensar em como foram criadas as coisas: as casas, os carros, os eletrodomésticos, enfim, tantos aparelhos que hoje facilitam nossa vida. Claro, pensei logo, foram criados pelo homem, frutos de sua inteligência; isso acalmou minha curiosidade.

Duas semanas depois dos meus primeiros questionamentos, houve um temporal na cidade e várias árvores foram arrancadas do chão. Inquietei-me novamente e comecei a questionar: como foram criadas as coisas que não vieram da inteligência do homem? A natureza, e ser humano, as emoções. Porque foram criadas essas coisas?

Decidi dedicar-me, e descobri de onde vieram todas as coisas que não são criações do homem, e o primeiro lugar onde fui buscar as respostas foi na ciência.

Li várias teorias sobre como surgiram as coisas e o mundo, mas nenhuma me convenceu, umas por serem mirabolantes demais, outras por serem demasiadamente ridículas, mas todas por serem inconsistentes e improváveis.

Continuei a pensar, ler, estudar, e descobri que dentro de mim há muito mais coisas que eu imaginava: tenho um corpo, formado por pêlos, pele, nervos, músculos, carne, sangue, tenho órgãos internos: uns enormes e outros minúsculos, mas tenho algo que altera todo esse organismo: os sentimentos, as emoções. Esses são invisíveis. Como explicar pela ciência, que todo o meu perfeito corpo não é capaz de se manter “em ordem” quando me sinto decepcionada, magoada, abalada psicologicamente falando? Desisti da ciência...

Apeguei-me à religião, tornei-me um sacerdote, dedicando-me aos sentimentos, às coisas invisíveis, mas também não obtive resposta para as minhas perguntas, os meus questionamentos continuaram inalterados.

Inquietei-me novamente e resolvi me dedicar a filosofia, fui ser filósofo...

Questionei a todos que encontrei, obtive diversas respostas, mas nenhuma me fez satisfazer. Como explicar uma coisa que muda de parecer constantemente?

Como achar respostas de uma verdade que não pode ser absoluta, pois ela é relativa e muda com o tempo e o pensamento de cada indivíduo? Como explicar tudo o que existe? Como dizer se o que vejo, é o mesmo que você vê?

Os questionamentos continuam... Indefinidamente... Sem uma resposta definitiva.

As trocas da Vida

No último final de semana, viajei para uma cidadezinha do interior para me recuperar de um fato que me aconteceu no mês passado, e que anda mexendo muito com meus sentimentos.

Estava no aeroporto na sala de espera, aguardando meu embarque, quando um jovem senhor desesperado, sentou-se do meu lado e me disse que seu filho estava doente, e que não tinha conseguido voltar para aquele horário. Conversamos e naquele momento ele me pediu se podíamos trocar os vôos.

Pensei e resolvi trocar, pois meus compromissos podiam esperar.

Ele embarcou e eu fui a um hotel, resolvi descansar e acabei adormecendo. De repente, acordei assustado. Pois tinha tido um pesadelo horrível.

Como não conseguia mais dormir, liguei a televisão, e nesse momento, os telejornais de plantão anunciavam a queda de um avião onde não ficou nenhum sobrevivente. Atentei-me a notícia, e fiquei parado como uma estátua, pois o avião que caiu era aquele que eu deveria estar.

Entrei em desespero e comecei a questionar por que eu não tinha embarcado?

O que me levou a tomar aquela atitude? Será que minha missão ainda não acabou?

Estou aqui, nessa cidadezinha calma, buscando respostas que não consigo encontrar.

Só penso numa coisa: será que Deus quer que eu cumpra alguma missão? Que missão? Por que não morri? Qual é o objetivo de eu estar aqui?

Não sei, só sei que procuro respostas, que estão além do meu entendimento.

“Nem tudo que reluz é ouro”

Apelidaram-me de desplugado, mas na verdade sou um peixinho dourado.

Para começar minha pequena estória, vou contar-lhe um segredo, não sei se aceito a realidade ou se vivo com medo.

Você sabia que a memória de um peixinho dourado dura menos que três segundos?

Quando nasci não me lembro. Tudo o que digo esquecerei, só não me esqueço que nada lembrarei.

Sei que sou real, sei que posso pensar, a única coisa que não sei é se depois vou me lembrar.

O pouco que tenho de memória, tenho muito de amor e sei que meus familiares são como as pétalas de uma flor.

A flor é real e bonita, “pode tanto perfumar como impregnar nossas vidas”.

Sabemos que uma flor não dura para sempre, por isso é que comparo com a família da gente.

Há pétalas que duram até a flor murchar, como há pétalas que murcham antes mesmo de brotar.

Sei que faço parte do todo, sei que o todo faz parte de mim.

Será que o mundo sempre foi assim?

Será que há razão para existir tudo o que existe?

Sei que para muitos não sou nada?

Mas, o que seria da rua sem a calçada?

Sei que o tudo e o todo fazem parte do Universo.

Será que estou certo ou será que é o inverso?

Sei que com tantas perguntas pareço complicado e indeciso.

“Mas saiba que sou feliz apenas porque vivo”

Quando você não acreditar...

Quando há tristeza é preciso acreditar.

Quando a vida nos derrubar é preciso acreditar que ainda existe vida.

Quando as palavras não são ouvidas, é preciso acreditar que ainda existem palavras a serem ditas.

Quando o coração parece triturado, de tanto não ser levado em conta, de tanto ser deixado para o lado é preciso acreditar que o coração ainda existe.

Quando todos nos chamam de loucos varridos por estarmos preocupados com a humanidade, é fundamental acreditar que tudo que fazemos tudo que iniciamos tem continuidade...

Quando o desânimo amanhece com a gente, jogando fora as esperanças, a fé, criando dúvidas, decepções, é fundamental não ter receio de abrir os olhos e ver que o sol da manhã existe...

Quando tudo isso nos acontecer é fundamental que se continue a acreditar que o entusiasmo continua a 300 Km por hora, é preciso acreditar que é necessário seguir em frente.

E quando a solidão nos abater é essencial continuar acreditando que sobre essa tristeza toda, existe um sorriso, louco de Esperança...

Apesar de tudo; Amor, desamor...

Solidariedade, egoísmo...

Olá! Como vai? Meu nome é Amor.

Faço parte da vida de todos, todos não; faço parte daqueles que tem amigos, pois ter amigos é ser feliz.

Amor é ser feliz consigo mesmo. Mas o amor apesar de ser lindo também faz seus estragos.

Nem sempre somos queridos, mas sempre buscamos autenticidade.

Nem sempre acertamos, mas sempre devemos tirar proveito dos erros.

Estamos assim aprendendo a manejar nossa própria vida, nos princípios; mas sabemos que esses valores sempre se relacionam com outros valores sempre e que têm, também; os seus outros valores:

Princípios do respeito, desrespeito...

Justiça, injustiça...

Solidariedade, egoísmo...

Amor, desamor...

Paz, guerra e assim por diante...

Sabemos muito bem que existem aqueles que fazem trabalho voluntário só para ser reconhecidos, obter favores e elogios ou ganhar pontos com Deus, aí não!

Em vez de solidários estão sendo egoístas e interesseiros. É quando a pessoa é solidária somente para se mostrar e se promover aos olhos das demais pessoas.

Apesar de tudo...

Acredito no Amor, aí quem sabe um dia eu Felicidade, não bato a sua porta?!

Vida

Ser a essência de existir

O que faz a diferença do ser?

Seus sentimentos a exhibir

Sorrir amar sentir

Ser hoje, amanhã e o depois,

Ser bom ou ser mal?

Como é o ser?

Ser e interior perfeito

Ser e receio

Ser mais de que o poder.

Ou ser meu lado frágil

Quem sou?

Ser a influência externa

Ser a imagem

Ser o que nos move

Nos leva ao retorno

Da nossa essência.

O que é ser uma pessoa boa?

A Diferença

Um grupo de crianças estava brincando em uma pracinha e próximo a eles havia alguns animais: cachorros, gatos pássaros etc. Um integrante do grupo então parou e pôs-se a pensar no agir do ser humano e de outros animais. Percebeu que agem de diferentes modos, e é claro querendo encontrar o porquê, levando a dúvida aos demais. Como age o ser humano? Ele conduz o seu modo de agir? Quais as diferenças? Quem se organiza melhor?

Iniciou-se assim a discussão entre as crianças, cada um expondo a sua idéia, seu pensamento. Surge a primeira opinião: Será que o ser humano age de modo diferente de outros animais porque pensa? Outro questiona;

Resolveram então comparar o seu relacionamento na sociedade com o dos animais, e perceberam as diversas formas de entender e enfrentar os problemas que aparecem em cada um. Por exemplo, o ser humano, na maioria das vezes, age pensando só em si, esquecendo de seu próximo. Já no mundo animal só surgem brigas quando se trata de sobrevivência e que até gato e cachorro conseguem ser amigos. As crianças não conseguiram solucionar todas suas dúvidas, ela esperam conseguir mais opiniões. Que tal vocês ajudarem-nas a obter uma melhor resposta?

O recreio

Brincando no pátio de uma escola Renan e Joana estão entretidos no jogo de ping-pong os outros colegas do grupo observam atentos esperando a vez de jogar.

De repente Renan arremessa a bolinha e Joana ao tentar defendê-la se depara com Guilherme bem ao seu lado impossibilitando-a de realizar sua defesa.

Nesse momento Renan vibra de alegria, ele marcou ponto?

Por ser esta jogada a final e cumprindo as regras do jogo Joana foi desclassificada.

Ela se entristece e explica o motivo por não ter defendido.

Qual seria a atitude justa para resolver este dilema?

A justiça é sempre necessária? Por quê?

O que é justiça?

A AVENTURA DO CANARINHO

Em um lindo bosque repleto de árvores de todos os tipos e lindas flores perfumadas vive um canarinho muito diferente. Enquanto todos os animais são felizes o canarinho não, pois ele gosta é de aventuras.

Certa manhã, já cansado de procurar desafios e aventuras no bosque, o canarinho resolve ir embora sem saber ao certo para onde iria. Ele começa a voar, voar, e passado algum tempo avista uma cidade e fica tão curioso para saber o que existe lá que decide pousar em um prédio muito alto.

Ele ficou encantado de ver tantas coisas diferentes que lembravam um pouco o bosque em que vivia, porém, no lugar de árvores havia grandes prédios, em vez de grama verdinha havia asfalto e quem eram aqueles se movendo lá embaixo?

Ele ficou tão curioso que pergunta ao primeiro pardal que pousa ao seu lado:

-Oi amigo! Você é pássaro como eu certo? Mas quem são aqueles que estão lá embaixo? Tenho observado daqui que eles andam e falam, mas são muito diferentes dos animais do bosque.

-Você não sabe? Indaga surpreso o pardal. - Eles são pessoas! Mas o canarinho insiste:

-Esta bem, mas o que são pessoas?

-Pessoas são seres humanos, eles pensam, andam, falam, sentem alegria, tristeza e às vezes brigam e outras vezes são amigos.

Ainda não satisfeito com a resposta o canarinho continua indagando o pardal:

-Ainda não entendi o que é ser pessoa...

Cansado de tentar explicar o pardal resolve levá-lo até Viralatão, um cachorro muito sábio e chegando lá o canarinho já começa a questionar:

-Olá senhor Viralatão! Já sei que as pessoas são seres que pensam, falam e andam, mas não vejo muita diferença entre o que é ser pessoa e ser um animal.

-Canarinho, responde Viralatão, não podemos considerar como pessoa somente indivíduos que tem a capacidade de pensar, mas aqueles que podem decidir o que é e o que não é. Que podem decidir o que realmente querem ou não para si mesmo!

-Pessoas podem optar por viverem sós ou em grupos, e até mesmo decidirem quem pode ou não fazer parte de sua sociedade ou de seu meio. Pessoas não podem definir como serão em sua essência, sua cor, tamanho, sexo, mas podem transformar tudo a sua volta se vêem como realmente são. Pessoas são seres humanos, animais racionais por definição, mas indivíduos por excelência, capazes de decidirem por si mesmos qual o caminho seguir sendo capazes também de equilibrar suas emoções.

Ao escutar isso o canarinho ficou muito feliz, pois essa tinha sido a maior aventura de sua vida; tentar descobrir o que é ser pessoa!

- 1) O canário ficou feliz com a narrativa de Viralatão?
- 2) Você ficaria? O que você poderia acrescentar nesse relato.

O Presente de Letícia

No aniversário de Letícia sua madrinha presentou-lhe com uma linda tartaruga. Em sua casa já existiam outros animais, um gato esperto e curioso, um cachorro muito rabugento, um papagaio falante e um peixe observador que analisava tudo o que acontecia na casa.

Chegando à casa a tartaruga passou a ser o centro das atenções fez amizade com o peixinho e começou a fazer perguntas:

-Quem são os outros moradores da casa?

-São pessoas - diz o peixinho.

-O que é ser pessoa? Pergunta curiosa a tartaruga.

-Pessoas são seres muito complicados, nunca sabemos o que querem e em alguns momentos estão felizes e em outros estão bravos.

O cachorro que ouvia a conversa disse:

-Ontem Pedrinho pisou no meu rabo e ainda me chutou dizendo que eu é que estava no meio do caminho.

O papagaio disse:

-Não concordo com você. As pessoas nos alimentam e nos tratam com carinho.

O gato que a tudo observava comenta:

-Acho que apesar disso, eles podem dizer o que pensam, o que sentem em relação uns aos outros. Cada um tem seu modo de agir de acordo com seu estado emocional. Eles têm a seu favor a razão que os induz a decidir suas próprias atitudes. A tartaruga agradeceu aos seus novos amigos pelas explicações, pois nunca havia observado o modo de viver das pessoas.

No final da conversa chegou-se a conclusão de que cada um dá uma definição diferente para o que é ser pessoa. Assim ela também havia chegado a uma conclusão concreta a respeito do assunto.

E você o que pensa sobre isso?...